

LARISSA SCHUTTE VIDOTTI

Percepções dos professores sobre a relação com as famílias dos alunos

Versão original

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação

Orientador: Prof. Dr. Antonio dos Santos Andrade

Ribeirão Preto

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Vidotti, Larissa Schutte.

Percepções dos professores sobre a relação com as famílias dos alunos; orientador: Prof. Dr. Antonio dos Santos Andrade – Ribeirão Preto, 2017.

180p.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação.

1. Relação família-escola. 2. Educação. 3. Família.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vidotti, Larissa Schutte. **Percepções dos professores sobre a relação com as famílias dos alunos**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área de concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao *Prof. Dr. Antonio dos Santos Andrade*, por compartilhar seu conhecimento de forma generosa, dedicada e paciente. Os momentos que dividimos nesta caminhada contribuíram para meu crescimento profissional e pessoal. Sua calma e clareza foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À *Prof.^a Dr.^a Daniela de Figueiredo Ribeiro* e à *Prof.^a Dr.^a Fabiana Maris Versuti* Stoque pelo acolhimento, pela disponibilidade e pelas ricas contribuições para o fechamento deste trabalho.

Ao meu marido, *Frederik*, que sempre me estimulou a buscar respostas e a aprender novos conteúdos. Sua determinação e foco serviram de exemplo para que eu fizesse o meu melhor neste período. Meu parceiro de vida, dividiu comigo as alegrias e as dificuldades que permearam estes anos, principalmente nesta reta final em que, mesmo enfermo, reuniu forças para me trazer de volta o equilíbrio necessário para encerrar este ciclo.

À minha mãe, *Naide*, pelo apoio incondicional em todas as minhas decisões. Sua doçura e garra fizeram com que eu aprendesse a lutar pelos meus sonhos e objetivos. Ao meu pai, *Homero*, por sempre me incentivar a crescer profissionalmente.

Aos meus familiares, presentes e ausentes, por torcerem sempre por mim e por acreditarem em meu potencial.

Aos meus amigos queridos, pela paciência durante minhas ausências e por proporcionarem tantos momentos inesquecíveis de alegria. Aos meus colegas *Amanda* e *Carlos*, pela troca, em todos os sentidos, durante este intenso período.

À *CAPES*, pelo apoio financeiro por meio da concessão da bolsa de Mestrado.

RESUMO

Vidotti, L. S. (2017). *Percepções dos professores sobre a relação com as famílias dos alunos* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

O objetivo deste trabalho foi compreender a maneira como professores e gestores percebem a relação entre escola e família e identificar possíveis estratégias já existentes na prática desses profissionais no sentido de uma aproximação maior entre as duas instituições. A literatura científica da área indica que tal interação pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, porém também mostra que a escola exerce uma postura superior frente às famílias, aumentando a distância entre uma e outra e dificultando sua interação. Entretanto, algumas ações desenvolvidas se revelaram positivas na promoção desta relação, o que indica a necessidade de que a escola desenvolva estratégias para estabelecer uma gestão democrática, na qual pais e educadores possam se relacionar de maneira igualitária. Participaram deste estudo 30 professores e três gestores atuantes nas três escolas municipais de Ensino Fundamental de uma cidade do interior paulista. Através do emprego da abordagem qualitativa, do tipo etnográfica, foram feitas duas sessões de entrevistas semiestruturadas com cada professor e uma com cada gestor, além de observações participantes dos eventos escolares que contavam com a presença da família e da análise documental do Projeto Político-Pedagógico destas instituições. As entrevistas foram audiogravadas e transcritas na íntegra; as observações foram anotadas nos diários de campo; e os documentos coletados junto aos gestores. A Análise de Dados foi feita de acordo com a Análise Temática de Conteúdo. Os resultados apontaram para diversas dificuldades que permeiam a relação escola-família, contribuindo para a criação de pré-julgamentos e generalizações frente aos problemas enfrentados no cotidiano escolar. As observações mostraram que, na maioria dos casos, a família não é acolhida pelos educadores, revelando certa distância entre eles, na qual os pais assumem uma posição de espectador enquanto os educadores conduzem seus encontros. Entretanto, destacou-se a criação de estratégias por parte dos professores e gestores para reverter este quadro, além do desenvolvimento de atitudes positivas na forma como eles se relacionam com as famílias, criando um ambiente amistoso e colaborativo que beneficia o processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes, sendo que as características pessoais da equipe escolar podem influenciar esta relação, ou seja, aqueles mais pacientes, amorosos e compreensivos relataram nunca ter vivenciado problemas com familiares, que se sentem à vontade quando comparecem à escola, pois avaliam o relacionamento como igualitário e se voluntariam a participar e colaborar no que for preciso. Estes profissionais demonstraram estar disponíveis para a família não apenas em horários pré-estabelecidos, mas de acordo com a necessidade de cada um. Percebeu-se também que elogiar os alunos pode aumentar o elo do professor com a família, pois professores que utilizam este recurso, ao invés de se queixarem dos alunos, conseguem maior apoio dos pais ou responsáveis. Isso não significa deixar de abordar os problemas, mas rever a forma como eles são transmitidos, ressaltando os aspectos positivos das crianças a fim de fortalecer também sua autoestima. Desta forma, pode-se dizer que a relação escola-família é possível, desde que haja mudança na postura da escola capaz de empoderar pais e responsáveis.

Palavras-chave: Relação família-escola. Educação. Família.

ABSTRACT

Vidotti, L. S. (2017). *Teachers' perception of the relationship with students' families* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

The objective of this study was to understand how teachers and managers perceive the relationship between school and family and to identify possible strategies already existing in the practice of these professionals in order to approaching both institutions. Scientific literature in the field indicates that this interaction might contribute to the teaching and learning process, however it also shows that school assumes a superior posture towards families, stretching the distance between them and hindering their interaction. However, some actions developed revealed to be positive for promoting this relationship, what indicated the need for school to develop strategies to establish a democratic management, where parents and educators are able to relate in equal ways. Thirty teachers and three managers, who act in three municipal elementary schools in the countryside of the State of São Paulo, took part in this study. By applying an ethnographic qualitative approach, two sessions of semi-structured interviews were conducted with every teacher and one session with every manager, in addition to participant observations emerged from school events that had the presence of the family, and the documentary analysis of the political pedagogical project of these institutions. Interviews were voice-recorded and transcribed in full; participant observations were written in field diaries; and documents were collected with the managers. The data analysis was done according to the Thematic Content Analysis. The results pointed to several difficulties which are posed in the school-family relationship, contributing to prejudice and generalization upon the problems faced in school routine. Participant observations showed that mostly educators do not welcome family, disclosing a certain distance between them, where parents take a position of spectators, while educators conduct their meetings. Meanwhile, we noticed the creation of strategies by teachers and managers to reverse this situation, in addition to the development of a positive attitude in the way they relate with families, promoting a friendly and collaborative environment that benefits the teaching and learning process for children and teenagers; once the personal features of the school team may influence this relation, it means, those who are more patient, caring and comprehensive reported that they have never experienced problems with family members, and that they feel comfort when they come to school, because they evaluate their relationship as egalitarian and volunteer to participate and collaborate with what it is needed. These professionals show to be available to family not only in pre-established time, but also according to everyone's need. We also noted that praising the students might increase the bond of the teacher with the family, because teachers that use this resource, instead of complaining about their students, received more support from parents or legal guardian. It does not mean to not approach problems, but reverse the way they are conveyed, highlighting children's positive aspects with the aim of also strengthening their self-esteem. Thus, it is possible to say that an effective school-family relationship is achievable, since there is a change in the school's attitude capable of empowering parents and legal guardians.

Key words: Family-school relationship. Education. Family.

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1.	Categorias do tema A: Relação da escola com a família.....	50
ESQUEMA 2.	Categorias do tema B: Facilidades e dificuldades na relação da escola com a família.....	52
ESQUEMA 3.	Categorias do tema C: Dever de casa.....	53
ESQUEMA 4.	Categorias do tema D: Reunião de Pais.....	54
ESQUEMA 5.	Categorias do tema E: Concepções sobre a relação da escola com a família.....	117
ESQUEMA 6.	Categorias do tema F: Práticas desenvolvidas pela escola envolvendo a família.....	117
ESQUEMA 7.	Categorias do tema G: Como é feito o convite para a participação da família.....	118
ESQUEMA 8.	Categorias do tema A: Eventos promovidos pela escola com a presença da família.....	129
ESQUEMA 9.	Categorias do tema B: Organização dos eventos pela escola.....	129
ESQUEMA 10.	Categorias do tema C: Interação entre professores/gestores com as famílias durante os eventos.....	130

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.	Descrição dos professores.....	36
TABELA 2.	Descrição dos gestores.....	37
TABELA 3.	Local de realização e duração das entrevistas com os professores...	40
TABELA 4.	Local de realização e duração das entrevistas com os gestores.....	41
TABELA 4.	Descrição das visitas para observação dos eventos na escola.....	41

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

APA – *American Psychological Association*

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CONPE – Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional

GEPSEd – Grupo de Estudos e Pesquisas “Subjetividade e Educação”

HA – Hora-Atividade

HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

PPP – Projeto Político-Pedagógico

SUMÁRIO

PREÂMBULO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Legislação e normas sobre a relação da escola com as famílias dos alunos.....	13
1.2 Concepções sobre a relação escola-família.....	14
1.3 Estudos de revisão da literatura.....	19
1.4 Relatos de pesquisas.....	21
1.4.1 <i>A perspectiva dos professores sobre a relação da escola com as famílias dos alunos.....</i>	21
1.4.2 <i>A perspectiva dos pais sobre a relação da escola com a família.....</i>	22
1.4.3 <i>Dificuldades e problemas na interação entre a escola e a família.....</i>	25
1.4.4 <i>Intervenções com a finalidade de melhorar a interação entre a escola e a família</i>	27
1.5 Justificativas.....	30
2 OBJETIVOS.....	31
2.1 Objetivo geral.....	31
2.2 Objetivos específicos.....	31
3 MÉTODO.....	33
3.1 Referencial teórico-metodológico.....	33
3.2 Participantes.....	34
3.3 Instrumentos de coleta de dados.....	37
3.4 Procedimentos para a coleta de dados.....	37
3.5 Análise de dados.....	42
3.6 Considerações éticas.....	43
4 RESULTADOS.....	45
4.1 Descrição das escolas da rede municipal de ensino.....	45
4.1.1 <i>Caracterização da escola 01.....</i>	46
4.1.2 <i>Caracterização da escola 02.....</i>	47
4.1.3 <i>Caracterização da escola 03.....</i>	48
4.2 Resultados obtidos através da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com professores.....	50
4.2.1 <i>Tema A: Relação da escola com a família.....</i>	54
4.2.2 <i>Tema B: Facilidades e dificuldades na relação da escola com a família</i>	71
4.2.3 <i>Tema C: Dever de casa.....</i>	88
4.2.4 <i>Tema D: Reunião de Pais.....</i>	104
4.3 Resultados obtidos através da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com gestores.....	117
4.3.1 <i>Tema E: Concepções sobre a relação da escola com a família.....</i>	118

4.3.2 Tema F: Práticas desenvolvidas pela escola envolvendo a família.....	121
4.3.3 Tema G: Como é feito o convite para a participação da família.....	124
4.4 Resultados obtidos após a Análise de Conteúdo das observações participantes dos eventos.....	128
4.4.1 Tema A: Eventos promovidos pela escola com a presença da família.....	130
4.4.2 Tema B: Organização dos eventos pela escola.....	141
4.4.3 Tema C: Interação entre professores/gestores com as famílias durante os eventos.....	147
5 DISCUSSÃO.....	155
5.1 Os temas analíticos.....	155
5.2 Objetivos propostos.....	162
6 CONCLUSÕES.....	165
REFERÊNCIAS.....	167
ANEXOS.....	175

PREÂMBULO

Em 2011, um ano após concluir a Graduação em Psicologia nesta faculdade, fui convidada para trabalhar voluntariamente em uma entidade filantrópica de minha cidade para atuar em um de seus programas em parceria com a Secretaria da Educação.

As atividades deste programa são desenvolvidas e aplicadas por uma equipe de psicólogas nas escolas municipais de Educação Infantil e de Ensino Fundamental I da cidade, em encontros quinzenais realizados na própria unidade escolar, com duração de 50 minutos cada, e tem por objetivo a promoção da qualidade de vida e prevenção ao álcool e drogas.

Atualmente, o programa atende mais de 1.300 crianças entre três e 11 anos, estendendo sua atuação à comunidade, por meio de campanhas e parcerias, além de oferecer encontros bimestrais destinados aos familiares ou responsáveis pelos alunos, abordando assuntos pertinentes ao desenvolvimento infanto-juvenil.

Para reforçar os conteúdos abordados durante as visitas, refletindo na sociedade em que vivemos, acreditamos na parceria entre escola, comunidade e família. Com a seriedade do nosso trabalho e o comprometimento com que ele é desenvolvido, contamos com o apoio integral da escola, da Secretaria da Educação e da comunidade em geral. Entretanto, ainda não conseguimos a adesão das famílias dos alunos nesta caminhada.

Neste sentido, a partir desta inserção no cotidiano escolar, despertou em mim o interesse em conhecer a relação da escola com a família mais a fundo, na tentativa de encontrar explicações para os fenômenos vivenciados nesta prática que completará sete anos em 2017.

1 INTRODUÇÃO

A observação do incremento no envolvimento de pais no processo educacional levou à investigação sobre como professores da rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista percebem a relação entre a escola e as famílias dos alunos, destacando, quando possível, projetos por meio dos quais ela é vivenciada, através de uma investigação qualitativa, do tipo etnográfica, na qual foram empregadas entrevistas semiestruturadas, observações participantes e análise documental.

Ao longo da Introdução serão apresentados os resultados de uma revisão da literatura sobre esta temática, separados em quatro tópicos: legislação e normas sobre a relação da escola com as famílias dos alunos; concepções sobre a relação escola-família; estudos de revisão da literatura; e relatos de pesquisa, sendo que este último tópico se subdivide em quatro itens: a perspectiva dos professores sobre a relação da escola com as famílias dos alunos; a perspectiva dos pais sobre a relação da escola com a família; dificuldades e problemas na interação entre a escola e a família; e intervenções com a finalidade de melhorar a interação entre a escola e a família.

1.1 Legislação e normas sobre a relação da escola com as famílias dos alunos

Nos últimos anos, a escola vem demonstrando cada vez mais interesse em envolver os pais no processo educacional por entender que, de acordo com estudos realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), a família pode influenciar no desempenho escolar dos alunos (Chechia & Andrade, 2002). Entretanto, a consolidação desta participação é uma das barreiras a serem superadas pela gestão pedagógica das escolas.

Uma das formas de aproximar a família do cotidiano escolar seria pais acompanharem as atividades da unidade de ensino, principalmente durante a elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) que, quando formulado democraticamente, pode transformar a realidade educacional porque identifica as necessidades da escola, bem como a programação e quais serão as estratégias desenvolvidas para a concretização dos objetivos. Todas as ações realizadas na escola têm início no PPP, buscando a melhoria na qualidade do processo de ensino/aprendizagem, e poderá ser apresentado à comunidade para explicitar qual o papel social da escola e da educação em si e qual tipo de cidadão ela pretende formar.

Para que o PPP seja igualitário, é importante que os membros da comunidade participem de sua criação, propondo ideias e ações práticas que atendam às necessidades do contexto no qual a escola está inserida, viabilizando que a responsabilidade pelo ensino seja “compartilhada” pelos envolvidos no processo educacional, e não mais “concedida” por um detentor do poder. É também indispensável a presença do aluno em sua elaboração, pois ele pode promover o comprometimento com a unidade escolar e desenvolver maior responsabilidade no processo de mudança de sua realidade. No entanto, é preciso que a escola esteja aberta para a participação da família e que considere a opinião dos pais a respeito do tipo de escola e educação que desejam para seus filhos (Longhi & Bento, 2006).

O novo modelo de escola procura valorizar o aluno, criando um sistema de educação pública, laica, gratuita e obrigatória (Castro & Regattieri, 2009). Neste sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) propõe ações conjuntas entre a escola e a família, destacando que os professores reconheçam a importância da contribuição dos pais para a formação dos alunos (Paro, 1997). Isso porque a escola espera que a família tenha habilidades para estimular a aprendizagem em casa e os professores comumente acusam os familiares de se ausentarem do processo de ensino/aprendizagem de seus filhos.

Uma vez que o maior envolvimento da família permite que a escola conheça melhor os seus alunos, as unidades escolares têm buscado explorar essa informação para aproximar pais e filhos do contexto educacional e melhorar, juntos, a qualidade do ensino.

1.2 Concepções sobre a relação escola-família

Embora a relação da escola com a família seja assunto de interesse na área da Psicologia, a maioria das pesquisas acadêmicas é feita no campo da Sociologia. Para Montandon e Perrenoud (1987), a escola está presente no contexto familiar, sendo que a relação entre as duas partes pode variar de acordo com o ambiente no qual estão inseridas, classe social, ocupação dos pais, dentre outros. O destaque voltado para esta interação é devido às transformações pelas quais o núcleo familiar tem passado, assim como as mudanças sofridas pela escola e a dúvida gerada a respeito de qual o papel da família e da escola na educação das crianças, em que ponto elas se complementam e quais são os limites desta relação.

Ao longo do século XIX, no Brasil, a escola adquiriu mais credibilidade quanto à valorização do conhecimento e tornou-se responsável pela educação e socialização das crianças, criando novos padrões de comportamento (Faria Filho, 1999). Segundo o autor, no

século XX houve um afastamento da família do cotidiano escolar. A partir de então, os educadores passaram a reclamar a ausência dos pais no processo de ensino/aprendizagem, principalmente quando se tratava de famílias de camadas populares. O autor ainda afirma que existe uma consciência sobre a importância da relação família-escola, pois a formação de um indivíduo crítico depende da educação recebida na escola e das crenças e dos valores transmitidos pela família e comunidade. Para ele, cabe à escola desenvolver estratégias capazes de aproximar a família do ambiente escolar, embora pontue que o inverso também deva acontecer, ou seja, não é somente a família que deve se dirigir à escola, mas os educadores precisam conhecer as relações entre pais e filhos vivenciadas em casa, direcionando um olhar individualizado para cada caso, uma vez que o aluno pode ser o principal mediador da interação entre família e escola.

A crise na área da Educação, na década de 1960, gerada pela sensação de frustração que esta geração sofreu ao perceber que, na verdade, o acesso à escola a todos não era capaz de, isoladamente, promover a ascensão social, pois ela dependia não apenas de fatores intrínsecos aos indivíduos, mas também do meio social de onde eles provinham, foi o propulsor para Bourdieu formular seu pensamento acerca da problemática das desigualdades sociais no campo educacional (Nogueira & Nogueira, 2002).

Até então se acreditava que o acesso público e gratuito à educação seria suficiente para que houvesse igualdade de oportunidades. A escola, neste aspecto, assumiria um papel neutro, oferecendo o mesmo conteúdo aos alunos a partir da premissa de que todos dispõem dos mesmos recursos para compreender e interpretar informações. Entretanto, esta vertente fez com que Bourdieu percebesse que o que acontecia era exatamente o contrário, ou seja, este sistema estava contribuindo para a manutenção das desigualdades sociais, nas quais os mais privilegiados socialmente continuavam a se beneficiar quando avaliados.

De acordo com a Sociologia da Educação de Bourdieu, os alunos não possuem condições de competir entre si igualmente na escola, visto que são sujeitos dotados de experiências socioculturais diversificadas e que disponibilizam de maiores ou menores recursos frente aos processos avaliativos propostos pela escola, não sendo possível justificar a questão do sucesso e do fracasso escolar baseado apenas nos dons de cada indivíduo (Nogueira & Nogueira, 2002).

Assim, as formas de avaliação utilizadas pela escola não mensuram apenas conteúdos relacionados à aprendizagem, mas também expõem o aluno e sua família a uma avaliação moral e cultural. Os educadores esperam que as crianças se comportem de maneira disciplinada, seja em seu modo de falar, de interagir ou de questionar e, segundo Bourdieu,

estas expectativas só podem ser correspondidas por aqueles oriundos de um sistema que aplique os mesmos valores em suas práticas sociais, o que inclui o ambiente familiar. Embora tal concepção seja frequente no cotidiano escolar, não é algo que possa ser generalizado, pois algumas instituições de ensino e alguns educadores apresentam diferenças ao lidar com questões ligadas à promoção da igualdade/desigualdade social.

Carvalho (2004) se propôs a discutir as relações de poder, os caminhos socio-históricos e culturais, de raça/etnia, idade e gênero que permeiam a parceria entre escola e família. De acordo com a autora, para que esta parceria realmente aconteça é necessário que as duas instituições compartilhem os mesmos objetivos e expectativas, promovendo uma divisão do trabalho educativo realizado com os alunos. Considerando a visão transmitida pela escola, a família teria de participar da educação escolar (acompanhar o dever de casa, o rendimento, frequentar as reuniões de pais e mestres e estar atento à comunicação feita por agenda e bilhetes, por exemplo) para garantir o sucesso dos alunos. Entretanto, a autora aponta que os professores não reclamam a ausência da família quando eles conseguem desenvolver o seu trabalho em um ambiente adequado no qual as crianças aprendam, mas quando surgem problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem ou de comportamento, criando situações desfavoráveis com as quais eles não conseguem lidar, culpando então a omissão da família pelo fracasso escolar. Assim, quando as expectativas da escola e da família convergem e a criança aprende, costuma-se dizer que há uma relação escola-família eficaz; quando há discordância entre as práticas educativas adotadas pela escola e pela família e quando os objetivos não são atingidos, daí a relação escola-família é considerada problemática. Ambas as realidades apontam para o fato de que a parceria entre escola e família depende do alinhamento entre as práticas educativas adotadas por pais e educadores, do sucesso ou fracasso escolar dos alunos e do nível de satisfação dos educadores com o ambiente de trabalho. É importante salientar ainda que esta interação caminha em uma fronteira tênue, visto que cada indivíduo é único, ou seja, cada família participa de uma forma e cada professor reage a esta participação de um modo diferente. A autora também aponta para a necessidade de considerar o contexto no qual cada aluno está inserido, já que acompanhar a educação escolar de crianças e jovens requer disponibilidade de tempo, familiaridade com o conteúdo abordado e conhecimentos gerais, características que nem todos possuem. Tais condições assinalam o modelo de família tradicional de classe média, que não condiz principalmente à rede pública de ensino, devido a maior participação da mulher na renda familiar de sua inserção no mercado de trabalho. Carvalho (2004) conclui salientando a urgência de identificar as atribuições da família e da escola, para que seja possível delimitar o

trabalho de cada uma das instituições, reconhecendo as transformações que os modelos familiares vêm sofrendo, as dificuldades de cada contexto social e cultural, com a intenção de diminuir os efeitos negativos da influência das relações de poder e favorecer enfim uma parceria igualitária entre escola e família.

Tanto a família quanto a escola desempenham um papel importante durante o desenvolvimento humano, estimulando ou prejudicando seu crescimento biopsicossocial (Polonia & Dessen, 2005). Estudos (Costa, 2003; Fonseca, 2003; Marques, 2002) têm demonstrado que a boa relação entre estes contextos pode promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. A escola possui recursos para atender às necessidades cognitivas, psicológicas e socioculturais da criança, de forma mais elaborada do que no ambiente familiar, formando cidadãos críticos, capazes de influenciar e transformar a sociedade em que vivem; enquanto a família, sozinha, não dispõe de recursos suficientes para estimular a aprendizagem humana (López, 1999). No entanto, de acordo com Carvalho (2000), a família é considerada como uma das responsáveis pelo fracasso escolar. Para Polonia e Dessen (2005), um dos problemas ao se estabelecer esta relação se encontra na definição sobre como este envolvimento acontece, sendo fundamental que cada uma das partes reconheça o seu papel. A tipologia de Joyce Epstein (1986) descreve os tipos de envolvimento entre família e escola: *obrigações essenciais dos pais; obrigações essenciais da escola; envolvimento dos pais em atividades de colaboração na escola; envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem e o aproveitamento escolar; envolvimento dos pais no Projeto Político-Pedagógico da escola*. Segundo Polonia e Dessen (2005), para que as dificuldades sejam superadas é preciso que família e escola busquem formas de interação que considere a realidade de ambos, desenvolvendo estratégias com objetivos em comum, respeitando as peculiaridades de cada família, e estabelecendo uma comunicação clara e objetiva para haver compreensão mútua. De acordo com as autoras, a maioria dos estudos que abordam a relação família-escola é feita nos Estados Unidos e na Europa, países com realidades distintas das vivenciadas no Brasil e que, portanto, seriam necessárias pesquisas que considerem a diversidade sociocultural brasileira.

Ainda segundo Dessen e Polonia (2007), a família é considerada a matriz da aprendizagem humana e a primeira intercessora entre o homem e a cultura na qual ele está inserido, influenciando a construção individual e coletiva através dos modelos de relações sociais. Dessen e Braz (2005) ressaltam que a presença de conflitos familiares pode provocar problemas futuros, inclusive dificuldades de interação social principalmente para as crianças, pois a família é responsável pela criação de laços afetivos, autoestima e o tipo de

relações vivenciadas em diferentes contextos (Volling & Elins, 1998). De acordo com Polonia e Dessen (2005), a família pode então influenciar o comportamento humano e por mais que a escola ofereça todos os subsídios para estimular a aprendizagem, é fundamental que haja o apoio de outros contextos, incluindo o familiar (Fantuzzo, Tighe & Childs, 2000). Considerando os resultados de Killer-Laine (1998), as práticas educativas e os valores vivenciados no contexto familiar refletem na escola e vice-versa, indicando a importância de que ambas se conheçam para haver continuidade nas ações. A análise a respeito de como a família e a escola atuam como inibidoras ou propulsoras do desenvolvimento permite a identificação de fatores que contribuem ou não para a comunicação e colaboração mútua. Polonia e Dessen (2005) afirmam que, independentemente do nível socioeconômico ou de escolaridade, os pais demonstram interesse na educação de seus filhos. Os laços afetivos criados na família e na escola permitem que o indivíduo supere suas dificuldades, seja individualmente ou em grupo (Ferreira & Marturano, 2002). No entanto, antes que decisões coletivas sejam tomadas, é preciso considerar as diferenças culturais (Marques, 2002). Soares, Ávila e Salvetti (2000) apontam que a escola está sujeita a mudanças, como a violência, a exclusão, o fracasso escolar, a falta de apoio; para Polonia e Dessen (2005), o fortalecimento da relação família-escola pode ajudar no enfrentamento de tais desafios.

Um estudo de Fernandes e Aragão (2011) investigou a relação entre o Conselho Tutelar e as crianças que são encaminhadas pela escola, a fim de verificar por que e como acontecem. Foram ouvidas quatro conselheiras tutelares atuantes entre 2005 e 2007, contabilizando 1.420 casos, dos quais 250 eram encaminhamentos feitos pela escola. Pode-se perceber que, de certa forma, os problemas geralmente eram descritos como sendo de origem familiar, sem levar em consideração as ações cometidas em um cenário específico. Na maioria das vezes não foi levado em conta as desigualdades e a falta de oportunidades, fatores que influenciam o olhar global na composição social deste ambiente. Grande parte dos encaminhamentos feitos pela escola é de alunos considerados indisciplinados; entretanto, esta concepção está baseada no comportamento idealizado de um aluno em sala de aula que, muitas vezes, não corresponde à realidade, exigindo uma reflexão mais aprofundada. Outro ponto relevante é o fato de que a escola vem lidando com alunos armados e com posse de drogas, por exemplo, criando situações de conflito que culminaram no aumento dos chamados ao Conselho, que oferecem apoio ao lidar com crianças e adolescentes.

Em suma, pode-se dizer que as transformações ocorridas na família têm refletido na forma como ela interage com a escola ao longo dos anos, gerando dúvidas a respeito de como cada sistema deve atuar no processo educativo. Os estudos supracitados indicam que cabe à

escola desenvolver estratégias para que haja a aproximação dos pais e o ambiente escolar, explorando uma comunicação objetiva capaz de ser compreendida por todos os atores envolvidos, independentemente do nível socioeconômico ou escolaridade. Estas ações colaboram para a criação de uma gestão democrática, atendendo às necessidades da família e comunidade na qual a unidade escolar está inserida, promovendo melhorias na qualidade da educação. A seguir, a revisão da literatura apresenta estudos realizados sobre esta temática.

1.3 Estudos de revisão da literatura

A revisão da literatura indicou três estudos a respeito da relação entre a escola e a família que já haviam procedido a esta retomada e que serão apresentados nesta seção. Pode-se observar, assim, os achados que contribuíram com esta temática e quais aspectos foram pouco explorados pela academia, o que deverá pautar a elaboração de novas questões de pesquisa capazes de enriquecer a literatura sobre este tema no Brasil.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010), em sua revisão da literatura, pontuam a baixa produção acadêmica na área da Psicologia Escolar sobre a relação família-escola com a definição de comportamentos que favorecem ou dificultam esta interação a partir de um enfoque sociológico ou psicológico. O primeiro enfoque considera os fatores ambientais e culturais e também o fato de que a família tende a reproduzir as estratégias de socialização utilizadas no ambiente escolar, sendo que a escola exerce maior poder de orientação sob os pais. Já no enfoque psicológico, a família é responsável pela formação psicológica da criança e a escola tende a relacionar o rendimento escolar do aluno à dinâmica familiar. Ao invés de promoverem ajuda mútua, ambos os enfoques culpam a família pelo desempenho escolar da criança. Através da revisão também se pode concluir que cabe à escola desenvolver estratégias para aproximar os pais do contexto educacional. Hernández (1995) conclui que a participação da família na vida escolar dos filhos é positiva; Bhering (2003), entretanto, aponta que esta relação é difícil, pois na maioria das vezes em que a escola entra em contato com a família é para fazer queixas sobre o aluno. Oliveira e Marinho-Araújo (2010) concluem que a relação família-escola ainda não é satisfatória, visto que uma culpa a outra pelo fracasso escolar e por problemas de comportamento, adotando posturas defensivas e acusativas.

Um estudo bibliográfico (Rocha, Alves & Santos, 2012) realizado nos bancos de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e do Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (CONPE) aponta para as dificuldades no estabelecimento de estratégias para que esta integração ocorra de fato. Na

maioria das vezes, o contato entre família e escola acontece durante a reunião de pais, embora haja baixa frequência. Alguns autores (Cunha, 2007; Carvalho & Vianna, 1994; Paro, 1997) concordam no aspecto fundamental de que família e escola adotam uma relação de disputa, na qual a escola assume uma posição de superioridade, pois são detentores do conhecimento científico, principalmente frente às famílias de camadas populares. Segundo Malavazi (2000), as estratégias utilizadas ainda não são suficientes para o estabelecimento de uma parceria eficiente, pois ela se resume a contatos esporádicos nos quais a comunicação é falha. Os resultados encontrados na ANPEd mostram que a área da Sociologia é a mais produtiva nesta temática; já os anais do CONPE favorecem a produção a respeito da família, sendo que as soluções menos frequentes foram sobre gestão democrática, Projeto Político-Pedagógico, dentre outros. A revisão mostrou que a escola ainda atua prejudgando a família, criando ou fortalecendo estereótipos, o que ressalta a importância de intensificar os estudos neste tema.

Viana (2005) realizou uma análise sobre como a participação de famílias populares no processo de escolarização pode influenciar o fato de seus filhos atingirem ou não o Ensino Superior. De acordo com Zeroulou (1998), a escolarização prolongada de indivíduos oriundos de camadas mais baixas é reflexo de uma mobilização de toda a família com relação à educação de seus membros em fase escolar, através da supervisão do dever de casa, por exemplo, priorizando a educação no ambiente familiar. Considerando o contexto escolar, a ideia de que famílias de camadas populares são ausentes ou pouco participativas ainda é muito disseminada entre professores e gestores, ao contrário do que vem sendo demonstrado em estudos sobre a relação escola-família, cujos resultados apontam pais preocupados com a escolarização de seus filhos e que veem a educação como meio de ascensão social e qualidade de vida. Segundo o autor, o pressuposto de que famílias populares são omissas, por parte da escola, é reflexo do processo de mudanças no sistema educacional, que proporcionou o acesso à educação àqueles antes excluídos, tornando-se direito de todos os cidadãos, transformando a forma tradicional como a escola se relacionava com seus alunos e familiares. Para Viana (2005), tais famílias se preocupam mais em transmitir um tipo de conhecimento que dê sentido prático à sua realidade em detrimento do conteúdo pedagógico abordado pela escola. Sendo assim, o autor finaliza apontando que a relação entre a escola e essas famílias é marcada por desencontros provocados por práticas sociais contraditórias, dando origem a dificuldades a serem enfrentadas por ambas as partes.

A partir dos estudos incluídos na revisão da literatura científica, ficou evidente a carência de pesquisas sobre diversos temas relacionados à interação entre escola e família que

considerem a diversidade cultural e socioeconômica específicas do contexto brasileiro, capazes de oferecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias eficazes que promovam, de fato, a aproximação entre as duas instituições. Neste sentido, apresentamos na sequência os resultados de uma nova busca mais ampla, com a expectativa de considerar outros trabalhos do mesmo período das revisões realizadas.

1.4 Relatos de pesquisas

As pesquisas encontradas numa revisão da literatura científica relacionada a este tema foram classificadas em quatro itens: *a perspectiva dos professores sobre a relação da escola com as famílias dos alunos; a perspectiva dos pais sobre a relação da escola com a família; dificuldades e problemas na interação entre a escola e a família; intervenções com a finalidade de melhorar a interação entre a escola e a família.*

1.4.1 A perspectiva dos professores sobre a relação da escola com as famílias dos alunos

Mauricio (2005) realizou um estudo a fim de avaliar as percepções dos professores a respeito da participação dos pais na educação de seus filhos, com 264 professores do Ensino Fundamental e Médio do Estado do Rio de Janeiro, divididos em 15 grupos. Foram aplicadas fichas de caracterização socioprofissional, associação de ideias através do questionamento a respeito da participação dos pais na escola e uma hierarquização de significados para um conjunto de 12 respostas afirmativas e oito negativas. Os resultados obtidos permitiram traçar um perfil dos participantes, considerado conservador. Além disso, os professores participantes privilegiaram a colaboração dos pais em ações pré-estabelecidas pela escola. Com relação à iniciativa dos pais, esta categoria obteve menor índice de respostas, sendo que os professores também rejeitaram a opinião dos pais sobre o seu trabalho, confirmando os resultados de Tancredi e Reali (2000). Em síntese, segundo Paro (2001), a parceria entre família e escola não ocorre espontaneamente, sendo papel da escola viabilizar práticas participativas.

No ambiente escolar, de acordo com a revisão da literatura, parece existir um senso comum sobre a não-participação dos pais durante o processo educacional de seus filhos. Para isso, são necessárias pesquisas que avaliem se este interesse realmente inexistente ou se esta é uma visão estereotipada dos professores, principalmente a respeito de famílias de camadas populares.

1.4.2 A perspectiva dos pais sobre a relação da escola com a família

Ribeiro e Andrade (2006) procuraram compreender como a relação família-escola é vivenciada por pais de alunos que frequentam escola pública. O estudo foi realizado com 22 responsáveis por alunos de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, através de observações participantes na unidade escolar, seguidas de entrevistas semiestruturadas com os responsáveis, em suas residências, abordando três tópicos: a escola, a professora e a escolaridade. Os resultados mostraram que mesmo a escola estando aberta à família, foi percebido, pela análise de documentos escolares, que esta relação é baseada em ações propostas pelos educadores. De certa forma, a situação socioeconômica influencia a relação família-escola, pois muitos pais possuem ocupações braçais, não dispendo de tempo para acompanhar a educação de seus filhos. Comprovou-se que os pais ainda exercem uma postura submissa frente à escola, não questionando impasses e justificando suas dificuldades e ausências. Mas, para eles, a escola interage com a família buscando alcançar seus objetivos, responsabilizando os alunos pelas suas dificuldades. A escola não demonstra intenção de conhecer melhor a realidade na qual os alunos estão inseridos, mantendo a hierarquização do saber.

O dever de casa é considerado por pais e professores como componente fundamental no processo de aprendizagem. Entretanto, segundo Carvalho (2004), a necessidade de os pais colaborarem na hora da tarefa é algo imposto pela escola, que não considera os entraves encontrados no contexto familiar, além de não tentar adequar este dever à pluralidade de realidades encontradas em sala de aula. Desta forma, Fernandez et al. (2014) realizaram um estudo com 12 responsáveis por alunos cursando 7º, 8º e 9º anos em uma escola particular, a fim de conhecer sentimentos e percepções a respeito do envolvimento com o dever de casa. Os resultados apontaram para o reconhecimento da importância da tarefa na vida escolar dos alunos, além de ressaltar a sensação de que precisam corresponder ao que é requisitado pela escola. Outro ponto relevante destaca o sentimento negativo relacionado à falta de oportunidade para dialogar com a escola sobre como este dever é passado.

Uma pesquisa feita por Pinto, Garcia e Letichevsky (2006) buscou investigar a percepção de pais e responsáveis sobre suas relações com a escola para definir o perfil da escola pública de Ensino Fundamental no Brasil. A metodologia aplicada foi de natureza quali-quantitativa, sendo que a parte qualitativa buscou explorar, de maneira mais geral, a relação família-escola, com o objetivo de coletar informações para a elaboração de um questionário a ser utilizado na fase seguinte. Foram realizados, nesta primeira etapa, 10

grupos focais com pais de alunos matriculados no Ensino Fundamental em escolas públicas de cinco capitais federais. Na segunda etapa, através da abordagem quantitativa do tipo *survey*, foi enviado o questionário a 10 mil pais e responsáveis. De acordo com os resultados, concluiu-se que eles podem ser utilizados por vários setores da comunidade: por diretores durante o desenvolvimento de novas ações; pela sociedade, para que conheçam mais sobre a relação família-escola; e pelos pesquisadores, para que novas questões sejam investigadas. Além disso, desmistifica a ideia de que os familiares dos alunos não têm uma visão positiva sobre a escola pública no Brasil. No entanto, ela também aponta para a existência de alguns problemas graves no contexto educacional, como a violência e o uso de práticas humilhantes.

Outro estudo feito com pais de alunos de escolas estaduais, realizado por Bhering e Siraj-Blatchford (1999), procurou avaliar suas opiniões quanto ao envolvimento com a escola e os aspectos educacionais, utilizando a tipologia de Epstein (1986), aplicada com eficácia em países da Europa e nos Estados Unidos. Foram entrevistados 21 pais, reunidos em grupo, de crianças da 4ª série do Ensino Fundamental de oito escolas estaduais de Belo Horizonte (MG). No entanto, considerando a realidade brasileira, surgiu um novo modelo baseado em três categorias: comunicação, envolvimento e ajuda. Os resultados mostraram que os pais gostariam de ter mais informações a respeito da escola e das práticas utilizadas em sala de aula na educação de seus filhos para que a linguagem adotada com a criança seja a mesma.

Bezerra et al. (2010) apresentaram a percepção de alunos e familiares sobre a parceria entre escola e sua comunidade, realizado em uma unidade pública e outra privada de Belém (PA). Foram feitas observações nas unidades escolares, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários contendo quatro questões abertas relacionadas à temática. Os resultados demonstraram que os participantes oriundos da escola pública se sentem inferiorizados pelos professores, não se envolvendo em atividades escolares. Já os participantes advindos da instituição privada demonstram maior entrosamento com a escola, participando ativamente de suas propostas. Neste sentido, para os autores, são necessárias ações capazes de modificar as relações no cotidiano escolar, visando uma melhoria na qualidade do ensino que possam superar as diferenças sociais vivenciadas.

As complexas questões socioculturais e econômicas muitas vezes não são consideradas quando se pensa nas famílias dos alunos e, com isso, acabam rotulando-as em um pré-julgamento como ausentes e negligentes em relação à forma como participam do processo educativo de seus filhos. A efetividade desta interação permitiria à escola conhecer melhor a sua clientela e o contexto no qual ela se insere, oferecendo a oportunidade de a

comunidade participar na elaboração do PPP a partir da demanda local. Um estudo de Almeida, Ferrarotto e Malavazi (2017) investigou a visão da família acerca da escola de seus filhos, em quatro escolas municipais de Campinas (SP). Os resultados mostraram que, ao serem ouvidas, as famílias propõem ações, ampliando aquelas sugeridas pela escola. Também mostrou que é possível compreender melhor seus medos, dúvidas e sugestões, além de desmistificar a ideia de que as famílias não se interessam pela escola. As autoras questionaram se apenas as reuniões bimestrais têm a capacidade de estreitar esta interação e também como e quando esses familiares são acolhidos, promovendo reflexões sobre como é possível para a escola criar oportunidades para aproximar a família, estabelecendo um elo entre estes dois sistemas que possuem como foco comum crianças e adolescentes.

Chechia e Andrade (2005) analisaram a percepção dos pais a respeito do desempenho de seus filhos com sucesso e insucesso escolar. Participaram deste estudo 32 pais, dos quais 16 tinham filhos que apresentavam sucesso escolar e, o restante, pais de alunos com insucesso escolar. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e com a análise do relato dos pais pode-se dizer que alunos que recebem apoio da família demonstram mais facilidade na realização de tarefas, maior ajustamento psicológico e desenvolvem autoestima positiva. Com relação aos alunos com insucesso escolar, os pais se queixaram desde a adaptação escolar até o fato de os filhos apresentarem dificuldade para aprender. Os resultados mostraram que a relação família-escola ainda é pouco explorada, sendo preciso que a escola se conscientize sobre a importância da participação da família para, em conjunto, organizar seus ritmos e ressignificar o sentido da educação escolar.

O dever de casa pode ser considerado um dos principais meios de promover a relação da escola com a família. Knijnik e Junges (2014) realizaram um estudo, baseado no referencial teórico da Perspectiva Etnomatemática, para investigar como a relação escola-família se dá junto a realização do dever de casa de Matemática, em uma escola multisseriada de Ensino Fundamental localizada em Morro dos Bois (RS). A primeira entrevista consistiu na coleta de informações gerais com sete das 12 famílias dos alunos que frequentam a classe multisseriada. Duas famílias participaram da segunda entrevista, cujo objetivo foi o aprofundamento a respeito do dever de casa em Matemática. Os resultados apontaram que, nesta realidade, ao ajudar o filho com o dever, os pais tinham a oportunidade de averiguar o que estavam aprendendo. Para a professora, este apoio em casa era uma ferramenta para dividir as responsabilidades pelo ensino com a família. Este tipo de colaboração entre escola e família é muito valorizado pelos educadores, pois é visto como um dos meios de se atingir o sucesso escolar. O dever de casa de Matemática, em específico, pode gerar tensões no

ambiente familiar, principalmente com as mães, pois são elas, na maioria das vezes, mesmo sem ter conhecimento sobre o conteúdo, que sentem o compromisso de auxiliá-los, revelando as dissonâncias na comunicação entre escola e família.

Com relação à participação dos pais, pode-se dizer, a partir dos estudos citados, que pais e responsáveis demonstram interesse pela educação de seus filhos. No entanto, eles ainda esperam iniciativas por parte da escola a respeito de como exercer este papel dentro de casa, considerando seus limites em relação ao tempo, nível de escolaridade ou disponibilidade de recursos. Neste sentido, a interação entre escola e família, através de uma comunicação eficaz, poderia contribuir para o desenvolvimento de estratégias de ajuda mútua.

1.4.3 Dificuldades e problemas na interação entre a escola e a família

Um estudo de Silveira e Wagner (2009) buscou investigar quais tipos de práticas educativas são utilizadas por pais e professores de crianças com problemas de comportamento em determinadas situações pré-estabelecidas. Tais práticas foram analisadas no contexto escolar, familiar e também em ações conjuntas, avaliando como isso pode influenciar na relação família-escola. Foram realizadas duas entrevistas com quatro responsáveis pelos alunos com idade entre sete e 11 anos e quatro professores de uma escola privada da cidade de Porto Alegre (RS). Os resultados mostraram descontinuidade e dissimilaridade nas práticas educativas utilizadas pela escola e pela família ao lidar com as crianças, evidenciando falhas na comunicação e as fronteiras impostas pela escola, pois os pais muitas vezes não conheciam as práticas utilizadas pelos professores.

Marcondes e Sígolo (2012) realizaram um estudo com alunos, seus responsáveis e professores, a fim de analisar as relações estabelecidas entre escola e família de crianças com baixo rendimento escolar, através da perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner. Participaram do estudo seis alunos de 10 e 11 anos que apresentavam baixo rendimento escolar, pertencentes a três classes diferentes do último ano do ciclo I, seis responsáveis e três professores de uma escola estadual do interior do estado de São Paulo. Os dados foram coletados no ambiente escolar e familiar, a partir de observações das reuniões de pais das três salas participantes e de entrevistas semiestruturadas, com um roteiro específico para cada grupo de participantes. Os resultados apontaram uma falha na comunicação entre família e escola, sendo que a escola ainda é vista como detentora do saber e os pais assumem postura passiva frente a ela, prejudicando a cooperação entre as partes.

Um estudo de Resende (2008) realizado com alunos da 3ª série do Ensino Fundamental, pais e professores de duas escolas de camadas médias e uma de camada popular de Belo Horizonte (MG), pretendeu analisar como as famílias lidam com o dever de casa, um tópico importante para o processo educacional dos alunos, mas ainda pouco pesquisado (Carvalho, 2006; Glasman, 2005). Na primeira parte da pesquisa foram realizadas observações sistemáticas nas três classes participantes, além de entrevistas com as professoras responsáveis e com a coordenação pedagógica das unidades escolares. Na segunda parte, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas semidiretivas com os 10 responsáveis pelos alunos de cada unidade escolar, selecionados a partir das respostas. Os dados demonstraram que os pais reconhecem a importância da realização do dever de casa e como a sua ajuda auxilia neste processo. Entretanto, as diferenças socioeconômicas apontam para uma diferença acerca do tempo que os pais podem dedicar à tarefa, bem como o oferecimento de recursos que estimulam a aprendizagem, seja pela família ou pela escola.

As observações de Gasparin (2009), feitas com professores e pais em uma escola pública de Piracicaba (SP), teve como foco a reunião de pais, ferramenta fundamental para a interação família-escola. A autora observou uma reunião de pais da escola mencionada, na qual presenciou a ação de pais e professores e como a comunicação igualitária e preservada foi valorizada, não expondo os alunos aos demais presentes. Os pais ainda participaram de uma atividade que seria entregue aos filhos. Dessa forma, pode-se concluir que a interação entre as partes permite que sejam criadas estratégias que as integrem e, ao mesmo tempo, ofereça subsídios para que os professores lidem com seus alunos de acordo com suas particularidades, melhorando seu desempenho.

Com a intenção de verificar como se dava a relação entre escola e a família de alunos com dificuldades de aprendizagem, segundo seus professores, Lima e Chapadeiro (2015), em seu estudo com três professoras e cinco familiares de alunos desta categoria, realizado em uma escola municipal de Hortolândia (SP), apontaram para o fato de que tal dificuldade gerava troca de acusações entre escola e família, sem que os sistemas se auxiliassem na tentativa de solucionar o problema. Os autores ainda apontaram para a necessidade de compartilhar responsabilidades, possibilitando reduzir a tensão que permeia esta relação e beneficiando o processo de aprendizagem de alunos com dificuldades e até evitando-as, uma vez que a boa interação entre estas instituições pode promover o processo de ensino-aprendizagem (Polonia & Dessen, 2005).

Um estudo realizado por Saraiva e Wagner (2013), com um grupo de sete mães de crianças matriculadas na primeira etapa do Ensino Fundamental e um grupo de 10 professores

provenientes da rede pública e privada de Porto Alegre (RS), se propôs a conhecer como são vivenciadas as interações entre a família e a escola em grupos focais. A partir da Análise de Conteúdo, percebeu-se a existência de dificuldades e conflitos que impedem o estabelecimento de uma relação verdadeira entre as duas instituições. Observou-se, ainda, nas falas dos participantes dos dois grupos, uma culpabilidade mútua no que diz respeito à função de educar, sendo que ambos os grupos mantiveram o foco nas experiências negativas em detrimento das positivas. Desta forma, tanto a família quanto a escola possuem expectativas diferentes frente à ampla demanda, ou seja, a família espera que a escola consiga cumprir todas as exigências ligadas ao ensino e à aprendizagem e a escola, por sua vez, acredita que as famílias não cumprem o seu papel em vários aspectos. Sendo assim, torna-se necessário o aprofundamento de discussões e reflexões sobre este tema, valorizando a comunicação entre as partes a fim de diminuir este jogo de culpabilidades entre a escola e a família.

Os estudos acima, que apresentam as dificuldades e os problemas na interação entre a escola e a família, apontam falhas na forma como esta relação acontece, principalmente no que diz respeito à comunicação, prejudicando o desenvolvimento de estratégias cujo foco é a melhoria da qualidade de ensino, responsável por beneficiar a aprendizagem do aluno.

1.4.4 Intervenções com a finalidade de melhorar a interação entre a escola e a família

Um estudo de Reali e Tancredi (2005) buscou avaliar os resultados de uma intervenção feita em uma escola localizada na periferia de São Carlos (SP), onde houve aproximação na relação entre família e escola, a partir da demanda apresentada pela família e confirmada pela escola. Na primeira parte foram levantadas concepções de 33 professores sobre os alunos e seus familiares e como promover a relação família-escola, além de ter sido enviado aos pais um questionário cujo tema era *A importância do que se aprende na escola*, para levantar informações sobre suas expectativas sobre este assunto. A segunda parte consistiu em um encontro entre pais e educadores para discutir estratégias relacionadas ao questionário, mediado por professores e com a realização de algumas dinâmicas. De acordo com os resultados, a escola participante teve a oportunidade de vivenciar uma experiência positiva – mais respeitosa e igualitária – com os familiares de seus alunos e também com a universidade, ao propor o presente projeto.

Chechia e Andrade (2012) promoveram uma intervenção em duas escolas públicas do interior do estado de São Paulo, situadas em bairros diferentes da cidade, com a intenção de avaliar se esta intervenção contribuiu para a aprendizagem de alunos com insucesso

escolar. Participaram deste estudo 235 pais de alunos com sucesso e insucesso escolar, matriculados na 2ª série (atual 3º ano) e 3ª série (atual 4º ano). Primeiramente, os pais preencheram uma ficha de identificação e, depois, responderam a um questionário evidenciando sua opinião sobre o seu envolvimento com a escola. Para avaliar o desempenho dos alunos, foi utilizado o Teste de Desempenho Escolar (Stein, 1994), que apontou para a necessidade de a escola rever o modo como se relaciona com a família, já que, em alguns casos, a escola generaliza pré-conceitos a respeito da família, dificultando esta relação.

Ribeiro (2004) empregou referenciais teóricos do Psicodrama, da Etnografia e da Análise Institucional a fim de conhecer como os pais de alunos se relacionavam com a escola pública na qual seus filhos estavam matriculados. Participaram da pesquisa 22 pais de alunos matriculados na 3ª e 4ª séries provenientes de uma escola pública. Para a coleta de dados, foram realizadas observações participantes no espaço escolar, análise documental, entrevistas individuais com os pais em suas residências, bem como duas entrevistas em grupo focal com os pais entrevistados. Os resultados apontaram que tanto escola quanto família compartilham dos mesmos anseios, sendo que existe um modelo ideal de família reproduzido pela escola, no qual os pais entrevistados disseram tentar se encaixar, embora existam aqueles bem-sucedidos e mal-sucedidos. Dentre os considerados mal-sucedidos, estão aqueles rotulados pela escola como ausentes ou não comprometidos. Ainda que a parceria entre família e escola não seja eficiente, pode-se dizer que algumas alianças são consideradas positivas, mesmo não sejam capazes de reverter, sozinhas, o alto índice de fracasso escolar apresentado pela escola pública brasileira. Neste sentido, é necessário considerar a relevância desta interação conseguir resultados eficazes e repensar atitudes que acabam afastando ainda mais a família do cotidiano escolar.

Um estudo de Maimoni e Bortone (2001) se propôs a investigar se o fato de os pais realizarem leitura conjunta poderia promover melhorias nos processos de leitura e escrita dos alunos, além de verificar como estes pais percebem a leitura de seus filhos. Participaram 28 alunos matriculados no 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Uberaba (MG), os pais destes alunos, duas professoras e a bibliotecária da escola. Foram criados dois grupos: o grupo experimental, com alunos que frequentam o período da tarde, contendo 12 meninas e três meninos; e o grupo controle, com a turma do período da manhã, composta por seis meninas e sete meninos. Após a etapa inicial de avaliação da leitura e escrita dos alunos participantes, as crianças escolhiam um texto, dentre os selecionados previamente e levavam para casa, duas vezes por semana, por seis semanas. Em casa, os pais deveriam ler o texto escolhido junto com o filho e ouvi-lo ler por cinco minutos aproximadamente. Ao término das

seis semanas, os alunos foram reavaliados com o mesmo procedimento da primeira etapa. Já a avaliação da percepção dos pais sobre o processo de leitura do filho aconteceu mediante um questionário encaminhado pelas professoras. Foram utilizados critérios de natureza quali-quantitativa para avaliar a proficiência da leitura, sendo que o critério qualitativo abrangeu o tipo de resposta dada e o quantitativo atendeu as respostas corretas apenas. Os resultados demonstraram que a parceria se deu mais pela motivação apresentada pelos alunos, confirmada pelas professoras e bibliotecária, fazendo com que os pais se empenhassem com a proposta, visto que conseguir a ajuda dos pais não é um pedido simples. Verificou-se também que as mães foram mais participativas, retratando uma tendência do que acontece no Brasil e no mundo, apontando para o fato de que a colaboração do pai ainda não está incluída na cultura educacional. Em suma, foram os critérios qualitativos que proporcionaram os aspectos mais positivos, pois o grupo que realizou a leitura conjunta apresentou a possibilidade de melhorias durante o processo de aprendizagem.

Silvia e Mendes (2008) se propuseram a investigar como ocorrem as ações de educadores e de familiares de crianças com deficiência. Foram promovidos quatro grupos focais com 31 participantes em três cidades do interior paulista e em três escolas consideradas especiais: dois grupos compostos por 18 educadores (nove em cada) que trabalhavam na escola, e dois grupos com seis e sete familiares de crianças com deficiências. Após a Análise de Conteúdo, os resultados apontaram para uma concordância a respeito da importância da questão da igualdade durante o estabelecimento de uma parceria entre educadores e familiares. Entretanto, para que essa colaboração igualitária ocorra espontaneamente, seria necessário promover o empoderamento destes familiares, cabendo à escola estimular a família a se expressar, informá-la sobre seus direitos e deveres e oferecer apoio quando preciso. Todavia, este não foi um ponto que emergiu nesta pesquisa, podendo indicar que, na realidade, familiares e educadores não vivenciam uma relação balanceada.

Diversas mudanças ocorridas nas composições familiares ultimamente podem afetar, de certa forma, a educação dos filhos e, conseqüentemente, a maneira como elas se relacionam com a escola. Considerando esta realidade, Nunes e Vilarinho (2001) realizaram um estudo com avós (seis homens e 17 mulheres) dos alunos, por meio da observação participante e observação simples de grupos focais em uma escola do Rio de Janeiro (RJ), cujo objetivo foi demonstrar as possibilidades da atuação da “família possível” na relação da escola com a comunidade. Os discursos destes avós relataram as dificuldades enfrentadas com a ausência dos pais no cotidiano das crianças e também a crença de muitos em não poder intervir no processo educativo dos netos por se sentirem afastados deste cenário. Com o estabelecimento dos grupos, estes avós resgataram o interesse em mudar esta situação,

passando a atuar de forma ativa no que diz respeito à educação e interação com as crianças. O sucesso da parceria foi tamanho que a mesma abertura foi requisitada pelos demais pais, com o intuito de criar um grupo efetivo de trabalho na escola, pois estes avós estavam abertos a discutir novas ideias e buscar meios para colocá-las em prática. A autora afirma, ainda, que as escolas não deveriam se desestimular com a baixa participação das famílias nas atividades, mas encontrar formas alternativas que considerem as constantes mudanças do mundo contemporâneo.

Os resultados obtidos a partir das intervenções citadas acima mostram que a escola ainda exerce uma postura superior frente às famílias, aumentando a distância entre uma e outra e dificultando a interação entre elas. Entretanto, algumas ações desenvolvidas se revelaram positivas na promoção desta relação, o que indica a necessidade de que a escola desenvolva estratégias para estabelecer uma gestão democrática, na qual pais e educadores possam se relacionar de maneira igualitária.

1.5 Justificativas

Os estudos apresentados evidenciam a importância da relação da escola com a família e como ela pode contribuir com o processo de ensino/aprendizagem, além de beneficiar o desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes, sendo papel da escola desenvolver estratégias que busquem este envolvimento.

No entanto, dada a diversidade cultural e socioeconômica do país, deveria haver mais pesquisas para enfrentar as barreiras que impedem que esta interação família-escola de fato aconteça, principalmente a respeito da comunicação, considerada ferramenta fundamental. Este trabalho pretende preencher esta lacuna, podendo contribuir significativamente para futuras ações capazes de aproximar escola e família e colaborando para a melhoria da educação no Brasil.

Os dados obtidos nesta pesquisa apresentam o modo como os professores do ensino fundamental percebem e vivenciam ações no sentido da aproximação entre a família e a escola na rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista. Além da contribuição científica para a ampliação do conhecimento a respeito do tema, espera-se, em pesquisas posteriores de posse do conhecimento sobre a percepção dos professores e do conhecimento das estratégias que eventualmente já existam, poder-se implementar ações e projetos interventivos buscando maior aproximação destas duas instituições, no sentido de propiciar uma ação educacional mais efetiva e bem sucedida.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho foi compreender a maneira como os professores e gestores do ensino fundamental de uma rede municipal do interior paulista percebem a relação entre escola e família e identificar possíveis estratégias já existentes na prática desses profissionais no sentido de uma aproximação maior entre as duas instituições.

2.2 Objetivos específicos

1. Conhecer a percepção dos professores sobre a relação entre a escola e as famílias dos alunos;
2. Conhecer a percepção dos professores a respeito da Reunião de Pais e como eles a planejam;
3. Identificar se os professores desenvolvem ou desenvolveram práticas e iniciativas capazes de aproximar a família da escola, além da Reunião de Pais;
4. Conhecer os métodos utilizados pelos professores para destacar a importância do dever de casa e a eventual colaboração dos familiares;
5. Identificar como a comunicação entre professores e pais é estabelecida;
6. Identificar, junto aos gestores, as estratégias pelas quais a família é convidada a participar do cotidiano escolar;
7. Observar como se desenvolvem os momentos em que a família participa de eventos promovidos pela escola.

3 MÉTODO

3.1 Referencial teórico-metodológico

O presente estudo na esfera educacional teve por perspectiva metodológica a abordagem qualitativa do tipo etnográfica, contando, ainda, com alguns elementos do método cartográfico, explicados na sequência.

Pereira e Lima (2010) assinalam que a investigação qualitativa envolvendo sujeitos e contextos escolares permite observá-los em uma totalidade que constitui um cenário mais abrangente, ou seja, o contexto sociocultural.

Para André (2001), a utilização de variadas técnicas, tais como entrevistas, análise documental e observação participante, promovem aproximação maior entre o pesquisador e o objeto de pesquisa. Bogdan e Biklen (1994) pontuam que o foco da análise de dados não se encontra no produto final, mas no processo do estudo, naquilo que está acontecendo no momento, o que garante ao pesquisador maior flexibilidade e constantes adaptações em seu plano de trabalho, tornando-se o principal veículo durante a coleta de dados. Ainda de acordo com os autores, a investigação qualitativa seria descrita como:

- O ambiente natural é que promove a fonte dos dados e garante a melhor interpretação das ações. O pesquisador é o principal instrumento, pois está imerso no campo de estudo tempo suficiente para esclarecer seus questionamentos, considerando a influência do contexto;

- Os dados obtidos são analisados de maneira indutiva, ou seja, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, mas elaborar uma teoria sobre determinado objeto de pesquisa à medida que as abstrações surgem, sendo necessário sensibilidade e intuição por parte do investigador;

- É de natureza descritiva, na qual os dados podem ser colhidos por meio de imagens ou palavras (entrevistas, documentos, fotos e vídeos, por exemplo), podendo ser analisados em profundidade, valorizando a forma como foi realizada a sua coleta;

- Priorizam-se os diferentes significados que as pessoas atribuem às suas vidas, considerando as perspectivas de cada sujeito envolvido.

A abordagem qualitativa, portanto, busca a elucidação através do conhecimento dos processos que compõem a subjetividade, não objetivando a predição, descrição e o controle (González-Rey, 2002).

Para Moreira e Caleffe (2006), o modelo etnográfico em pesquisas qualitativas tem como característica o enfoque sobre o comportamento social no cenário em que se dão as

observações e interpretações, considerando todo o conjunto das interações humanas em um ambiente. As interpretações para a elaboração dos resultados baseiam-se naquele grupo ou cenário, segundo as interações no contexto sociocultural a partir do olhar de seus sujeitos. Assim, os elementos interpretativos destas práticas permitem a compreensão do mundo e de seus fenômenos a partir de diversas representações e significações atribuídas ao sujeito da ação.

Elementos do método cartográfico têm sido bastante aproveitados no campo das Ciências Humanas, como a Psicologia, por exemplo, em diversos núcleos de estudo¹. Tal método, conforme as contribuições de Deleuze e Guattari, segundo Kastrup (2010), permite ao pesquisador realizar a investigação de todo o processo, ao invés de apenas identificar o objeto da pesquisa. Desta forma, a cartografia ofereceu subsídios, neste estudo, no campo da fundamentação teórica e para a compreensão dos agenciamentos da relação escola-família.

Diante de tais considerações, a presente pesquisa se desenvolveu por meio de uma investigação qualitativa, do tipo etnográfica, seguindo princípios e orientações descritos por Bogdan e Biklen (1994). O objetivo principal consistiu em compreender qual a percepção dos professores do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino a respeito da relação entre escola e família e a existência de possíveis estratégias de promoção desta interação. Para tanto, foram aplicadas duas entrevistas semiestruturadas a 30 professores atuantes na rede, uma entrevista semiestruturada com um gestor de cada escola, análise documental dos Projetos Político-Pedagógico das três instituições e da observação participante de situações em que as famílias estiveram presentes na escola.

3.2 Participantes

Participaram deste estudo três das quatro escolas municipais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de uma cidade do interior paulista². O convite foi feito a, aproximadamente, 120 professores da rede, e 30 deles aceitaram participar, além de três gestores de cada escola, totalizando 33 participantes.

A participação voluntária dos professores dependeu da anuência e disponibilidade da escola e deles próprios. Primeiramente, uma reunião com a Secretaria de Ensino do

¹ Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e também pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “Subjetividade e Educação” (GEPSEd), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP).

² A pesquisa não foi realizada em uma das quatro escolas municipais por ser exclusivamente de Educação Infantil. A Secretaria Municipal de Ensino da cidade em questão autorizou a realização desta pesquisa nas escolas municipais de ensino fundamental da rede.

município esclareceu os objetivos da presente pesquisa e como ela ocorreria nas escolas da rede, sendo concedida a autorização para a sua realização. Em seguida, o mesmo procedimento foi feito com a direção e coordenação das três escolas participantes, também para explicar os objetivos da pesquisa e colher o pedido de autorização de cada escola.

Após este contato inicial, com o pedido de autorização aceito e a aprovação da realização da pesquisa pelo Comitê de Ética, a direção de cada escola agendou um encontro com os professores, durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), para apresentar os objetivos desta pesquisa, bem como os cuidados éticos pertinentes (sigilo com os dados obtidos e anonimato dos participantes), e decidir se aceitariam participar.

Antes do início das entrevistas individuais com cada professor e cada gestor, foi apresentado a eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos A e B).

Serão apresentados, a seguir, na Tabela 1, os dados que caracterizam os 30 professores participantes, tais como o gênero, a idade, o tempo de atuação no magistério, a situação (tipo de vínculo com a rede municipal), a formação durante a Graduação e a série na qual estava atuando no período da coleta de dados. Para preservar o sigilo dos participantes, foram atribuídos números de 01 a 30 para identificá-los.

TABELA 1. Descrição dos professores

Professor	Gênero	Idade	Tempo de serviço	Situação	Graduação	Série atual
01	Masc.	33 anos	10 anos	Efetivo	Ed. Física	Fundamental I e II
02	Fem.	39 anos	22 anos	Contrato	Pedagogia	4º ano Fun. I
03	Fem.	52 anos	20 anos	Efetivo	Pedagogia	2º ano Fun. I
04	Fem.	38 anos	19 anos	Efetivo	Análise de Sistemas Matemática Pedagogia	5º ano Fun. I
05	Fem.	42 anos	14 anos	Efetivo	Pedagogia	AEE*
06	Fem.	39 anos	09 anos	Efetivo	Pedagogia	5º ano Fun. I
07	Fem.	38 anos	07 anos	Efetivo	Letras/ Inglês	Port. Fun. II
08	Fem.	36 anos	14 anos	Efetivo	Pedagogia	3º ano Fun. I
09	Masc.	43 anos	15 anos	Efetivo	Matemática Pedagogia	Mat. Fun. II
10	Fem.	50 anos	16 anos	Efetivo	Pedagogia	1º ano Fun. I
11	Fem.	28 anos	08 anos	Efetivo	Pedagogia	1º ano Fun. I
12	Fem.	50 anos	15 anos	Efetivo	Pedagogia	1º ano Fun. I
13	Fem.	59 anos	40 anos	Efetivo	Estudos Sociais Pedagogia	5º ano Fun. I
14	Fem.	47 anos	18 anos	Efetivo	Pedagogia	3º ano Fun. I
15	Fem.	59 anos	25 anos	Contrato	Pedagogia	4º ano Fun. I
16	Fem.	58 anos	35 anos	Efetivo	Estudos Sociais História	4º ano Fun. I
17	Fem.	44 anos	25 anos	Convênio	Pedagogia	5º ano Fun. I
18	Fem.	45 anos	26 anos	Efetivo	Pedagogia	3º ano Fun. I
19	Fem.	37 anos	14 anos	Efetivo	Pedagogia	AEE*
20	Fem.	49 anos	15 anos	Efetivo	Pedagogia	5º ano Fun. I
21	Fem.	35 anos	14 anos	Contrato	Letras/ Inglês e Espanhol	Inglês Fun. I e II
22	Fem.	47 anos	26 anos	Efetivo	Pedagogia	4º ano Fun. I
23	Masc.	44 anos	21 anos	Efetivo	Ciências Biológicas Matemática Química	5º ano Fun. I
24	Fem.	36 anos	16 anos	Efetivo	Pedagogia	3º ano Fun. I
25	Fem.	60 anos	41 anos	Efetivo	Pedagogia	2º ano Fun. I
26	Fem.	43 anos	15 anos	Efetivo	Letras	Port. Fun. II
27	Fem.	34 anos	07 anos	Efetivo	Pedagogia	4º ano Fun. I
28	Fem.	61 anos	42 anos	Efetivo	Pedagogia	4º ano Fun. I
29	Fem.	58 anos	35 anos	Efetivo	Matemática	Mat. Fun. II
30	Fem.	27 anos	07 anos	Efetivo	Artes	Artes Fun. I e II

*AEE – sigla para Atendimento Educacional Especializado.

A Tabela 2 apresenta dados de caracterização dos gestores das três escolas, de acordo com sexo, idade, formação na Graduação e tempo de atuação na Diretoria.

TABELA 2. Descrição dos gestores

Escola	Sexo	Idade	Formação	Tempo na direção
01	Fem.	61 anos	Pedagogia Didática	16 anos
02	Fem.	39 anos	Psicopedagogia Ciências e Matemática Pedagogia	09 anos
03	Fem.	44 anos	Gestão Escolar Letras Pedagogia Língua Portuguesa Psicopedagogia Gestão Escolar	03 anos

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados, o pesquisador explorou a análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP) das três instituições escolares, além da observação participante dos eventos nos quais as famílias dos alunos estiveram presentes, de acordo com os referenciais propostos por Spradley (1980), com anotações detalhadas em seu diário de campo, descrevendo o espaço físico e social, os atores, a duração, o conteúdo dos diálogos ao longo das observações, e os sentimentos provocados no pesquisador a respeito das atividades observadas com relação aos sujeitos envolvidos.

Também foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado para os professores e outro para os gestores (Anexos C e D). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise de dados.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados (após a aprovação pelo Comitê de Ética), os gestores das escolas participantes foram contatados com a finalidade de obter informações sobre quais atividades programadas pela escola envolveriam a família dos alunos, ou seja, quais eram os momentos em que a escola convidava a família ao longo do ano letivo, como, por exemplo, o ato da matrícula dos alunos, comemorações em geral, reunião de pais, dentre outros. Os dados levantados nos encontros e nas observações destes eventos foram anotados no diário de campo do pesquisador.

Durante estes encontros com os gestores, foi solicitada a autorização para que a pesquisadora tivesse acesso ao PPP de cada instituição, e os dados obtidos através da análise destes documentos também foram anotados em seu diário de campo. Também foi agendada a sessão única de entrevista com cada diretora, que aconteceu na Direção de cada unidade escolar (Anexo D), na busca por destrinchar os seguintes temas: “Concepções sobre a relação da escola com a família”; “Práticas desenvolvidas pela escola que envolvam a presença da família”; e “Como é feito o convite para a participação da família”.

A coleta de dados com os professores aconteceu nas escolas onde eles atuam, totalizando duas entrevistas³ individuais com cada, realizadas durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) ou durante a Hora-Atividade (H.A.), em locais alternados (sala dos professores, biblioteca, sala de aula etc), de acordo com a disponibilidade de cada participante, com duração de, aproximadamente, 60 minutos cada.

Na primeira sessão de entrevista, foram investigados os seguintes temas: “Minha Formação”; “Meu Emprego Atual”; e “Minhas Experiências Anteriores” (Anexo C). Para a segunda sessão, os temas escolhidos foram: “Minhas experiências com a relação entre a escola e a família”; “Dever de Casa e Reunião de Pais”; e “Facilidades e dificuldades na relação da escola com a família” (Anexo C). Cada sessão de entrevista se ramifica ainda em três partes:

1 - Apresentação de cartões para a exposição de cada tema investigado, com apenas um tema em cada cartão. Os cartões eram enfileirados sobre a mesa, com a parte escrita voltada para baixo, e era solicitado ao entrevistado que escolhesse por qual ele gostaria de iniciar a entrevista; os demais eram reservados para uso posterior. Em seguida, foi pedido ao entrevistado que deixasse vir à mente todas as ideias, pensamentos e sentimentos despertados assim que fez a leitura do tema escrito no cartão, durante o tempo que fosse necessário, em silêncio.

2 - Foi entregue ao entrevistado uma folha de papel contendo o tema escolhido na parte superior e foi pedido para que ele escrevesse as palavras ou expressões que surgissem em sua mente durante a realização da primeira parte.

3 - O entrevistador informava que o audiogravador seria ligado, caso autorizado. Neste momento, foi pedido para que o entrevistado explicasse o sentido de todas as palavras ou expressões anotadas na folha de papel durante a segunda parte, com os seguintes

³ O emprego desta estratégia de entrevista tem sido feito nas pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas "Subjetividade e Educação" - GEPSEd, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, desde 2002 (Carraro, 2003; Silva, 2003; Garde, 2003; Luciano, 2006; Peres, 2006; Carraro, 2008; Petersen, 2008; e Pires, 2008).

questionamentos: “o que te fez lembrar esta palavra ou expressão quando você a escreveu?”, procedendo, desta maneira, para cada palavra ou expressão escrita. Esta “conversa” permitiu o aprofundamento da investigação, indo além das palavras e expressões anotadas. Todo o conteúdo escrito nas folhas de papel foi explicado pelo entrevistado, sendo que coube ao entrevistador explorar os assuntos com a finalidade de obter mais informações.

A Tabela 3, apresentada a seguir, caracteriza as duas sessões de entrevista aplicadas com os 30 professores, classificando-os de acordo com a escola (01, 02 e 03) na qual estavam atuando durante a coleta de dados, bem como a série e o local onde foi feita a entrevista e a duração de cada uma delas.

TABELA 3. Local de realização e duração das entrevistas com os professores

Escola	Prof.	Exp. Atual (série)	Entrevista 1		Entrevista 2	
			Data/Local	Duração	Data/Local	Duração
01	11	1º	27/04/2015 – sala de aula	50 min.	15/05/2015 – sala de aula	53 min.
	12	1º	18/05/2015 – sala de aula	1h20min.	29/05/2015 – salão nobre	46 min.
	08	3º	01/06/2015 – sala de aula	53 min.	08/06/2015 – sala de aula	50 min.
	13	5º	03/06/2015 – sala de aula	40 min.	10/06/2015 – sala de aula	50 min.
	03	2º	10/06/2015 – sala de aula	40 min.	15/06/2015 – sala de aula	40 min.
	14	3º	31/07/2015 - biblioteca	50 min.	13/08/2015 - pátio	20 min.
	15	4º	23/06/2015 – sala dos professores	15 min.	30/06/2015 - biblioteca	11 min.
	04	5º	23/06/2015 – sala dos professores	18 min.	30/06/2015 - biblioteca	31 min.
	16	4º	29/07/2015 - Salão nobre	43 min.	25/11/2015 – brinqued.	50 min.
17	5º	23/06/2015 – sala de aula	30 min.	30/06/2015 – sala de aula	50 min.	
02	02	4º	18/06/2015 – sala dos professores	13 min.	02/07/2015 - pátio	38 min.
	18	3º	18/06/2015 – sala dos professores	56 min.	25/06/2015 – pátio	1h05min.
	19	AEE*	10/06/2015 - coordenação	40 min.	22/06/2015 - biblioteca	42 min.
	07	Português	30/06/2015 – biblioteca	15 min.	02/07/2015 - biblioteca	20 min.
	20	5º	24/06/2015 - biblioteca	41 min.	30/06/2015 - biblioteca	50 min.
	21	Inglês	23/06/2015 – biblioteca	15 min.	25/06/2015 - biblioteca	18 min.
	01	Ed Física	22/06/2015 - biblioteca	20 min.	25/06/2015 - biblioteca	20 min.
03	22	4º	17/06/2015 - biblioteca	45 min.	15/07/2015 - biblioteca	51 min.
	23	5º	17/06/2015 – sala de reforço	20 min.	24/06/2015 – sala de vídeo	32 min.
	06	5º/5º	30/06/2015 – sala de aula	17 min.	02/07/2015 – biblioteca	36 min.
	24	3º	23/06/2015 - biblioteca	29 min.	30/06/2015 – sala de vídeo	40 min.
	25	2º	24/06/2015 – sala de aula	26 min.	01/07/2015 – sala de aula	34 min.
	10	1º	01/07/2015 - biblioteca	17 min.	03/07/2015 – sala de vídeo	22 min.
	26	Português	01/07/2015 - biblioteca	32 min.	16/07/2015 - biblioteca	55 min.
	27	1º/4º	24/06/2015 - biblioteca	14 min.	02/07/2015 - biblioteca	39 min.
	09	Matemática	24/06/2015 – sala de aula	24 min.	01/07/2015 - biblioteca	27 min.
	05	AEE*	01/07/2015 - biblioteca	28 min.	02/07/2015 - biblioteca	25 min.
	28	4º	23/06/2015 – biblioteca	23 min.	24/06/2015 – sala de vídeo	49 min.
	29	Matemática	03/07/2015 – sala de vídeo	30 min.	17/12/2015 – sala dos professores	50 min.
	30	Arte	01/07/2015 - biblioteca	09 min.	02/07/2015 - biblioteca	18 min.

*AEE: Sigla adotada para Atendimento Educacional Especializado

A tabela 4 fornece informações sobre a realização das sessões de entrevista com os gestores de cada instituição escolar.

TABELA 4. Local de realização e duração das entrevistas com os gestores

Escola	Função	Data da entrevista	Local	Duração
01	Diretora	04/12/2015	Direção	10 min.
02	Diretora	16/12/2015	Biblioteca	18 min.
03	Diretora	16/12/2015	Direção	37 min.

As observações dos eventos promovidos pela escola aconteceram ao longo do ano de 2015, concomitantemente à realização das sessões de entrevista com os professores e gestores. Toda segunda-feira a secretaria da escola era contatada com o intuito de saber se havia algum evento agendado para aquela semana, fosse reunião de pais ou comemorações. Caso a resposta fosse positiva, a pesquisadora pedia autorização para participar e observar.

A pesquisadora então fazia anotações detalhadas em seu diário de campo, com informações a respeito do local do evento, sobre os atores presentes em cada atividade e também sobre os sentimentos despertados ao considerar a interação dos sujeitos com aquele grupo ou cenário. A Tabela 5 apresenta a ordem e a descrição das visitas à escola a fim de observar os eventos com participação familiar.

TABELA 5. Descrição das visitas para observação dos eventos na escola

Escola	Ordem	Evento	Data	Local
01	1ª visita	Primeiro dia de aula	04/02/2015	Pátio
	2ª visita	Comemoração do dia das mães - manhã	08/05/2015	Pátio/Sala de aula
	3ª visita	Comemoração do dia das mães - tarde	08/05/2015	Pátio/Refeitório
	4ª visita	Festa junina - tarde	25/06/2015	Quadra/Refeitório
	6ª visita	Apresentação do Folclore e reunião de pais	24/08/2015	Quadra/Sala de aula
02	7ª visita	Feira de Ciências	27/10/2015	Salas de aula/Pátio
	9ª visita	Festa de final de ano	24/11/2015	Galpão da cidade
03	5ª visita	Festa junina - tarde	25/06/2015	Quadra
	8ª visita	3ª Reunião de pais	19/10/2015	Pátio/Salas de aula

Após a conclusão desta pesquisa, a pesquisadora entrará em contato com a Secretaria Municipal de Educação e com a secretaria de cada escola participante para o agendamento de seminários nas instituições para o corpo docente, cujo foco será a exposição dos principais resultados e considerações deste estudo. Espera-se que, desta forma, gestores e educadores possam aplicar possíveis contribuições em suas práticas educacionais no que diz respeito à relação da escola com a família.

3.5 Análise de dados

Primeiramente, todas as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas na íntegra e as observações dos eventos e anotações sobre os Projetos Político-Pedagógico feitas no diário de campo foram organizadas.

Para a análise das transcrições das entrevistas e das anotações sobre os PPPs, foi utilizada a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979) e Minayo (1999), que consiste em técnicas de análise das comunicações, com o intuito de se obterem indicadores que permitam a dedução de conhecimentos relacionados às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) deste conteúdo.

Apesar das diversas técnicas de análise de conteúdo descritas pelas autoras, esta pesquisa investiu na análise temática, considerada mais rápida e eficiente, organizada em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na etapa da pré-análise acontece uma leitura flutuante de todo o conteúdo, possibilitando um contato inicial com o material, de forma genérica, sem se preocupar com a técnica. A segunda parte, de exploração do material, permite que os elementos do texto sejam separados, a fim de criar unidades isoladas, as categorias, que, posteriormente, serão agrupadas por classes de acordo com suas similaridades. A terceira e última etapa, tratamento dos resultados obtidos e interpretação, permite que os dados obtidos na fase anterior sejam interpretados na abordagem qualitativa, através das significações que possibilitem o destaque das categorias capazes de expressar os dados.

Com relação às anotações feitas no diário de campo sobre as observações dos eventos, todas foram submetidas aos critérios de análise propostos por Spradley (1980), que consistem na composição das seguintes chaves:

- Atividade: atribuição de um título ao trecho da atividade analisada;

- Tipo: orienta a formação dos temas, através da classificação da atividade analisada;
 - Atos: sequência de ações de cada atividade analisada, ou seja, cada trecho do texto formado pelas anotações é isolado;
 - Metas: objetivos e finalidades supostamente atribuídos na atividade em questão, a partir de informações obtidas em diálogos informais ou por meio de comportamentos expressos;
 - Atores: participantes de tal atividade;
 - Duração: período em que se desenvolveu a atividade analisada;
 - Lugar: espaço físico onde se passou a atividade analisada;
- Sentimentos e ações complementares: sentimentos provocados durante a atividade a partir do comportamento e expressões dos atores envolvidos. Considerou-se como atividade toda ação complexa, fosse ela sugerida pelos gestores, professores ou demais responsáveis por conduzir cada evento, contando ou não com a participação dos alunos ou seus familiares. Após a análise, cada atividade foi incorporada a um tema, composto por classes de categorias, que, por sua vez, contavam com as suas próprias categorias.

3.6 Considerações éticas

O Projeto original desta pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, atendendo às exigências éticas e científicas da Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que define as diretrizes básicas de pesquisas científicas que envolvem seres humanos, respeitando os princípios da bioética, tais como autonomia, não maleficência, beneficência e justiça.

O Projeto foi aprovado pelo referido Comitê (CAAE nº 40380214.5.0000.5407), sendo que: a pesquisa só teve início após a assinatura e compreensão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos A e B) pelos participantes; durante a reunião com os participantes, foi feito um esclarecimento acerca dos benefícios trazidos por esta pesquisa, sejam individuais ou coletivos; foram indicados quais procedimentos são capazes de garantir o sigilo, garantindo que as informações causadoras de prejuízos não seriam utilizadas, inclusive as relacionadas à autoestima e prestígio econômico-financeiro; foi assegurado que os instrumentos explorados durante as entrevistas não trariam nenhum risco ou desconforto, pois a participação foi sempre voluntária, com a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem nenhum ônus para o participante.

Como forma de retribuição às unidades escolares participantes, ao final da pesquisa, serão promovidos “Seminários”, com a finalidade de apresentar os principais resultados e discutir a possibilidade de implementação de ações ou projetos futuros no sentido da melhoria da relação entre a escola e as famílias dos alunos.

4 RESULTADOS

Os resultados apresentados nessa sessão foram obtidos por meio da revisão dos Projetos Político Pedagógico de cada escola, da Análise de Conteúdo de todas as transcrições das entrevistas com professores e gestores e também através das observações participante dos eventos promovidos pela escola nos quais as famílias dos alunos estiveram presentes.

4.1 Descrição das escolas da rede municipal de ensino

O município onde foi realizado este estudo está localizado no interior do estado de São Paulo e conta com uma população inferior a 20 mil habitantes. Sua rede municipal de ensino é constituída por quatro escolas: uma de Educação Infantil, uma de Ensino Fundamental I, uma de Ensino Fundamental I e II e uma de Educação Básica. Vale ressaltar que a instituição de Educação Básica está localizada no distrito pertencente ao município, onde residem, aproximadamente, 500 moradores, sendo que a maioria vive na zona rural.

A cidade também conta com dois centros educacionais no período do contraturno, cujo objetivo é atender aos alunos do 1º ao 5º ano matriculados no período integral, de acordo com a necessidade social de seus familiares. A matrícula no período integral não é ofertada a todos os alunos da rede, devido às limitações físicas destes centros, sendo que cabe ao familiar do aluno procurar a secretaria da escola para requerer uma vaga para a criança.

Tal como foi descrito na Tabela 1, no item Método, quase todos os professores que participaram do estudo são do sexo feminino, com idade entre 27 e 61 anos, sendo que a maioria é efetivo na rede e possui um ou mais curso de pós-graduação. A Tabela 2 mostra que as gestoras das três escolas são mulheres, com cursos de pós-graduação e estão a mais de cinco anos atuando no cargo de diretora. Com relação à realização das entrevistas, conforme os dados da Tabela 3, pode-se observar a disponibilidade de cada professor em atender a pesquisadora, pois alguns deles cancelaram e remarcaram a sessão diversas vezes, além de fornecer informações referentes à duração de cada sessão, com professores mais sucintos e outros mais prolongados em seus depoimentos.

Será feita uma descrição sobre as três escolas, no item a seguir, baseada nas informações encontradas na análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP) fornecido pelas instituições, a fim de apresentar informações ao leitor sobre o espaço físico, clientela atendida e projetos por elas elaborados.

4.1.1 Caracterização da escola 01

A escola 01 foi construída no ano de 1948 e está localizada na região central da cidade, sendo a maior unidade escolar do município, atendendo, no ano da coleta, aproximadamente 550 alunos matriculados do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. A respeito do quadro de funcionários, a equipe gestora era formada por uma diretora e duas coordenadoras, um secretário escolar, onze agentes de organização escolar e 55 professores.

O prédio conta com dezenove salas de aula, sendo que uma delas é utilizada como Biblioteca, uma como Atendimento Educacional Especializado e uma como Brinquedoteca; um laboratório de Informática; uma sala de reforço; um salão nobre; cozinha e refeitório; sala para uso da psicóloga; pátio; ginásio de esportes coberto com dois vestiários e banheiros; sala dos professores com cozinha; almoxarifado; três piscinas (uma semiolímpica); guarita; três quiosques; pátio com gramado; *playground*; sala para a Diretoria, Secretaria e Coordenação e estacionamento para professores e funcionários. Consta no prédio, ainda, dois sanitários masculinos, dois femininos, um exclusivo para deficientes e dois para uso docente (um feminino e um masculino).

Com relação à caracterização socioeconômica da comunidade escolar, a maioria dos familiares dos alunos estava empregada na zona rural, seguido de trabalhadores no comércio e indústria e empregadas domésticas. Muitos cursaram apenas o Ensino Fundamental e acreditam que a educação é capaz de trazer melhorias para a vida de seus filhos, reduzindo a desigualdade social. As famílias são compostas por pai, mãe e filhos, porém muitos alunos são provenientes de famílias recompostas, além dos muitos casos em que moram com os avós, seja por falta de recursos materiais por parte dos pais, envolvimento com drogas ou por estarem presos.

A respeito dos objetivos gerais apresentados no PPP, não foi encontrado nada que mencionasse o envolvimento da família com a escola. Há um tópico, em metas, que aborda a aproximação das escolas com a comunidade, sem maiores detalhes. Na descrição dos projetos realizados na escola nos anos anteriores, alguns deles contavam com a participação familiar, como no “Projeto de Leitura”, no qual os alunos retiravam um livro por semana, na Biblioteca, para levar para casa e ler junto aos seus familiares; o projeto “Classificados”, em que os alunos escolhiam, em parceria com a família, objetos para levar para a escola para vendê-los ou trocá-los com os colegas; o “Desfile do Aniversário da Cidade”, momento em que os alunos homenagearam o município com um desfile pela rua principal da cidade; o “Chá das avós”, em que as avós dos alunos foram convidadas para um chá da tarde na escola,

com o intuito de interagir com os alunos contando histórias e memórias; e, a “Semana do Folclore”, com apresentações dedicadas aos pais dos alunos; e, por último, o “Projeto do Meio Ambiente”, desenvolvido anualmente através de eixos temáticos que pode envolver a ajuda da família na coleta e separação de resíduos.

A parte final do PPP da escola 01 apresenta um item sobre a necessidade de construir um ambiente educativo onde todos os atores da comunidade escolar estejam comprometidos com os processos educativos e também a respeito da importância de estimular os familiares a participar das ações promovidas pela escola. Tais ideais se tornariam possíveis através do desenvolvimento de ações, como a criação de eventos comemorativos (dia das mães, pais, dentre outros).

4.1.2 Caracterização da escola 02

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) apresentado pela escola 02 é referente aos anos 2014/2015. A contextualização desta unidade informa ao leitor que o prédio escolar foi fundado em 1953 e nos anos seguintes, devido à crise do café, muitos alunos deixaram a escola quando seus familiares saíram da cidade, passando a ministrar, então, a 1ª e 2ª série da escola mista e a escola de emergência.

Em 2010, a instituição ampliou sua jornada escolar, segundo a perspectiva da Educação Integral, até 2014, quando deixou de ser integral e passou a oferecer aos estudantes Atividades Complementares ministradas no período contrário ao das aulas regulares. Além destas atividades, os alunos podem contar com o serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e com atendimento psicológico.

Atualmente a instituição funciona das 7 às 17 horas e oferece a Educação Infantil (Etapa 1 e Etapa 2) e o Ensino Fundamental de oito e nove anos (Ciclo I: 1º ao 5º ano; Ciclo II: 6º ano à 8ª série), sendo que as Atividades Complementares são destinadas aos alunos do 1º ano à 8ª série. No quadro de funcionários consta uma diretora; uma coordenadora pedagógica; três agentes de organização escolar; um agente I; dois agentes de serviços gerais; um agente de cozinha; e 25 professores.

Com relação ao espaço físico, o prédio possui uma sala de diretoria; uma secretaria; uma sala dos professores com banheiro; uma sala de leitura ou Biblioteca (utilizada também para o AEE); uma sala de Informática e Vídeo; 10 salas de aula; um almoxarifado; um depósito de material de limpeza; dois refeitórios; uma quadra de esportes coberta; duas cozinhas; três banheiros para funcionários; quatro banheiros para os alunos; dois vestiários

para os alunos; uma lavanderia; um parque; e grande área externa. As Atividades Complementares são desenvolvidas em outro prédio, de frente à escola, com quatro salas disponíveis.

De modo geral, são registradas altas taxas de sucesso escolar e os alunos são bastante comprometidos com os projetos desenvolvidos pela escola. No ano da coleta, a escola tinha aproximadamente 130 alunos matriculados, número inferior ao exigido pelo Governo para a aplicação de avaliações externas. A clientela é formada majoritariamente por famílias que vivem na zona rural, muitas vezes com pouca escolaridade. Por conta da falta de oportunidades sociais, a escola busca oferecer aos alunos a opção de participar de Olimpíadas e demais concursos, a fim de ampliar a visão de mundo destes jovens.

A escola pode contar com a Associação de Pais e Mestres, com reuniões bimestrais nas quais são decididas as ações promovidas pela escola.

Em 2012 deu-se início ao projeto institucional denominado “Décadas”, no qual são explorados temas como Cultura, Arte, Economia, História, ou seja, fatos marcantes relativos a cada período. Desde então são abordadas duas décadas por ano (2012 – décadas de 20 e 30; 2013 – 40 e 50; 2014 – 60 e 70; 2015 – 80 e 90; 2016 – anos 2000 até a atualidade). Este é um trabalho multidisciplinar e transversal que permite a inclusão de temas extracurriculares, oferecendo ao aluno uma visão mais completa da sociedade na qual estão inseridos. Os resultados deste projeto, desenvolvido ao longo do ano, são expostos em dois momentos: uma mostra cultural e uma apresentação de palco, ambos abertos ao público.

Outro projeto desenvolvido pela instituição diz respeito à Educação Ambiental, onde é feita uma conscientização acerca dos comportamentos e atitudes que prejudicam o meio ambiente. A princípio, os alunos identificam os problemas encontrados ao seu redor e propõem meios para combatê-los. Durante o ano são realizadas gincanas e concursos com esta temática e, ao final, verificam se essas ações foram capazes de solucionar tais problemas, enfatizando a mudança de atitude individual e coletiva.

4.1.3 Caracterização da escola 03

A escola 03 iniciou suas atividades no ano de 1984 contando com apenas duas salas de aula. Por estar localizada em um bairro longe das outras unidades escolares do município, a escola passou a atender, em 1996, alunos de 5ª a 8ª série, além daqueles de 1ª a 4ª. Em 2015, estavam matriculados do 1º ao 9º ano aproximadamente 400 alunos nos períodos matutino e vespertino. A escola conta com 16 salas de aula dispostas em dois andares (quatro no andar de

cima e 12 no andar de baixo); uma sala da psicóloga; uma sala de Vídeo; uma Biblioteca; uma sala de Informática; uma sala dos professores com cozinha; uma sala voltada para o Atendimento Educacional Especializado; uma sala de reforço; uma sala para hora-atividade; quatro banheiros para os alunos (dois masculinos e dois femininos); dois banheiros para professores e funcionários; um banheiro adaptado; um pátio coberto; um refeitório; uma cozinha; uma quadra poliesportiva coberta; uma secretaria com banheiro masculino e uma sala de direção com banheiro feminino.

A equipe gestora era formada por uma diretora; uma coordenadora pedagógica responsável pelo Ensino Fundamental I e outra pelo Ensino Fundamental II; uma orientadora pedagógica; 40 professores; uma secretária; uma agente de organização escolar; uma estagiária; um agente de serviço geral; seis agentes de serviço escolar e três agentes de organização escolar.

No início do ano letivo foi aplicado um diagnóstico escolar para que os alunos respondessem junto aos seus pais, a fim de caracterizar a clientela atendida pela instituição. Este diagnóstico revelou que a maioria vive em casa própria, apresentando uma renda média de até dois salários mínimos. Com relação ao tipo de trabalho exercido, grande parte dos pais está empregada na área da indústria, sendo que a maior porcentagem das mães estava desempregada no momento. Quase a metade das famílias não possui condução própria e alegou ter estudado até a antiga 8ª série. No que diz respeito à participação na Educação, mais da metade dos pais afirmou ir até a escola para as reuniões de pais e também para conversar sobre o comportamento dos alunos.

A escola oferecia, em 2015, o Ensino Fundamental de nove anos e também a educação especial segundo a perspectiva da educação inclusiva, através do oferecimento do Atendimento Educacional Especializado, além do ensino integral em parceria com um dos centros educacionais da cidade. O objetivo geral da escola apresentado no PPP, elaborado pela equipe escolar, consistia na preparação de cidadãos para o pleno exercício da cidadania, dotados de espírito crítico e cientes de seus direitos e deveres, indo além da transmissão de conteúdos necessários para a inserção no mercado de trabalho.

Na sessão do PPP relacionada às ações desenvolvidas pela escola, foi apresentado o projeto institucional denominado “Escola e família: uma parceira de sucesso!”, que consistia na realização de eventos ao longo do ano letivo com o objetivo de oferecer aos pais mais oportunidades de participar da vida escolar dos filhos, promovendo a interação entre os agentes escolares e a comunidade. Este projeto fazia parte das metas da escola referente a criar parcerias com as famílias dos alunos, em ações que contassem com a presença da comunidade em geral. As atividades a serem realizadas foram previamente elaboradas pelos

professores e pela equipe gestora e os convites para participar eram feitos para as famílias durante as reuniões de pais, nas quais elas seriam orientadas pela equipe sobre a forma como cada atividade pedagógica seria desenvolvida.

Tais atividades pedagógicas contariam com a realização de leitura de livro pelas mães dos alunos em sala de aula; comemoração do dia das mães; festa junina; futsal entre pais e filhos/pais e professores; apresentação do Folclore; e, para encerrar, a realização do “dia da família”. Entretanto, dentre as ações propostas, foi informado pela diretora que apenas a mãe de uma aluna do 2º ano participou da leitura em sala de aula; não foi realizada a comemoração do dia das mães; o futsal não obteve apoio por parte dos pais e, com isso, não aconteceu; e o “dia da família” teve que ser cancelado por conta da realização da Prova Brasil.

4.2 Resultados obtidos através da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com professores

Os resultados foram obtidos por meio da análise das transcrições das entrevistas dos 30 professores participantes. Serão apresentadas, neste tópico, as categorias e classes de categorias obtidas a partir da Análise de Conteúdo destas transcrições. Abaixo, nos esquemas de um a quatro, é possível observar o agrupamento das categorias em classes, que por sua vez pertencem aos temas que foram propostos aos professores durante a realização da segunda sessão de entrevista.

Vale ressaltar que, durante a primeira sessão de entrevista com os professores, foram abordados mais três temas (“Minha formação”, “Minhas experiências anteriores” e “Meu emprego atual”) que também foram submetidos à Análise de Conteúdo. No entanto, as categorias resultantes apresentavam dados apenas informativos sobre cada professor e, por isso, não foram incluídas nos esquemas abaixo.

ESQUEMA 1. Categorias do tema A: Relação da escola com a família

<p><i>Classe de Categoria A-1: Projetos e ações desenvolvidas pela escola para atrair a participação da família</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria A-1.1:</u> Desenvolvimento de projetos para aumentar a participação da família na escola - <u>Categoria A-1.2:</u> Práticas desenvolvidas para tentar aproximar a família da escola - <u>Categoria A-1.3:</u> Necessidade de promover mais eventos na escola para atrair a participação da família - <u>Categoria A-1.4:</u> Palestras não atraem a família - <u>Categoria A-1.5:</u> Poucos familiares comparecem aos eventos na escola, deixando os professores desmotivados - <u>Categoria A-1.6:</u> Maior participação das famílias nos eventos promovidos pela escola
---	---

<p><i>Classe de Categoria A-2: Diferenças na participação da família nas escolas</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria A-2.1:</u> Participação da família na educação dos filhos é diferente nas escolas do município - <u>Categoria A-2.2:</u> Escola com menor número de alunos facilita na hora de conhecer as famílias - <u>Categoria A-2.3:</u> Os familiares dos alunos mais novos são mais solícitos do que dos alunos mais velhos - <u>Categoria A-2.4:</u> Famílias dos alunos do período da tarde são mais carentes e ausentes - <u>Categoria A-2.5:</u> Transformações na relação da escola com a família ao longo dos anos
<p><i>Classe de Categoria A-3: Papel da família na educação dos filhos</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria A-3.1:</u> Papel da família e papel da escola na educação das crianças - <u>Categoria A-3.2:</u> Necessidade de lembrar a família que a responsabilidade pelo filho é dela - <u>Categoria A-3.3:</u> Falta de comprometimento dos familiares - <u>Categoria A-3.4:</u> Professores gostariam que os pais impusessem mais limites aos seus filhos - <u>Categoria A-3.5:</u> Escola está assumindo os deveres que seriam da família - <u>Categoria A-3.6:</u> Professores assumem diferentes funções em classe
<p><i>Classe de Categoria A-4: Formas de contato entre professor e família</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria A-4.1:</u> O contato com a família no portão da escola durante a entrada e saída dos alunos facilita a relação escola-família - <u>Categoria A-4.2:</u> Comunicação com a família através da agenda
<p><i>Classe de Categoria A-5: Participação dos gestores na relação da escola com a família</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria A-5.1:</u> Toda conversa com familiares é feita na presença dos gestores - <u>Categoria A-5.2:</u> Apoio da equipe gestora aos professores pode facilitar esta interação - <u>Categoria A-5.3:</u> Comunicar a direção sempre que é preciso entrar em contato com a família - <u>Categoria A-5.4:</u> Diretora inicia a reunião com todos os pais juntos
<p><i>Classe de Categoria A-6: Motivos que levam a escola a convocar a presença das famílias e como elas reagem a isso</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria A-6.1:</u> Como os familiares reagem ao conversar com o professor quando comparecem à escola - <u>Categoria A-6.2:</u> Reação da família ao ser chamada para conversar com a professora do AEE* - <u>Categoria A-6.3:</u> Como as famílias são convocadas a comparecer à escola - <u>Categoria A-6.4:</u> Professora do AEE* convoca a presença dos pais na escola para falar sobre medicamentos, avanços, estímulos e dificuldades - <u>Categoria A-6.5:</u> Familiares não comparecem à escola quando são convocados após algum problema - <u>Categoria A-6.6:</u> Na maioria das vezes, a presença da família é solicitada quando há problemas com os alunos

*AEE: Atendimento Educacional Especializado

ESQUEMA 2. Categorias do tema B: Facilidades e dificuldades na relação da escola com a família

<p><i>Classe de Categoria B-1: Dificuldades encontradas na relação da escola com a família</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria B-1.1:</u> Dificuldades na relação da escola com a família dos alunos - <u>Categoria B-1.2:</u> Pais que acreditam que a escola teria que oferecer algo em troca de sua presença - <u>Categoria B-1.3:</u> Excesso de cobrança mútua entre escola e família - <u>Categoria B-1.4:</u> Dificuldade em conseguir a participação das famílias dos alunos - <u>Categoria B-1.5:</u> O dever de casa pode afastar a família da escola - <u>Categoria B-1.6:</u> O trabalho como obstáculo para o maior envolvimento da família na educação dos filhos - <u>Categoria B-1.7:</u> Pontuar sempre os aspectos negativos dos alunos pode dificultar a relação escola-família
<p><i>Classe de Categoria B-2: Desvalorização da escola por parte da família</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria B-2.1:</u> A desvalorização da escola por parte da família dificulta a relação escola-família - <u>Categoria B-2.2:</u> A desvalorização do professor pelos pais dificulta a relação escola-família
<p><i>Classe de Categoria B-3: Vivências positivas dos professores com a relação escola-família</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria B-3.1:</u> Relação com as famílias dos alunos portadores de necessidades especiais - <u>Categoria B-3.2:</u> Deixar os pais à vontade pode facilitar a relação escola-família - <u>Categoria B-3.3:</u> Importância do diálogo entre escola e família - <u>Categoria B-3.4:</u> Necessidade de estabelecer uma relação verdadeira entre escola e família - <u>Categoria B-3.5:</u> Experiências positivas com a participação da família na escola - <u>Categoria B-3.6:</u> Uso da tecnologia como facilitador da relação escola-família - <u>Categoria B-3.7:</u> Benefícios trazidos pelo bom relacionamento entre escola e família - <u>Categoria B-3.8:</u> Elogiar os alunos pode estreitar a relação da escola com a família - <u>Categoria B-3.9:</u> Escola e família colaborando entre si - <u>Categoria B-3.10:</u> Tratar os alunos com amor pode aproximar a família da escola
<p><i>Classe de Categoria B-4: Importância do respeito às diferenças</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria B-4.1:</u> Necessidade de respeitar as diferenças entre as famílias - <u>Categoria B-4.2:</u> Escola superlotada de demandas
<p><i>Classe de Categoria B-5: Importância de conhecer o contexto em que a família vive</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria B-5.1:</u> Compreender o contexto familiar pode facilitar a relação escola-família - <u>Categoria B-5.2:</u> Necessidade de orientar familiares sobre cuidados com a saúde e higiene - <u>Categoria B-5.3:</u> Busca de informações sobre famílias e alunos na própria comunidade pode facilitar a relação família-escola - <u>Categoria B-5.4:</u> Problemas sociais que dificultam a relação escola-família

ESQUEMA 3. Categorias do tema C: Dever de casa

<i>Classe de Categoria C-1: Importância do dever de casa</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-1.1:</u> Importância do dever de casa - <u>Categoria C-1.2:</u> Peso do dever de casa na avaliação bimestral do aluno
<i>Classe de Categoria C-2: Frequência com que o dever de casa é passado</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-2.1:</u> A frequência do dever depende do que foi passado em sala de aula - <u>Categoria C-2.2:</u> Dever de casa é passado de segunda à quinta-feira - <u>Categoria C-2.3:</u> O dever de casa é passado diariamente - <u>Categoria C-2.4:</u> Professor do AEE* não passa dever de casa
<i>*AEE: Atendimento Educacional Especializado</i>	
<i>Classe de Categoria C-3: Conteúdo do dever de casa</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-3.1:</u> Quantidade de dever passado - <u>Categoria C-3.2:</u> O dever de casa complementa os assuntos abordados em sala de aula - <u>Categoria C-3.3:</u> Falta de recursos dificulta a realização de trabalhos de pesquisa em casa
<i>Classe de Categoria C-4: Como é feita a correção do dever de casa</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-4.1:</u> Correção do dever de casa através de uma socialização - <u>Categoria C-4.2:</u> Razões para corrigir o dever de casa individualmente
<i>Classe de Categoria C-5: Medidas tomadas com alunos que não fazem o dever de casa</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-5.1:</u> Como é feita a cobrança daqueles que não fazem o dever de casa - <u>Categoria C-5.2:</u> Punições não resolvem o problema de alunos que não fazem o dever de casa - <u>Categoria C-5.3:</u> Ausência de punições para quem não faz o dever de casa
<i>Classe de Categoria C-6: Realização do dever de casa</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-6.1:</u> Relação entre a participação da família no cotidiano escolar e a frequência com que o dever é feito pelos alunos - <u>Categoria C-6.2:</u> Os alunos que frequentam o período integral fazem o dever de casa no contraturno como parte das atividades propostas - <u>Categoria C-6.3:</u> Média de alunos da classe que faz o dever de casa - <u>Categoria C-6.4:</u> Realização do dever de casa em sala de aula evita que os alunos deixem de fazer em casa
<i>Classe de Categoria C-7: Disponibilidade do professor em atender as famílias dos alunos</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-7.1:</u> Disponibilidade do professor em ajudar os pais sobre o conteúdo que o filho está aprendendo - <u>Categoria C-7.2:</u> Disponibilidade do professor em atender aos pais em outros horários - <u>Categoria C-7.3:</u> Como os pais são orientados sobre o dever de casa

ESQUEMA 4. Categorias do tema D: Reunião de Pais

<i>Classe de Categoria D-1: Conteúdo abordado durante a reunião de pais</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria D-1.1</u>: Pauta da reunião de pais - <u>Categoria D-1.2</u>: No lugar da reunião de pais é feita uma orientação com os pais dos alunos que frequentam o AEE* - <u>Categoria D-1.3</u>: Como os professores preparam a reunião de pais do Fundamental II - <u>Categoria D-1.4</u>: Necessidade de rever o foco das reuniões de pais - <u>Categoria D-1.5</u>: Como seria a reunião de pais ideal - <u>Categoria D-1.6</u>: Necessidade de falar com algum familiar em particular durante a reunião
---	--

*AEE: Atendimento Educacional Especializado

<i>Classe de Categoria D-2: Participação da família na reunião de pais</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria D-2.1</u>: A reunião de pais como oportunidade de encontro com os familiares - <u>Categoria D-2.2</u>: Média de participação da família na reunião de pais - <u>Categoria D-2.3</u>: Alunos deveriam participar da reunião de pais para evitar desentendimentos - <u>Categoria D-2.4</u>: Pais de bons alunos estão mais presentes na escola - <u>Categoria D-2.5</u>: Pais de alunos que apresentam problemas na escola geralmente não comparecem à reunião - <u>Categoria D-2.6</u>: Abertura dada pela professora para que os pais se manifestem durante a reunião - <u>Categoria D-2.7</u>: Como os familiares se comportam durante a reunião de pais
--	--

A fim de elucidar o conteúdo exibido pelos esquemas de um a quatro, será feita, nos itens a seguir, uma explanação acerca de cada tema proposto aos professores, seguida da formação das classes compostas pelas categorias provenientes da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979) e Minayo (1999).

4.2.1 Tema A: Relação da escola com a família

Após a Análise de Conteúdo, tal como já apresentado no Esquema 1, acima, o tema A proposto aos professores resultou em 27 categorias que foram agrupadas em seis classes. Serão apresentados, a seguir, alguns trechos das entrevistas que ilustram essas categorias.

Classe de Categoria A-1: Projetos e ações desenvolvidas pela escola para atrair a participação da família

As seis categorias incluídas nesta classe dizem respeito aos projetos e iniciativas desenvolvidas pela escola com a finalidade de aumentar a participação da família no cotidiano escolar dos alunos.

- Categoria A-1.1: Desenvolvimento de projetos para aumentar a participação da família na escola

Nesta categoria, os professores 1 e 14 falaram a respeito da elaboração de alguns projetos cuja finalidade seria aumentar a participação da família na escola.

“Então eu acho que a escola até procura. Tem falhas? Sim, tem falhas. Esse ano mesmo a gente tá pensando... pensando não, já é um projeto institucional, de tá fazendo um memorial da escola, de tá chamando esses pais... não só os pais, mas as pessoas que já trabalharam aqui, né, de tá reunindo... pra falar das memórias mesmo desde que a escola começou. Quem sabe. Através de apresentações, de fotos, de... chamando esses professores que já deram aula aqui... ex alunos... então... de tá chamando a comunidade mesmo pra dentro da escola. Tomara que dê certo. Já é um começo.” (Prof. 14)

- Categoria A-1.2: Práticas desenvolvidas para tentar aproximar a família da escola

Alguns professores (2, 6, 7, 11, 14, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 28 e 29) relataram sobre práticas desenvolvidas para tentar aumentar a participação da família nas escolas em que atuam. Os professores 6 e 25 falaram sobre a maior participação da comunidade em um dia específico direcionado às famílias dos alunos na escola.

“E a gente percebe que quando a gente faz o ‘dia da família na escola’, que tem um monte de atrações pra eles, eles vêm, eles participam, eles gostam. Tem o salão de beleza... eles vêm, cortam o cabelo, faz o cabelo, faz unha. Elas vêm, elas gostam. E aí tem a participação da família. Não é uma... porque o horário é durante o dia, então têm muitas mães que trabalham. Mas vem mais gente do que... vem mães que você nunca viu na reunião de pais, né.” (Prof. 6)

“O ‘dia da família na escola’ já faz anos... já foi até melhor do que hoje. Mas faz anos que nós começamos a fazer esse trabalho. Cabeleireira, salão de beleza pra cuidar das mães, é... teve ano de... de conseguir um professor de academia ou então de Educação Física e conseguir material... como fala... materiais de academia, né, e montou numa sala... pras mães participarem... relaxamento com professores, que elas amaram muito, né. Uma sala, assim, de relaxamento, de meditação, uma coisa diferente. Também teve os trabalhos dos alunos durante o ano. Então montava, de

acordo com a disciplina, então montava em várias salas, é.. a parte de beleza envolvia unha, corte de cabelo, escola. Envolvia não, envolve, ainda tem. E... servia-se chá, um lanchinho diferente. Tinha teatro que os filhos... que a gente preparava, ensaiava, montava uma peça de teatro. E era muito gostoso, elas amavam. Era aberto o dia todo aberto pras mães. Participavam muito, participavam. Os pais também vinham. Tinham várias salas, sabe. Bem interessante mesmo. Isso era muito bom. Tem ano que não da pra fazer, né, tão grande, mas todo ano faz.” (Prof. 25)

Já o professor 11 contou sobre o que tem sido feito para que mais familiares compareçam aos eventos promovidos pela escola e como a presença deles é importante para os alunos.

Eu penso que, atualmente, a escola tem por... até por conta da... da política de uma gestão mais democrática, né, a escola tem aberto mais o espaço pras famílias, né. E tentando fazer coisas pra cativá-los de uma forma nem sei se seria interessante, por exemplo, no dia das mães aqui, pras mães participarem foi proposto um café da tarde, no período da tarde, e um café da manhã pro período da manhã, pra ter um atrativo, pras mães virem, porque assim, muitas delas se falar somente que é uma apresentação do seu filho [faz sinal que não], principalmente pros meus que são pequenininhos, quando eles chegavam lá e não viram a mãe, abriam o bocão. Pra eles é importante, elas não enxergam essa importância. Então a escola tem que usar, tem que usar outros artifícios pra ta tentando chegar nas mães, né. É.. na... aqui foi feito o café da manhã, lá na outra escola colocaram: haverá sorteio de brindes assim, depois da apresentação...” (Prof. 11)

- Categoria A-1.3: Necessidade de promover mais eventos na escola para atrair a participação da família

Os professores 8, 9, 10, 13, 16, 18, 20 e 21 falaram a respeito da escassez de eventos realizados na escola e também da necessidade de promover mais oportunidades para a família estar presente no cotidiano escolar.

Destaca-se a fala do professor 8, com relação à necessidade de tornar os encontros entre família e escola mais frequentes e com horários mais flexíveis.

“Então eu acho que os encontros família e escola tinham que ser mais frequentes e os dois tinham que ser mais flexíveis. A escola com horários, possibilitando a vinda das famílias, porque a... a gente planeja as coisas no horário de aula, só que a gente sabe que nesse período os pais vão estar trabalhando. Então já é meio que abrir mais... não abrir a possibilidade, é... por completo... pra estar na escola. Acho que esses encontros deveriam ser mais frequentes e a escola e a família tinham que é.. querer estar reunidos não pra querer cumprir uma burocracia, né? Cumprir um calendário... pra falar: “os pais... recebi os pais uma vez por bimestre”. E também onde a gente não tivesse só a oportunidade de desenvolvendo assim, ele comparado a ele mesmo, ele avançou nisso, mas ainda tem isso.” (Prof. 8)

Fica claro, na fala do professor 16, que os encontros entre família e escola não têm sido suficientes para promover a interação entre estas duas instituições.

“E, e... eu acho que a escola também tem pecado isso. Ela tem oferecido poucas oportunidades pros pais estarem aqui na escola.” (Prof. 16)

Para o professor 20, os eventos realizados na escola podem ser muito produtivos para as famílias, pois estes momentos são propícios para o oferecimento de subsídios capazes de ajudá-las na criação de seus filhos.

“Eu acho que alguns... eu acho que seria importante um trabalho com os pais. Eu acho que seria um facilitador aí. Eu acho que teria que ser profissionais, psicólogos. Outro dia veio a V. B. V. (ONG presente no município) e, assim, eles passaram um vídeo que foi muito bom. Eu acho que, assim, as famílias... eu acho que elas repensam. E é o que está acontecendo. Eu acho que esse... foi importante, porque às vezes até a gente se vê com o filho. Eu tive o meu filho com 20 anos, então a gente não tem, não tem... então tudo precisa ser ensinado, sabe? Como se fosse uma orientação, uma retomada: “ah, eu sei, mas eu vou retomar aquilo”, né. Então eu... mas, assim, eu... eu vejo como um grande facilitador, assim resumindo, é... ter eventos pra trazer a família. Que eu percebo, assim, que as famílias gostam muito quando os filhos se apresentam em alguma dança. Nossa, teve a fanfarra, né, no dia do município e foi... nossa, os pais, eu... nossa. Mas eles me encontravam: “nossa, foi muito bom”. Então eles ficaram muito orgulhosos dos filhos e os filhos gostam. Então eu acredito assim, isso traz a família pra escola. Os projetos, né.” (Prof. 20)

- Categoria A-1.4: Palestras não atraem a família

De acordo com os professores 9, 16, 22 e 30, o oferecimento de palestras pela escola não atrai a família.

“Já tentamos fazer diferente? Com certeza. Já trouxemos palestrantes... eles começam a levantar e vão embora. É uma coisa, assim, absurda. E quem fica? Aqueles pais daqueles alunos que não nos trazem problemas.” (Prof. 22)

“E a gente até tenta fazer alguma coisa na escola pra trazer eles, né, mas eles não querem saber de palestra, acham que não precisa.” (Prof. 30)

- Categoria A-1.5: Poucos familiares comparecem aos eventos na escola, deixando os professores desmotivados

O professor 9 relatou como se sente desmotivado com a baixa participação da família durante as festas e reuniões de pais.

“Então, você marca uma reunião e poucos pais aparecem. Você marca uma festinha... poucos também aparecem. Você... enfim, coisas que você vai inventando na escola pra atrair... que você ia inventando na escola pra trazer a família, acaba tendo pouca presença ou são sempre os mesmos. Então, acho que isso leva, assim, a uma desmotivação.” (Prof. 16)

De acordo com o professor 29, os familiares dos alunos não comparecem espontaneamente à escola para saber mais sobre seus filhos.

“Agora, dificuldades... espontaneidade... eles vêm porque eles querem saber. A escola faz de tudo: manda bilhetes, manda recados, avisa. Antigamente colocava-se no rádio, mas não adianta. A dificuldade é a espontaneidade dos pais, muito pouco... o que eu te falei da entrega de boletim... só pra pegar nota... eles têm desculpa pra tudo.” (Prof. 29)

- Categoria A-1.6: Maior participação das famílias nos eventos promovidos pela escola

Os professores 17, 18, 22, 28 e 29 relataram que há maior envolvimento das famílias durante as festividades promovidas pela escola ao longo do ano letivo.

“Os eventos também... que como eu já relatei... também acabam trazendo um grande número de famílias pra escola... envolvidas. As festividades, é... anuais que a gente tem... no decorrer do ano. Então isso acaba sendo um agente fácil pra essa comunidade escolar e familiar estarem envolvidas.” (Prof. 17)

“Mas o que nós temos hoje que tem um pouco de facilidade aqui na escola são as festas. Então quando tem a festa do dia das mães, então a gente nota que elas, sabe, elas aplaudem isso, que elas gostam, que elas sentem... sentem o carinho da escola, né, com as festas que têm. Quando tem também, aqui em M. tem a festa junina, que vai acontecer agora também. Elas estão sempre presente nas festas, né, vem sempre mesmo o pessoal, a família toda, né. Então a gente vê que eles tão sempre querendo é... tá ali participando. Porque também a cidade é pequena e é a única festa que tem aqui, então eles vêm mesmo, né, tão sempre participando e ajudando. Então eu acho que aí já é um começo, ali já seria um começo, um vínculo com a família, com a comunidade, com a escola, né.” (Prof. 18)

Segundo o professor 28, os familiares comparecem em maior número durante os eventos na escola por se sentirem mais valorizados nestes momentos.

“Então eu acho que falta perspectiva e... e... eu não sei, eu acho que eles, assim, acabam ficando muito desesperançados. Então por que que num dia desses, que é só alegria, eles vêm? Não é? Nossa senhora, é fila pra passar esmalte... o bazar de roupa usada. A gente já teve dias de fazer 400 reais na manhã. Então é um fluxo grande. Por que nesse dia vem? Entende? Eles se sentem acolhidos nesse dia, se sentem valorizados.” (Prof. 28)

Classe de Categoria A-2: Diferenças na participação da família nas escolas

Nesta classe, os professores que atuam nos dois períodos (matutino e vespertino) ou em mais de uma unidade escolar relataram sobre as diferenças na maneira como percebem a interação entre escola e família nestes contextos. Eles também relataram algumas mudanças nesta relação com o passar dos anos.

- Categoria A-2.1: Participação da família na educação dos filhos é diferente nas escolas do município

Nesta categoria, seis professores (1, 2, 7, 8, 18, 23) que atuam em mais de uma escola contaram sobre as diferenças percebidas acerca da participação da família no cotidiano escolar dos alunos.

O professor 1 falou sobre a participação da família na educação das crianças na escola do distrito onde atua, sendo diferente daquela recebida pelos alunos que frequentam a escola situada na cidade.

“E... não é tão presente na escola e nem em casa com as crianças. A gente vê essa diferença e aqui em M. a gente vê mais ainda, porque eles são mais presentes. É diferente da cidade.” (Prof. 1)

Segundo o professor 7, os pais participam mais das reuniões e dos eventos em uma das escolas em que atua do que em outra.

“Aqui eu sinto... aqui em M. eu sinto os pais um pouco mais presentes. Quando tem reunião vem. Não vêm todos, claro. Mas em outras escolas que eu vejo, em comparação, pelo menos vem um pouco mais. E aqui vem um pouco mais. Metade dos pais, pelo menos, eu vejo. 50%. Em outras escolas tem uma reunião de entrega de boletim, uma reunião pra conversar com pais... se aparecer um ou dois de cada sala é muito. Mas também não é uma preocupação com o andamento da escola. É uma preocupação com os filhos que eu vejo, não com o desenvolvimento da escola. É mais... eventos que eles participam bastante... festa junina, igual tem agora no

barracão, feira cultural do final do ano eles também vem pra ver o trabalho dos filhos.” (Prof. 7)

Já o professor 23 fez uma comparação a respeito da participação familiar nas redes municipal e privada de ensino.

“E hoje, assim, na parte... em relação à escola pública, porque como eu dou aula na escola particular e na escola pública, eu noto que na escola particular também teve esse desinteresse por parte da família. Só que é um fenômeno diferente. Por exemplo, na escola particular, me parece que os filhos são terceirizados. Tipo assim: ah... o aluno ali, muitos alunos vão com motorista, às vezes a empregada que leva. O pai e a mãe muitas vezes não dão... têm muitos pais que levam, mas que também não entram em contato... muitos até nem em reunião vão. Isso na escola particular. Na pública então... isso foi diminuindo gradativamente e hoje, assim ó, é... atualmente é uma relação frustrante pro professor.” (Prof. 23)

- Categoria A-2.2: Escola com menor número de alunos facilita na hora de conhecer as famílias

Dois professores discorreram sobre a maior interação com as famílias em escolas com menor número de alunos. Para o professor 21 existe uma grande diferença na relação escola-família de acordo com o tamanho da instituição.

“É... têm casos e casos. A maioria, vamos dizer assim... de uma escola maior. Se eu disser pra você a respeito de uma escola maior, aí eu sinto. Mas de uma escola menor não dá pra gente sentir tanto, ainda não afetou tanto, entende? Agora se eu falar pra você de uma escola maior, aí sim, esses valores mudaram, entendeu? Consegue entender a minha relação? A diferença fica bem marcante. A menor é mais paternalista, a família ainda consegue dominar essa situação, mas em escola maior parece que tudo se perde. Os alunos não estão... como deveriam ser. Não são mais dessa forma.” (Prof. 21)

- Categoria A-2.3: Os familiares dos alunos mais novos são mais solícitos do que dos alunos mais velhos

Os professores 18 e 27 apontaram para o fato de que os pais dos alunos dos anos iniciais são mais presentes do que os pais dos alunos mais velhos, como relatado no exemplo abaixo.

“São... com os menores a gente percebe que a preocupação é um tanto quanto maior. São mais solícitos.” (Prof. 27)

- Categoria A-2.4: Famílias dos alunos do período da tarde são mais carentes e ausentes

De acordo com o professor 29, a participação da família dos alunos do período da tarde é menor quando comparada ao período da manhã.

“Aqui, como a nossa clientela é carente, apesar de que eu sinto muita diferença do período da manhã com a tarde... no ano passado eu dei aula à tarde aqui, então você percebe muita diferença. Eles são mais carentes, do sítio e não estão nem aí. Eu acho que no ano passado que eu dei aula à tarde, se eu conheci três pais eu conheci muito. E nós, como professor e orientador de sala, no dia de boletim... que é a entrega pra família, pra você conhecer alguém, vem oito em classe de 25... no máximo de dez.” (Prof. 29)

- Categoria A-2.5: Transformações na relação da escola com a família ao longo dos anos

Os professores 1, 8, 10, 16, 23 e 25 falaram um pouco a respeito das transformações ocorridas na relação escola-família. Segundo o professor 8, muitos familiares não compreendem o real significado de uma gestão democrática na escola.

“Eu acho que essa... essa... essa visão de que a família podia mandar na escola, era o cliente, né, é... eu acho que isso aconteceu em decorrência da interpretação equivocada das leis, né? Quando começou a se usar o termo “gestão democrática”, eu acho que entendeu-se que todo mundo podia tudo, né?” (Prof. 8)

“A escola não tinha portões fechados, uma coisa muito interessante, não tinha grade. Então sempre, às vezes, tinha mãe que vinha trazer aluno e tinha aquele diálogo com a gente quase rotineiramente. Com o passar dos anos isso foi diminuindo muito, sabe?” (Prof. 23)

Para o professor 25, antes havia mais confiança entre pais e professores.

“A criança era mais obediente. Então tinha essa troca entre pais, professores. A gente conversava muito sobre os problemas das crianças. As reuniões... tinha mais participação nas reuniões, né, coisa que hoje os pais que mais precisam, às vezes, não comparecem, muitas vezes não comparecem. E... tinha mais confiança devido toda essa participação, essa troca, havia mais confiança entre pais, professores e mesmo alunos, né? Entre a escola em si. É... porque havia troca de informação também, né. Os pais falavam dos problemas, mas com preocupação, né, querendo,

assim, que os filhos fossem ajudados, querendo ajudar o professor, né. E o professor, com toda essa confiança, né, passava também as informações de uma forma diferente pros pais.” (Prof. 25)

Classe de Categorias A-3: Papel da família na educação dos filhos

Alguns professores relataram, nesta classe de categorias, o que eles acreditam ser papel da família no que diz respeito à educação dos filhos.

- Categoria A-3.1: Papel da família e papel da escola na educação das crianças

Nesta categoria, os professores 1, 11, 13, 24, 27 e 29 expuseram seus pensamentos acerca de qual o papel da família e da escola na educação das crianças. Segundo o professor 11, as famílias têm transferido para a escola a responsabilidade pela educação completa das crianças.

“Mas, então, eu acho que assim, antes os pais colocavam a escola como algo essencial. Hoje, muitas vezes, eu ia colocar que nem tanto essencial, mas aí eu mudei. Uma grande parte dos pais, principalmente nessa faixa etária que eu trabalho, eles veem a escola como um lugar pra cuidar dos filhos deles, educá-los, e essa não é a educação, aqui é ensino. O “por favor, obrigado”... Eu acho que essa transmissão de valores, por parte dos pais, tem caído cada vez mais. Então muitas vezes a família tem transferido o cuidado mesmo, essa transmissão de valores, pra escola, enquanto a escola deveria se preocupar em ensinar, né? Os pais precisam... De recortar junto, de estar junto... né... então isso prejudica muito. E, diante disso, diante da sociedade atual, eu acredito que cada vez mais esse cuidado vai ser transferido para a escola. Está sendo... e tem ampliado muito aí isso e... eu acho que a escola necessita repensar algumas coisas. Não a escola, não a escola, não os professores, eu acho que os sistemas de ensino têm... as redes mesmo... têm que, que mudar um pouco a forma de pensar pra conseguir atender essa clientela. Sim, esse tipo de clientela vem aumentando cada vez mais. Então o pai dirige o cuidado pra escola e a escola não está preparada pra isso. Quem vai perder novamente é a criança.” (Prof. 11)

Para o professor 13, a falta de delimitação dos papéis da escola e da família pode prejudicar esta relação.

“Eu acho que é isso daí, não tem claro qual o papel da escola.. pra essa geração aí que nós estamos pegando, atual.. sempre foi muito, sei lá... compartimento-estaque.. família-família... igreja-igreja.. escola-escola... tudo separado. Então eu acho que tem que falar uma língua universal aí. Principalmente agora.” (Prof. 13)

- Categoria A-3.2: Necessidade de lembrar a família que a responsabilidade pelo filho é dela

Nesta categoria, alguns professores (3, 20, 22 e 24) falaram sobre a falta de comprometimento de algumas famílias com seus filhos. O Professor 3 discorreu sobre a necessidade de chamar a atenção da família para lembrá-la da responsabilidade com seu filho.

“Por exemplo, eu tenho duas mães que no ano passado, com essa turma, deu muito trabalho pra professora anterior, trabalho sério, sério, de ter ocorrência até registrada por isso. Esse ano, eu já sou assim, sabe? O que eu tiver que te falar, eu te falo. Então eu já fui e já falei pras mães como eu sou, como é meu jeito de trabalhar e não sei o que. E aí: “ah, mas eu não sei o que eu faço com o meu filho...”, não, você tem que arrumar um jeito de saber o que você faz com ele porque ele é seu o resto da vida. Meu? Dezembro tá aí. Então vambora, mãe, força.” (Prof. 3)

Já o professor 24 mencionou a falta de responsabilidade da família com relação ao cumprimento de seu papel.

“Então você não vê essa, é... essa responsabilidade da família. Os direitos e deveres. Vem a nós e ao vosso reino nada, né? Eu to ganhando, mas eu também não faço por merecer. Então eu acho que devido a essa visão assistencialista, a família também tá deixando de fazer o seu papel, porque é muito mais fácil você chegar pra uma pessoa e falar: “faz, que eu não to conseguindo fazer”.” (Prof. 24)

- Categoria A-3.3: Falta de comprometimento dos familiares

11 professores (2, 4, 8, 9, 12, 13, 16, 24, 26, 27 e 30) comentaram sobre a falta de comprometimento dos familiares principalmente no que tange a educação dos filhos. A fala do professor 12 ilustra esta situação.

“Agora, na maneira geral, é... assim, a família pouco se, pouco se compromete, né? Não tem um comprometimento com a vida escolar das crianças. Isso não está na organização da vida deles, pautado na vida deles “olha, esse tempo eu tenho que dedicar ao meu filho pra olhar a agenda, pra ver o dever dele, pra ver o livrinho”... E aí tem uma grande maioria de que pouco a família participa. A gente observa que quando manda bilhetinho que tem que vim lá assinado, que você vê que “nossa, a família nem olhou, não viu”. A gente tem esse termômetro mais ou menos por aí.” (Prof. 12)

Para o professor 16, muitos familiares esperam que outras instituições resolvam os problemas dos seus filhos.

“E a gente percebe, assim, um jogo de empurra, sabe? Toma que o filho é teu... mas o filho é teu... e, na hora de assumir mesmo, de ajudar, de fazer... são raros, viu. São raros os que sentam com a criança, que ajudam numa tarefa, que ajudam numa pesquisa, que... que ensinam, que conversam, que perguntam. Quando eu acho que a questão reside mesmo nisso que eu te falei, sabe... é... no real interesse pela vida do filho, né. Eles perdem encaminhamentos na área da saúde... eu tive casos aqui de ter encaminhado pra fono e até mesmo pra psicólogo e perder porque não consegue mandar a criança no horário... porque perde hora, porque não sei o que, sabe? Então é difícil. Acho que, assim, a falta de compromisso hoje... a falta de amor eu diria, eu acho que a falta de amor hoje...” (Prof. 16)

- Categoria A-3.4: Professores gostariam que os pais impusessem mais limites aos seus filhos

Nesta categoria, sete professores (1, 4, 11, 13, 20, 24, 26) relataram que a falta de limites no contexto familiar reflete negativamente no comportamento dos alunos em sala de aula. O professor 4 acrescentou que impor limites não significa punir com agressão física.

“Elas acham que quando a gente chama os pais pra estarem presentes na escola, é porque a gente quer uma punição com agressão física. E não é isso que a gente quer delas. A gente quer limite. O que falta nesses alunos... é visível a falta de limite. Desde pequenos a gente vê que eles não têm limites e isso vai crescendo, vai se tornando pior. Esses filhos mandam em casa e acham que na escola eles podem mandar também... no professor, nos outros amigos, podem fazer o que quiserem.” (Prof. 4)

Já o professor 11 disse que é importante que as crianças conheçam limites para também se colocarem no lugar no outro antes de tomarem determinadas atitudes.

“Então eu acho que essas crianças não têm que ser privadas desse conhecimento, desses cuidados mesmo necessários... o “por favor”, “muito obrigado”... o “ai, eu posso até aqui”, “até ali eu vou ofender o meu amigo”, sabe? Os limites. É... e a própria educação na escola tá proporcionando pra eles um... a questão de uma... um ambiente cultural mesmo, que a gente não vai dar conta em sala de aula. Ou você oferece isso, ou você alfabetiza, ou você ensina os conteúdos que você tem. Então, assim, essa ausência dos pais prejudica muito nisso também, eles ficam totalmente desprovidos de conhecimento de mundo, né?” (Prof. 11)

- Categoria A-3.5: Escola está assumindo os deveres que seriam da família

As falas dos professores 16, 18, 20, 21, 23, 26, 29 expõem o fato de que muitas famílias estão deixando de transmitir valores morais e éticos às crianças, na expectativa de que a escola se responsabilize pela educação completa do aluno, como exemplificado na fala do professor 23.

“E uma coisa interessante que aconteceu também foi que eles transferiram a educação... como que eu vou dizer... não só a educação escolar, mas qualquer tipo de educação pra nós professores. Atitudes, valores, tudo cabe à escola.” (Prof. 23)

- Categoria A-3.6: Professores assumem diferentes funções em classe

Nesta categoria, quatro professores contaram que, muitas vezes, suas funções ultrapassam o papel de transmissor do conteúdo pedagógico. O professor 26 contou que realizar todos esses papéis em sala de aula se torna algo muito pesado.

“O que acaba acontecendo é que o professor deixa de ser apenas o divulgador de um determinado conteúdo que é específico dele para fazer outros papéis... de formador de ética, de psicólogo, de enfermeiro, de amigo, de pai... de mãe... outras coisas. Então acaba se tornando uma carga muito pesada. Queira ou não queira, o professor acaba fazendo isso mesmo. Extrapolando esse papel aí de educador pra fazer outras coisas, não tem como.” (Prof. 26)

Classe de Categoria A-4: Formas de contato entre professor e família

Esta classe é formada por duas categorias nas quais os professores discorreram sobre os métodos que utilizam para entrar em contato com as famílias dos alunos no dia a dia.

- Categoria A-4.1: O contato com a família no portão da escola durante a entrada e saída dos alunos facilita a relação escola-família

O professor 3 citou alguns exemplos a respeito de como o contato com as famílias dos alunos no portão da escola pode facilitar a relação escola-família.

“Então, assim, às vezes, você antecipa as coisas, às vezes uma criança cai e na hora não acontece nada, mas depois ela pode reclamar de dor... então tudo isso eu passo no portão. Tem algumas coisas que além de registrar na agenda pra ficar um

registro escrito, tal, eu também falo ali no portão. Você não sabe se a pessoa viu ou não viu a agenda.” (Prof. 3)

- Categoria A-4.2: Comunicação com a família através da agenda

Nesta categoria, cinco professores (3, 4, 13, 16 e 17) disseram usar a agenda do aluno para se comunicar com a família. O professor 3 afirmou que utiliza a agenda para trocar informações sobre o aluno com a família.

E... através de recados na agenda, né, se eles têm alguma médica.. algum medicamento, aconteceu alguma coisa ou elas precisam agendar alguma coisa comigo, elas mandam recado pela agenda. Então a agenda também serve como intermediário entre eu e a família. (Prof. 3)

Já o professor 16 citou que pede para que os pais chequem a agenda dos filhos com frequência.

“E eu também falo pra eles que o caderno do aluno é o termômetro: se eles começam a ver que tem muito bilhete que não fez tarefa ou que não se comportou... ou isso ou aquilo... então pra virem falar comigo, que a nossa comunicação é a agenda, né, já tem a agenda pra isso ou o próprio caderno. Então eu peço pra eles ficarem atentos... se não dá tempo de ver todo dia... pelo menos duas ou três vezes por semana olha esse caderno... vê se tem algum bilhete...” (Prof. 16)

Classe de Categoria A-5: Participação dos gestores na relação da escola com a família

Cinco categorias compõem esta classe, evidenciando as diversas maneiras como os gestores participam da interação entre escola e família.

- Categoria A-5.1: Toda conversa com familiares é feita na presença dos gestores

Os professores 3, 4, 15 e 27 relataram, nesta categoria, que conversam com familiares dos alunos apenas na presença de alguém da equipe gestora. O Professor 4 também disse que sempre comunica a direção quando vai se encontrar com o familiar de algum aluno.

“Mas comunico a direção sobre o assunto e sempre peço pra que alguém da direção/coordenação estejam presentes na reunião. Ainda mais se for uma reunião individual, né, sobre o rendimento, aproveitamento, comportamento de algum aluno, eu gosto de alguém junto.” (Prof. 4)

- Categoria A-5.2: Apoio da equipe gestora aos professores pode facilitar esta interação

Nesta categoria, os professores 8, 21 e 25 falaram sobre a importância da integração da equipe gestora com os professores, pensando de forma conjunta para solucionar os problemas que surgirem.

“E eu coloquei também sobre o apoio da equipe gestora. Ela, mais do que nunca, tem que acreditar no trabalho da equipe. Porque quando.. é... surgir um possível conflito aí, a equipe vai ta fazendo a interferência necessária aí e.. da melhor forma possível, né? Eu acho que isso faz, assim, toda a diferença.” (Prof. 8)

“Todos trabalham numa única maneira, uma única língua, linguagem. E as coisas tentam caminhar, né. Se, às vezes, acontece algo... toda escola tem seu problema, né? Então, mas assim, eu acredito também que o apoio da direção ajuda muito com isso, né. Em todos os sentidos. Então... faz caminhar bem. E a gente também tenta, né.” (Prof. 21)

- Categoria A-5.3: Comunicar a direção sempre que é preciso entrar em contato com a família

Alguns professores contaram que comunicam a direção sempre que precisam entrar em contato com as famílias dos alunos. O professor 14 falou sobre a necessidade de respeitar a hierarquia no trabalho.

“Mas quando acontece alguma coisa, eu sempre falo com a coordenação... com a coordenadora e a orientadora pedagógica. Não tomo a decisão sozinha, nem posso, tem uma hierarquia, né?” (Prof. 14)

Já o professor 12 contou que não sabe muito sobre os procedimentos adotados pela direção quando a presença da família é solicitada.

“É difícil falar isso, L. Porque eu na... com relação a parte dos gestores da escola, a gente não... a gente, digamos, eu não sei muito bem quais as medidas que eles tomam, mas o que eu... o que tem certo pra mim é que a escola sempre comunica, a escola sempre chama, né?” (Prof. 12)

- Categoria A-5.4: Diretora inicia a reunião com todos os pais juntos

Os professores 9, 11 e 19 disseram que a diretora da escola inicia a reunião com todos os pais juntos no pátio da escola.

“Geralmente, antes de ser separado por sala, a diretora passa os recados gerais. Primeiro ela passa tudo geral. Se tem que fazer uma dinâmica, ela faz pra todos juntos, não é individual, não é por sala. Então primeiro tem a fala da diretora, aqueles recados que são comuns pra todas as salas, se tiver que fazer alguma dinâmica... ela faz. Mas geralmente essas dinâmicas são mais pra 1ª a 4ª série. Isso não acontece muito da 6ª ao 8º ano não.” (Prof. 9)

Classe de Categoria A-6: Motivos que levam a escola a convocar a presença das famílias e como elas reagem a isso

Nesta classe, formada por seis categorias, os professores falaram sobre as razões pelas quais as famílias são convocadas para comparecer à escola e também sobre a forma como elas reagem a isso.

- Categoria A-6.1: Como os familiares reagem ao conversar com o professor quando comparecem à escola

Nesta categoria, onze professores falaram sobre a forma como os familiares se comportam quando comparecem à escola após uma convocação. O professor 6 contou que muitos familiares chegam “armados” na escola pelo fato de já saberem que irão ouvir críticas sobre seus filhos.

“Porque eles vêm armados, né, muitos deles vêm armados, principalmente... porque o aluno que você vai reclamar é aquele que o vizinho já reclama, que fica na rua, que o professor do ano passado já chamou inúmeras vezes. Infelizmente é isso. Mas muitos não vêm porque já lembram que o outro ano foi assim, o outro ano. Então se você chama sozinho: “ó, tal dia a gente vai fazer uma reunião, vem e tal”. A gente fica tentando convencer. Mas os pais mais resistentes não é fácil.” (Prof. 6)

Para o professor 17, os problemas sociais vivenciados fora do ambiente escolar contribuem para que alguns familiares cheguem nervosos na escola.

“Então a escola, ela ta um pouco assim... ela ta recebendo esses pais da melhor maneira possível, mas os problemas sociais que eles enfrentam, às vezes, eles vêm e querem jogar em cima da escola: “então eu tenho tudo isso, então a escola também tem culpa”, entendeu? Então eu to vendo dessa forma, essa nova geração que ta chegando, porque inclusive essa menina, eu falo menina porque eu já dei aula pra ela, né. Ela é uma menina meiga, a família também, sabe, nunca... e o menino dela é uma gracinha, carinhoso. Então, assim, não teve problema pessoal, mas foi uma coisa externa que ela ta tendo e que ela veio jogar aqui na escola. Transferiu pra cá de uma forma meio, acho... ‘eu posso’. Foi isso que eu vi depois, como se ela tivesse no direito dela. ‘Eu posso fazer isso’, ‘eu mando’, ‘eu vou fazer esse escândalo’. Então, foi uma coisa assim... que eu fiquei um pouco de boca aberta com a atitude.” (Prof. 17)

Segundo o professor 25, muitos pais chegam nervosos na escola para conversar sobre os problemas dos filhos.

“Às vezes vêm nervosas, bravas, também são recebidas, né, e procura saber sempre o que ta acontecendo por trás de tudo isso, né, se é algum problema... pra poder ajudá-las. Esse tipo de problema ta bem corriqueiro aqui, sabe? Mães, pais que chegam bravos e apoiam a falta do filho, que apoiam tudo. Então a escola ta sempre procurando ajudar, explicar porque não pode... e quando tem necessidade, claro, precisa chamar até o Conselho, né, pra conversar. Mas se elas conseguem resolver, elas procuram também evitar esse problema.” (Prof. 25)

- Categoria A-6.2: Reação da família ao ser chamada para conversar com a professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado)

De acordo com os professores 5, 11 e 19, algumas famílias se assustam ao receber a notícia sobre a necessidade de o aluno frequentar o Atendimento Educacional Especializado.

“Alguns se assustam. Então tem família que não aceita muito isso e fala: “ah, mas em casa ele faz tal coisa”, “mas em casa ele...”. Não coloca, né. Tem uma certa resistência.”

“Mas... tem... têm famílias já que aceitam e procuram ajuda. É... tem a mãe... é um da V. A mãe veio procurar a V.: “olha, eu vou levar ele no neuro, você me faz um encaminhamento? Você me da um papel, um relatório?”. Falei... olha que bacana. Tem que ter um encaminhamento da gente. Normalmente não necessariamente, assim, mas a gente descreve já o que a criança, o que a gente percebe na escola, com um olhar mais voltado.. normalmente a gente faz meio que uma parceria, assim.” (Prof. 5)

- Categoria A-6.3: Como as famílias são convocadas a comparecer à escola

Nesta categoria, quatro professores mencionaram as razões que são levadas em consideração quando solicitam a presença da família na escola. O professor 9 disse que na maioria das vezes os pais são convocados por conta da indisciplina em sala de aula.

“Aí se acontecer alguma coisa numa sala... e os pais não vierem, aí a diretora chama, entendeu? Ou... porque... a maioria das vezes que ela chama os pais é por indisciplina. Agora pelo fato de ele tá fazendo ou não, isso aí é mais pra reunião de pais.” (Prof. 9)

- Categoria A-6.4: Professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado) convoca a presença dos pais na escola para falar sobre medicamentos, avanços, estímulos e dificuldades

O professor 19 contou que é bastante insistente com as famílias com relação aos cuidados especiais necessários com as crianças que frequentam o AEE

“Tenho, quando eu sinto necessidade, quando eu preciso saber como que tá alguma coisa, medicação, os atendimentos... eu convoco os pais e aí eles vêm. Ou senão nas reuniões bimestrais eu também fico presente e converso, mas sempre que a gente sente necessidade de falar com os pais é mandada uma convocação e eles vêm no período de aulas das crianças. E isso aí é bem frequente, a gente faz bastante. Teve o pai do G., o menino precisava muito de fonoaudiólogo, fiz o encaminhamento, chamei o pai, primeiro momento a mãe não veio, segundo momento a mãe não veio, terceiro momento a mãe não... o pai veio, fiz o encaminhamento explicando qual a necessidade. Com o encaminhamento em mãos, ele já foi no posto e já marcou a consulta pro dia dez de setembro. Então foi. Então assim, a gente sente necessidade, que nem a H. que tá tendo bastante crise epilética, então... sentindo a necessidade de saber do pai como que foi, qual a quantidade de remédio que ela tá tomando, a gente convoca, o pai vem, a gente anota e coloca no prontuário. Então, assim, todos os momentos que a gente sente necessidade é feita a convocação, o contato, e tem sido bem colaborativo. Os pais tão colaborando, porque a gente também persiste, né, L., a gente não faz um só não... não veio uma, a gente tenta duas, a gente tenta três.. até conseguir. Então, assim, é feito dessa maneira.” (Prof. 19)

- Categoria A-6.5: Familiares não comparecem à escola quando são convocados após algum problema

De acordo com o professor 23, existe grande dificuldade em fazer com que os familiares compareçam à escola para resolver problemas com os alunos.

“Só quando acontece algum problema, que a escola tem que comunicar, que às vezes aparece, assim, com muita dificuldade. Muitos nem vêm, tá.” (Prof. 23)

- Categoria A-6.6: Na maioria das vezes, a presença da família é solicitada quando há problemas com os alunos

Três professores relataram que a escola entra mais em contato com as famílias para relatar problemas com os alunos, como demonstra o exemplo do professor 27.

“E como a gente gostaria de chamá-los só pra dizer coisas boas. Mas, infelizmente, não é só o que ocorre. E quando a gente chama os pais pra virem à escola, pra comparecerem por algo de errado que o filho fez, a gente nem sempre é atendido.”
(Prof. 27)

4.2.2 Tema B: Facilidades e dificuldades na relação da escola com a família

A Análise de Conteúdo revelou, neste tema, 25 categorias divididas em cinco classes, nas quais os professores pontuaram quais aspectos podem promover a relação da escola com a família ou afastar os familiares do cotidiano escolar.

Classe de Categoria B-1: Dificuldades encontradas na relação da escola com a família

As sete categorias presentes nesta classe abordaram os aspectos do dia a dia escolar que podem fazer com que as famílias se distanciem da escola, prejudicando esta relação.

- Categoria B-1.1: Dificuldades na relação da escola com a família dos alunos

Nesta categoria, 22 dos 30 professores falaram sobre os aspectos que dificultam o estabelecimento da relação escola-família. O professor 4 foi um dos que mencionou o predomínio de dificuldades na relação da escola com a família.

“Quanto às facilidades e dificuldades na relação da escola com a família, eu acredito que nós temos muito mais dificuldades do que facilidades.” (Prof. 4)

O professor 6 contou que muitos familiares acreditam que seu único dever é fazer com que o filho frequente a escola.

“A gente encontra muita dificuldade na participação da família na escola, no meu ponto de vista, porque a família, na cabeça deles, eles não querem mais problema. Problemas entre aspas, né. Segundo eles, eles já fazem a obrigação de mandar pra escola, ta: “to mandando pra escola, eu evito falta, eu faço a minha parte”. Na cabeça deles, de muitos, a parte deles é essa: “to mandando pra escola, eu mando de uniforme, eu mando bonitinho, mas você fica aí e eu fico aqui”, né. Eles falam que eles não têm tempo, ta. É... mesmo que você fale: “mas é seu filho”. Eles falam que chegam em casa tarde, que têm que fazer janta. E nós, professores, todos nós temos que fazer isso também, não é só... uma... não é só eles que têm essas incumbências todas. Mas eles falam muito isso.” (Prof. 6)

Para o professor 7, a principal dificuldade consiste na ausência da família na escola ao longo do ano letivo.

“A principal dificuldade, hoje em dia, na relação entre a escola e a família, é a família estar presente durante o ano letivo pra perguntar do seu filho, pra ver o andamento em sala de aula, o andamento nas matérias e mesmo o comportamento.” (Prof. 7)

De acordo com o professor 8, não existe integração entre escola e família.

“Então parece que a gente vive em mundos diferentes, né? A escola aqui e a família lá. Eu acho que falta isso, falta eu.. eu não sei assim... como que a gente poderia fazer essa integração de verdade... essa integração acaba sendo meio como a inclusão, né, que colocou ali, mas não incluiu nada, só colocou ali e ficou, porque a gente não sabe o que fazer com ela, né?” (Prof. 8)

Segundo o professor 9, a escola não tem criado momentos que contem com a participação familiar, distanciando esta interação.

“Neste meu percurso no magistério, tenho observado que a relação entre família e a escola deixa um pouco a desejar. A maioria dos pais não comparecem à escola nem quando são convocados. E, por outro lado, a escola também não apresenta muitas situações que atraem a presença dos pais. É só... o contato da escola e da família é só pra... é convocação, ou passar alguma informação do filho que não ta... alguma coisa negativa, né. Que eu tenho visto aí nesses 15 anos de magistério.” (Prof. 9)

- Categoria B-1.2: Pais que acreditam que a escola teria que oferecer algo em troca de sua presença

Nesta categoria, os professores 8, 22, 29 e 30 contaram que a presença da família durante os eventos na escola aumenta quando brindes ou lanches são oferecidos.

“Então pra eles virem pra escola, tem que ser alguma coisa que chame muito atenção deles. Então um bingo, uma rifa, alguma coisa que envolva dinheiro. Pra ele, sabe, tem que ser uma troca. Eles não querem vir pra saber o que ta acontecendo, tem que ter sempre uma recompensa. Ta sendo sempre assim, né: “eu vou, mas eu tenho que ter... eu vou pra lá pra quê? Só pra falar do meu filho?”, né? Então, não sei. Tem que ter algum brinde. E mesmo assim é difícil. Não comparecem todos.” (Prof. 30)

- Categoria B-1.3: Excesso de cobrança mútua entre escola e família

Os professores 8, 10, 13, 18 e 26 falaram sobre o excesso de cobranças entre a escola e a família, muitas vezes acusando-se mutuamente, e como isso pode prejudicar o estabelecimento de uma interação entre estas instituições.

“E.. é.. outra coisa que pra mim é um empecilho é.. geralmente quando a gente tem um problema com algum pai é... é aquela briga de egos, né? O pai precisa provar que ele tem razão, né, e a gente tem que provar que a gente tem razão. Então fica essa briga de quem pode mais, quem manda mais. E.. como, como solução pra isso tudo... acho que não tem um modelo perfeito, uma receita pronta.” (Prof. 8)

“O que eu sinto é que a maioria dos professores reclama muito de pai, reclama muito de mãe, reclama, reclama, reclama, reclama muito da família. Mas eu creio que a família também faz a mesma coisa. Reclama também da escola e reclama do professor. Mas a gente não tem como resolver isso porque fica de um lado a família e de um lado a escola, o professor e a escola. E fica difícil de ter essa integração. É difícil ter.” (Prof. 18)

- Categoria B-1.4: Dificuldade em conseguir a participação das famílias dos alunos

Dez professores (2, 10, 11, 18, 20, 22, 23, 25, 27, 29) comentaram a respeito da baixa participação da família durante os eventos realizados na escola e também sobre a dificuldade em conseguir seu apoio na resolução de problemas. O professor 2 relatou que a família não tem tempo para a escola.

“Então eu acho que falta esse contato maior entre a família com os filhos. E isso, com o tempo, foi se acabando. Então a família simplesmente não tem tempo pra escola. Não tem tempo.” (Prof. 2)

O professor 22 disse que passa o ano letivo sem conhecer muitos pais e mães, pois eles nunca vão à escola.

“Em compensação, eu tenho famílias que eu nunca nem vi. Nem o pai, nem a mãe, nenhum membro da família porque nunca apareceram na escola.” (Prof. 22)

Já o professor 27 contou que a família ainda é muito resistente no que diz respeito a ir até a escola para ouvir sobre seu filho.

“Mas é... o que eu percebo é que isso raramente acontece, tanto pro positivo quanto pro negativo. É... essa resistência da família, do responsável em vir até a escola, é muito grande.” (Prof. 27)

- Categoria B-1.5: O dever de casa pode afastar a família da escola

Os professores 19, 26 e 27 apontaram para a necessidade de rever a eficácia do dever de casa, pois em algumas situações ele pode contribuir para que a família se afaste do cotidiano escolar do aluno.

“Mas têm algumas crianças que não têm autonomia total. Por isso que precisam da ajuda dos pais. Eu acredito então que a tarefa acaba afastando a família do cotidiano escolar. Tem aquela questão também que muitos pais não sabem ler e escrever. Às vezes tem uma consigna no livro, na apostila, que eles não conseguem interpretar pra compreender o que tá sendo proposto. E por mais que você ensine, leia, explique pra criança o que é pra ser feito, nem todos prestam a devida atenção. Então eu fico, assim, receosa de cobrar, porque tem tudo isso também. E nesses casos eu me pergunto: até onde a tarefa é válida? É significativa? É um caso a se pensar.” (Prof. 27)

- Categoria B-1.6: O trabalho como obstáculo para o maior envolvimento da família na educação dos filhos

Para onze professores (2, 9, 11, 14, 16, 19, 20, 21, 23, 26 e 30), a maior inserção dos membros da família no mercado de trabalho tem contribuído para o afastamento do cotidiano escolar dos filhos, devido à falta de tempo.

“A maioria dos pais, atualmente, no lar, tanto pai quanto a mãe trabalha. A maioria. Então eu acredito que eles simplesmente colocam o filho na escola no

sentido de creche mesmo: “eu to no trabalho, o meu filho vai pra escola... eu não tenho onde deixar, e de lá vai pro projeto”. Então, na maioria dos casos, esses pais atribuem essa culpa ao trabalho. Então eles não conversam mais com o filho, eles não brincam mais com o filho, eles não têm acesso ao filho. Muitos... inclusive muitas mães não trabalham e colocam o filho no projeto, a maioria... coloca porque trabalha. Eles chegam do trabalho cansados, vão fazer o serviço deles e os filhos vão pra vídeo game, ou vão pra TV, ou vão pra rua, só se recolhe na hora de dormir.” (Prof. 2)

- Categoria B-1.7: Pontuar sempre os aspectos negativos dos alunos pode dificultar a relação escola-família

Esta categoria incluiu a fala dos professores 2, 5, 8, 10, 15, 20, 23, 24, 26 e 28 a respeito de que manter o foco apenas nos problemas e comportamentos negativos dos alunos durante os encontros com as famílias pode prejudicar esta relação. O professor 8 contou que eles acabam sempre apontando o que é negativo no aluno, ao invés de trazerem também as coisas positivas que eles fazem.

“Eu acho que falta ainda ter essa relação mesmo de discutir ensino-aprendizagem, né. A gente acaba apontando indisciplina, apontando um monte de coisa, menos... a gente acaba pontuando o que é mais negativo... ah... com a mãe e pai que vêm, que é um bom aluno, a gente fala: “o seu filho... mas pera aí que eu preciso falar com o pai do outro aqui...”, quando ele aparece. Então acho que a escola tinha que repensar isso, chamar os pais não pra... não pontuando as coisas negativas, mas as coisas também positivas.” (Prof. 8)

De acordo com o professor 15, as famílias sempre ouvem reclamações sobre seus filhos quando vão até a escola.

“Bom... a dificuldade que a família se encontra dentro da sala de... da escola, é que toda vez que a família é chamada, é pra... é pra reclamar do aluno e nunca elogiá-lo. Então a família tá cansada de vir pra escutar é... reclamações. Ela quer vir pra ouvir elogios, pra ela é... escutar avanços da criança... pra ela se sentir bem. Então toda vez que a família ela participa de uma reunião, ela... o... a criança... o filho dela é sempre tachado. Eu acho que é por isso que a família vai se afastando de todos os lados.” (Prof. 15)

Classe de Categoria B-2: Desvalorização da escola por parte da família

Foram agrupadas, nesta classe, duas categorias que retrataram a desvalorização da escola e dos professores por parte da família.

- Categoria B-2.1: A desvalorização da escola por parte da família dificulta a relação escola-família

Alguns professores demonstraram, em suas falas, que algumas famílias não valorizam a escola, transmitindo este tipo de pensamento para seus filhos. São famílias ausentes do cotidiano escolar, que não acompanham os cadernos e agendas dos filhos e que não se importam com o comportamento deles em sala de aula. Para o professor 2, a escola virou um depósito de crianças.

“Então muitos colocam como depósito. A escola é isso e ponto. Não se cobra de um filho, não se pergunta nada pra um filho, não tem limite, não tem regra. Simplesmente deixa lá. Isso a maioria. E aí o que acontece? O filho não valoriza a escola, porque a própria família não dá esse valor que a escola tem. E só a gente falando, não adianta. Tem que ser sempre alguém de fora da escola pra mostrar o valor que ela tem. A gente mostrando não adianta.” (Prof. 2)

Segundo o professor 4, as famílias que são ausentes do cotidiano escolar não demonstram interesse pelo desenvolvimento de seus filhos, não se importando como eles se comportam na escola.

“Agora o que eu vejo, as dificuldades, os pais são ausentes, não se interessam pelo desenvolvimento de seus filhos, não querem saber se o filho tem um bom rendimento, se não tem, se ta aprendendo, como ta se desenvolvendo, como ta se relacionando na escola principalmente, né. Quais as atitudes que esse filho toma nas circunstâncias que ele enfrenta no dia a dia. Outra coisa, então essa falta de compromisso com a escola. Pedem-se um material simples que seja e eles não estão nem aí, mesmo que a gente entregue os materiais que vêm pra eles... borracha, caderno, lápis... eles perdem tudo, eles não têm zelo pelo material. É... eles não tem aquela questão de respeito para com o professor, né. É a valorização do professor. E isso a gente sente que vai muito da família valorizar. Que se a família valoriza a escola, o professor, né, é um livro que ele leve pra casa, desde pequenininho, se a criança leva um livro pra casa, a mãe senta por alguns minutos pra fazer a leitura daquele livro, nossa... é, aquele hábito de leitura vai sendo implantado na criança depois. É bem isso mesmo.” (Prof. 4)

- Categoria B-2.2: A desvalorização do professor pelos pais dificulta a relação escola-família

Nesta categoria, alguns professores falaram sobre a falta de respeito tanto por parte dos alunos quanto por parte da família. De acordo com o Professor 5, os alunos, em sala de aula, não respeitam mais a figura do professor e se comportam como querem, sem se preocupar com o tipo de palavreado utilizado.

“As crianças brigam. Até você tentar apartar uma briga... e, assim, eu que tenho experiência com os maiores, eles estão totalmente sem limites. Eles perderam o respeito, não tem. Têm salas que você ouve eles xingando mesmo... palavões... faltando mesmo com a educação com o professor. Quer dizer, poxa, então o professor também ta perdendo. O professor já perdeu o respeito, né. É uma pena. E a família vai a favor do aluno.” (Prof. 5)

O professor 23 falou sobre a desvalorização do professor pela sociedade em geral.

“Então eu acho que assim, por a família, pela família, por a família não tem uma base educacional bacana. Eu acho que, pelas gerações, os pais vão se reproduzindo... os pais de hoje não dão valor, não dão muito valor pra educação. E eles tratam a escola e o próprio professor com um certo preconceito. Eu já recebi pergunta do tipo assim: “você só da aula?”; “você não faz outra coisa?”. Então eles não veem o professor, como... assim, como um profissional sério, um profissional que ta ali dedicado na vida escolar do filho dele.” (Prof. 23)

Classe de Categoria B-3: Vivências positivas dos professores com a relação escola-família

Nesta classe, composta por 10 categorias, os professores falaram um pouco a respeito de suas experiências positivas com as famílias dos alunos. Eles também mencionaram algumas estratégias capazes de aproximar a família da escola.

- Categoria B-3.1: Relação com as famílias dos alunos portadores de necessidades especiais

Os dois professores do Atendimento Educacional Especializado contaram sobre como se dá sua relação com as famílias dos alunos que passam por este serviço.

“Bom, em relação à escola e à família, eu percebo assim, que a gente tem uns aspectos positivos, que têm famílias colaboradoras em relação às crianças com deficiência. A gente percebe um problema, a gente chama. Essa família é presente, essa família vem. Se a gente fala: “olha, tem que passar por tais profissionais, é... vamos ver o que a gente pode fazer”. A família vai atrás, a família busca. Se tem recursos, ela usa dos recursos dela. Se não tem, a gente vê por meio do Município o que a gente consegue fazer. É... se preocupam com o desenvolvimento dos filhos... é presente.” (Prof. 5)

- Categoria B-3.2: Deixar os pais à vontade pode facilitar a relação escola-família

Os professores 6 e 15 falaram sobre a importância de deixar os pais à vontade quando eles comparecem à escola, evitando fazer muitas perguntas de uma só vez.

“Eu, graças a Deus, eu consigo ter um bom relacionamento com as famílias dos meus alunos, porque a gente tem que chegar devagar. Não adianta... você tem que fazer amizade, depois você começa a cobrar de certa forma. E aí eles percebem que você quer ajudar, que existe parceria. Aí aos poucos eles... eles desarmam. Mas se você não desarmar, não adianta. Ele vai ser cada vez mais resistente. É... tem que ser mais resistente, eles acabam ficando mais resistentes. Ah sei lá... a participar. Aí eles veem que se você tratar de outra forma... sei lá, eles se sentem mais à vontade. Você tentar falar de uma forma que eles entendam, ficar mais próximos a eles, né?”
(Prof. 6)

- Categoria B-3.3: Importância do diálogo entre escola e família

Alguns professores relataram que o diálogo é uma importante ferramenta no estabelecimento da relação escola-família. Para o Professor 8, o diálogo, de igual para igual, baseado no respeito e honestidade é um quesito importante para o estabelecimento desta interação, como demonstram as citações abaixo:

“O ideal é sempre assim o que eu tive com os pais que eu trabalhava uma relação de diálogo, assim, pautado na sinceridade, na honestidade, e na realidade eu consegui mais apoio, né? Eu nunca fingi pros meus pais que estava tudo bem quando não estava, né? E que eu tivesse gostado de uma situação que eu não gostei, é... mas em... de um modo geral, assim, sempre é... consegui apoio da maioria das famílias.”

“Olha, L., eu sempre assim.. não tenho uma estratégia que seja diferente.. diferenciada. Eu sempre gostei muito de conversar com os pais, assim, me colocando como uma pessoa que também é.. tem falhas, que também aprende... que ta pronta pra ouvir sugestões, né? Então eu acho que conversar com eles assim, primeira coisa, se colocando, assim, não mais.. né.. do que eles. Os pais eles já vêm com esse... “mas aquela professora”, né? Então eu acho que conversar com eles usando a simplicidade e falando ó... jogando limpo, né? Eu acho que é a melhor forma, né?” (Prof. 8)

O professor 13 abordou sobre a importância do diálogo claro e objetivo entre as partes.

“O que facilita a relação escola-família é o diálogo, é conversar, conversar e... executar aquilo que você propõe. Não adianta você fazer um plano belíssimo no papel e depois... E a participação dos pais nisso daí também, estar sabendo onde você pode ir, quanto você quer ir além.. então eu acho isso, o diálogo é a melhor coisa, e de uma forma gostosa, né? Uma comunicação horizontal, clara e bem objetiva.” (Prof. 13)

Segundo o professor 15, o diálogo entre professores e familiares tem que ser baseado no respeito.

“Saber tratá-los, né. Com dignidade e com respeito. Uma comunicação horizontal, uma conversa que eles entendam, né. Com aquela... com respeito, com carinho, com dedicação, trazer a pessoa mais próxima de você pra depois você entrar na vida dela. Você primeiro trabalhar a autoestima dela, fazer com que ela se aproxime de você. Ai depois você expõe o assunto, mas com respeito, com dignidade, com carinho, com jeitinho, pra ela não se sentir acuada.” (Prof. 15)

- Categoria B-3.4: Necessidade de estabelecer uma relação verdadeira entre escola e família

Segundo os professores 1, 8, 12 e 22, ainda não existe uma relação escola-família verdadeira. Para o professor 1, se esta parceria existisse, alguns conflitos poderiam ser evitados.

“A presença maior da família, quanto mais presente a família na escola, seria bem melhor, né? A gente não precisaria, como dito na outra pergunta, tá marcando reuniões, chamando, ou às vezes mandando bilhetes, porque se a família tivesse mais presente a... algumas coisas não aconteceriam, né?” (Prof. 1)

O professor 8 contou que esta relação teria que se tornar presente no cotidiano escolar e não apenas pontualmente durante alguns eventos ao longo do ano letivo.

“Então eu falo que a gente precisa caminhar neste sentido mesmo. Não de.. falar.. “eu faço uma gestão democrática da minha escola..”, “vamos aqui ajudar no Projeto Político-Pedagógico”. Então eu acho que escola-família tem que ir muito além do papel, porque ideias ótimas surgem, né? Tem integração? Tem, mas tem integração quando? Numa festa? Mas e o dia a dia, né? Eu acho que precisa caminhar junto é aí no dia a dia, não só assim em eventos pontuais.” (Prof. 8)

- Categoria B-3.5: Experiências positivas com a participação da família na escola

Sobre esta categoria, 18 professores contaram suas experiências envolvendo a participação da família na escola. O professor 6 contou que pode contar com o apoio das famílias de seus alunos.

“Então... e eu gosto muito disso. Eu acho que essa proximidade faz bem, assim, tanto pra gente quanto pra eles. E faz bem pras crianças. E eu procuro sempre tá... quando eu preciso das famílias, eles... aqui na escola eu ainda não tive problema. Tiveram casos de chamar e não vir, mas são poucos. Nas minhas salas, quando a gente chama assim... que realmente precisa, eles vêm, querem saber. Às vezes até não ajudam muito, mas eles vêm. E a gente percebe que tem criança dando trabalho, e aí você chama o pai ou mãe, eles vêm, aí a criança muda de

comportamento. Sempre tenho o costume de falar quando tenho algum problema na tarefa ou mesmo indisciplina: “olha, quando você tiver passando aqui na frente, saindo do seu trabalho, ou sei lá, entra e vem ver o que ele ta fazendo”. E eles vêm, e as crianças ficam muito felizes. A criança precisa disso, é uma carência. Que nem ontem a gente foi, a gente combinou de fazer pipoca e guaraná. Veio uma mãe quase na hora do recreio com duas caixinhas de paçoca, trouxe pra todos eles. Elas gostam. Mas é aquela mãe que eu sei que qualquer coisa que eu precisar, eu posso contar com ela. Não só com ela, com outras também que você sabe que você pode contar, né. E eu procuro sempre trazer as outras também, mas não é fácil. Eu tenho uma mãe que leva a menina no neuro, é... mensalmente. Todo mês, na véspera da consulta, nas vésperas, ela vem aqui: “professora, como é que ta a minha filha? Ela toma medicação, ela ta mais atenta? Ela ta isso, ela ta aquilo? Porque eu quero passar pro neuro no outro dia”. Eu pergunto se ela precisa que eu escreva algo e ela fala que não precisa, ela só quer mesmo saber... o neuro nem pergunta, nem pede, mas ela passa porque ela quer saber, pra ajudar um pouquinho mais.” (Prof. 6)

O professor 13 disse que se sente realizado por manter bom relacionamento com as famílias dos alunos.

“Me sinto realizada com aquilo que tenho de volta dos alunos e da família principalmente, porque eu tenho um bom contato com todos os familiares. Eu acho que isso me deixa bem, falando a mesma língua que os pais, mesmo em situações diversas... adversas, eu consigo trazê-los e.. e a gente tentar fazer o melhor pro filho deles. Então eu acho, assim.. muito bom o relacionamento que eu tenho com a família, eles se tornam amigos. Eu acho que a família vem aqui pra ouvir o bem é... eles se assustam achando que vão ouvir só críticas... eu não gosto de fazer reunião assim com os pais. Então eu consigo alguma coisa ainda positiva por causa desse relacionamento que eu tenho com a família e eu me sinto feliz, realizada.” (Prof. 13)

De acordo com o professor 25, o bom relacionamento faz com que os alunos e familiares sintam vontade de voltar para a escola mesmo quando o ano letivo acaba.

“E os alunos também. Os alunos vinham aqui quando iam pra outra escola, choravam, as mães ficavam tristes, sabe. Era... então eu acho que sempre teve uma relação. A escola sempre procurou é... se relacionar bem com as famílias pra trazer essas crianças pra escola. E as crianças, mesmo não participando da aula, dando problema, eles vêm muito aqui. Mesmo quando saem e vão pra outra escola, eles vêm muito aqui. Eles vêm, ta. Durante as férias, eles pulavam o muro pra jogar, eles faltam... mas vêm na escola. Eles têm esse relacionamento bom porque eles se sentem, como que fala, amparados aqui e bem acolhidos.” (Prof. 25)

O professor 28 disse que o relacionamento com os alunos e seus familiares muitas vezes ultrapassam os muros da escola.

“Ah... a minha relação com a família dos meus alunos sempre foi positiva, sempre foi muito gostosa. Inclusive pra muitas festas de aniversário deles eu sou convidada, faço questão de ir também. Então, é... é uma relação que caminha legal. Eu tenho, assim, experiências boas pra recordar.” (Prof. 28)

- Categoria B-3.6: Uso da tecnologia como facilitador da relação escola-família

Três professores (3, 4, 29) disseram usar a internet e as redes sociais para se comunicar com familiares dos alunos, favorecendo a relação escola-família. O professor 4 falou sobre a possibilidade de aproximação através das redes sociais.

“A facilidade que eu vejo que nós temos hoje em dia pra família estar se comunicando com a escola e vice-versa, seria a utilização dos meios... dos recursos digitais que nós temos. A tecnologia. Então é uma maneira fácil dos pais, apesar da correria do dia a dia, dos compromissos que nós todos temos hoje em dia, seria uma maneira mais fácil dos pais saberem o que está acontecendo na escola do seu filho. Você vê, né, por exemplo, que as redes sociais possibilitam que se faça a divulgação do trabalho realizado. Através dos mesmos eles podem ta entrando em contato com a escola, porque às vezes eles podem não ter tempo disponível pra estar de corpo presente na escola, mas se eles tivessem essa vontade de estar presente, esses meios digitais possibilitam isso, no meu ponto de vista.” (Prof. 4)

- Categoria B-3.7: Benefícios trazidos pelo bom relacionamento entre escola e família

A respeito desta categoria, 12 professores discorreram sobre os benefícios alcançados quando escola e família atuam em conjunto. O professor 1 falou sobre a eficácia da presença da família na resolução de conflitos.

“Mas, geralmente, quando a gente chega nesses casos, a gente vê uma diferença depois no comportamento, porque, é... a atenção é chamada mesmo, dá efeito, pelo menos por um tempo, né?” (Prof. 1)

Segundo o professor 8, o aluno se sente mais seguro quando a escola e a família são parceiras.

“E, com certeza, essa boa relação faz toda diferença. Porque o aluno ele se sente mais seguro. Quando a escola fala mal da família, a família fala mal da escola... o menino não sabe ali.. prejudica os dois lados, é uma pessoa que está se desenvolvendo, que está formando opiniões, né?” (Prof. 8)

Segundo o professor 12, os alunos superam as dificuldades com maior facilidade quando a família acompanha seu cotidiano escolar.

“É bem... é bem, assim, claro pra gente perceber que quando a família dá um apoio, tem uma harmonia pra isso tudo... a criança.. ela.. por mais que ela tenha dificuldades, se ela tiver dificuldade é... pra ela superar aquilo é muito mais fácil. É.. e como vem ao contrário também.” (Prof. 12)

O professor 26 relatou que alunos cujas famílias participam de seu cotidiano escolar apresentam menos problemas de disciplina.

“Não é 100% dos casos. Você tem, sim, famílias comprometidas, mas, geralmente, se essa família é comprometida, o aluno não dá problema na sala de aula, você não tem problema com esse aluno. Você não tem problema de disciplina, você não tem problema de participação, porque esse aluno tá tendo esse respaldo em casa, ele tem essa cobrança. Reflete aqui, com certeza.” (Prof. 26)

- Categoria B-3.8: Elogiar os alunos pode estreitar a relação da escola com a família

Os professores 10, 13, 17, 24 e 27 contaram que costumam elogiar seus alunos com frequência e que isso pode aproximar família e escola. O professor 10 disse que todo aluno deve receber elogio para elevar sua autoestima.

“E também parar de por.. é... o filho deles... como sempre piores. As crianças têm que ser sempre as melhores, por piores que sejam. Que aí, se eles tiverem um pouquinho de autoestima, eles vão ajudar os próprios filhos, né. Eu penso desse jeito. Elogiar, mesmo que não tenha nada pra ser elogiado.” (Prof. 10)

Para o professor 13, as famílias também gostam de ouvir coisas boas sobre seus filhos quando vão à escola.

“E.. eu acho que a família vem na escola pra ouvir coisas boas também. Eu estudei muito, li muito sobre reunião de pais.. é... comprei livros... sempre quis fazer alguma coisa diferente. Porque vim na escola pra ouvir que “ó, teu filho fez arte”, “ele não teve bom rendimento”, eu acho que nenhuma família gostaria de estar ouvindo isso. E eu sempre quis falar o lado positivo. Tem negativo? Tem.” (Prof. 13)

- Categoria B-3.9: Escola e família colaborando entre si

Nesta categoria, os professores 3, 8, 14, 18, 20, 22 e 28 ressaltaram, em algumas de suas falas, a importância da colaboração e do respeito mútuo entre família e escola, pois as duas instituições têm como objetivo comum o bem-estar de seus filhos e alunos. O professor 8 falou sobre a importância da colaboração entre as partes.

“Eu acho que a equipe gestoras das escolas estão tomando mais as rédeas novamente, embora a gente.. a escola saiba que é preciso ter entre as duas instituições um regime de colaboração, né? O que não significa que uma instituição vai ocupar a função da outra, né?”

“Talvez seja aí, quando as duas entenderem que, né, somos a parte só de uma sociedade. Uma instituição, outra instituição, mas o... o objetivo é o mesmo. Então eu acho que aí vai é... é a saída aí. Só não sei como chegar nisso, mas... porque... acho que ainda a gente tem que mudar muita coisa nesse sentido, as duas partes.. porque.. como eu te falei, a gente fica procurando falhas uma na outra e acaba.. a coisa acaba extrapolando.” (Prof. 8)

Já o professor 14 contou que pede apoio aos familiares com frequência.

“Então eu procuro ser bastante amigável, de ta jogando pra eles também, sabe? De ta pedindo ajuda: “olha, pai, sozinha eu não consigo, eu preciso da sua colaboração, nós dois trabalhando juntos para o bem do seu filho”. Então eu procuro trabalhar dessa forma, mostrando até uma fragilidade minha, jogando também a responsabilidade pra eles, em termos de tarefas, de comportamento... “olha, pai, o dia em que eu não tiver dando conta eu vou te ligar pra você vir aqui, porque juntos a gente consegue, porque, afinal de contas, vai ser o seu filho pro resto da vida, o meu é só esse ano”. Né?” (Prof. 14)

- Categoria B-3.10: Tratar os alunos com amor pode aproximar a família da escola

Os professores 18 e 20 disseram que tratar os alunos com amor e carinho pode fazer com que a família se aproxime da escola.

“Mas, assim, em relação assim à família... eu acho mesmo que a arma mais poderosa que a gente tem é o amor com as crianças. Porque eu acho que a família vai sentir. Ela não precisa estar presente, né. Mas ela vai sentir do outro lado.” (Prof. 18)

“Então eu, mas assim, eu... eu acredito no amor. Eu acredito que, assim, eu acho que a gente tem que tratar bem a família. Mesmo se a criança for muito trabalhosa.” (Prof. 20)

Classe de Categoria B-4: Importância do respeito às diferenças

Nesta classe foram agrupadas duas categorias referentes à necessidade de respeitar a diversidade encontrada no ambiente escolar, independentemente da classe social das famílias, principalmente no que se refere ao tratamento recebido por elas na escola.

- Categoria B-4.1: Necessidade de respeitar as diferenças entre as famílias

Os professores 8, 10 e 22 falaram sobre a importância de tratar todos os familiares da mesma maneira, acolhendo as possíveis diferenças.

“Ah... as dificuldades... o que eu acho que é mais difícil para a escola e para a família é a... as diferenças... acolher as diferenças... as divergências... de saber, de pensar, de agir. Mesmo os arranjos familiares que a gente recebe, ah... os níveis socioeconômicos, a cultura... que hoje a gente se depara com tudo, com tudo... de tudo um pouco.” (Prof. 8)

- Categoria B-4.2: Escola superlotada de demandas

De acordo com os professores 8, 24, 25 e 29, atualmente a diversidade encontrada na escola é muito grande. Para o professor 8, o excessivo número de formações não permite que sejam pensadas ações em conjunto com a família para o desenvolvimento de estratégias que busquem melhores soluções para lidar com essas diferenças.

“Sim, porque sempre.. a escola ficou muito.. acho é.. superlotada de demandas. Então é.. são formações, formações, formações, formações... e aí, se der tempo, a reunião de pais, né?” (Prof. 8)

Para o professor 25, a escola vem recebendo alunos provenientes de contextos familiares diversos que, muitas vezes, não colaboram com a formação destas crianças.

“Só que o que dificulta hoje são as diferenças, né... assim, de comportamento, é... o aluno também teve uma evolução grande, mas nem sempre foi pro... pra melhor. A gente sente um desinteresse, a falta de participação da família, né, e... a carência de muitos alunos, a revolta de muitos alunos. E da pra ver perfeitamente o aluno que tem uma... uma vida mais estruturada, uma família mais estruturada, com aqueles que não têm. E geralmente os que não têm tudo isso são os que dão mais trabalho, os que têm mais dificuldade.” (Prof. 25)

Classe de Categoria B-5: Importância de conhecer o contexto em que a família vive

Esta classe compõe as categorias referentes à importância do contexto sociocultural no qual os alunos estão inseridos e como isso pode influenciar seu comportamento e rendimento na escola.

- Categoria B-5.1: Compreender o contexto familiar pode facilitar a relação escola-família

Dez professores (3, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 18, 20 e 26) relataram, nesta categoria, que o fato de conhecer o contexto familiar pode facilitar a interação da escola com a família, dando sentido a algumas situações enfrentadas pela escola. Sobre este assunto, o Professor 3 contou que mudou o seu comportamento após compreender o por que de a mãe do aluno estar agindo de determinada forma.

“E eu entendo que é muito sofrimento que eles viveram e não tão sabendo como lidar com isso. Então a gente tem que saber entender também. Eu cheguei aqui puta da vida, com o celular na mão pra mostrar o que ela tinha colocado no Facebook, em particular pra mim, o que ela tinha colocado. Mas eu cheguei... aí ela já estava aí... “mas pera aí, por que ta acontecendo?”, sabe? Já fomos encaminhando soluções pra que ela se... tome um rumo na vida que tem que tomar.” (Prof. 3)

De acordo com o Professor 10, os educadores deveriam levar em consideração o contexto familiar e social dos alunos para lidar de modo singular com cada um deles, não generalizando a forma de trabalhar com aquele grupo.

“Pra mim saber lidar como lidar com aquela criança na sala, porque às vezes nem todas as crianças têm o mesmo perfil de família, não podemos.... por exemplo, vamos supor... exigir uma coisa de uma criança que tem um problema diferenciado do outro. E essa parte da investigação faz com que eu traga a mãe pra perto de mim, né.” (Prof. 10)

O professor 13 ressaltou a importância de se colocar no lugar dos familiares em algumas situações.

“E às vezes é o contrário: a gente não tem acesso, não sabe como vive... Passei por coisas incríveis, incríveis. Quando eu dava aula no noturno, na escola Al., um aluno se machucou na roça e foi pra escola e eu fui levá-lo em casa e eu me senti ridícula a hora que eu vi como eles viviam. Era um quartinho com não sei quantos filhos e

filhas e eu falava: “meu Deus, que ridículo eu tá falando do Egito, da Grécia.. e esse... olha como ele vive”. Então eu sempre me coloquei do outro lado, enquanto mãe também e enquanto professora eu queria ouvir os dois lados.” (Prof. 13)

- Categoria B-5.2: Necessidade de orientar familiares sobre cuidados com a saúde e higiene

Os professores 6, 20 e 26 citaram algumas situações em que foi necessário orientar os familiares dos alunos com relação à higiene e saúde. O professor 6 contou que já teve que acompanhar uma mãe e o aluno ao dentista para garantir que ele fosse atendido.

“Teve criança que teve problema sério de dentista que a gente teve que falar: “ó, você tem que levar”. A mãe: “ah, mas eu tenho vergonha”. A gente falava: “mas você não tem que ter vergonha”. Teve gente que a gente teve que.... não ensinar, mas muitas vezes eu levava lá, eu colocava sentada, porque lá no dentista eles não atendem se for levado por mim... porque tem que dar anestesia... então que ser levado por uma pessoa responsável da família. Então eu levava até lá, ficava um pouquinho até a hora de atender pra garantir que a criança foi. Não pela mãe, mas pela criança. Se a gente não fizesse assim, não ia sair, né.” (Prof. 6)

Segundo o professor 26, muitos alunos não são orientados com relação as noções básicas de higiene.

“Se tá faltando respeito e educação eu vou ensinar, coisas básicas que, às vezes, eles não fazem... de entrar na sala e pedir licença... até isso, né. É o mínimo. Ter que falar pra aluno que ele tem que passar desodorante, que ele tem que tomar banho, que ele tem que escovar os dentes, que usa tênis, né... troca de meia, troca de cueca... o mínimo que, às vezes, eles não têm em casa e eles estão ouvindo ali com você. É complicado. Eu acho que ser professora é meio que uma missão... não sei que que fizemos para merecer tal tarefa [risos], mas é por aí.” (Prof. 26)

- Categoria B-5.3: Busca de informações sobre famílias e alunos na própria comunidade pode facilitar a relação família-escola

O professor 10 relatou, em algumas de suas falas, que o fato de residir no mesmo bairro da escola facilita a interação com a família dos alunos, pois está imerso no mesmo contexto social que eles.

“Eu tive grande aceitação porque eu morava... eu era do bairro, sempre morei aqui no bairro. Então, quando eles me viam aqui na escola, eles falavam: “ah, é a professora ali da... é a C., da rua de baixo”. Quando tinha uma dificuldade até

mesmo ia na minha casa pra perguntar sobre um lanche, uma roupa que esqueceu na sala, aquelas coisas.”

“E criei esse vínculo de amizade com a família. Nesse vínculo de amizade, eu comecei a investigar. Vamos supor, eu recebo a criança no começo do ano e já começo a investigar quem é o pai, quem é a mãe, a situação... se são separado, se não são separados.”

“Eu vou buscando as informações na comunidade, porque nós temos muito poucas reuniões de pais. Você vê, esse ano nós não tivemos nenhuma. Então, aí que que acontece? A gente conversa. Conversa no mercado, conversa no banco, sabe? Eu vou buscando as coisas pra trazer pra dentro da sala, pra favorecer aquela criança.” (Prof. 10)

Segundo o professor 20, a comunidade pequena permite que você conheça as famílias dos alunos, facilitando a interação com elas.

“Mas eu acredito assim... aqui um facilitador é uma comunidade pequena, né. É uma escola onde a gente conhece todos os alunos, a família de todos, né. E também quando o aluno chega pra você, ele já estava na sua escola, então você também conhece. Então aí eu acho que é um grande facilitador, né. Conhecer essas famílias, né, saber se a criança tá passando por algum problema, né, de uma maneira geral.” (Prof. 20)

Para o professor 25, morar no mesmo bairro da escola onde atua facilita a interação com as famílias dos alunos.

“E eu sou muito, assim, amorosa com os alunos... então eu não tenho, assim, muita dificuldade... isso é uma coisa minha mesmo, sabe. E eu conheço todas as mães quase, porque eu também moro no bairro, então isso facilita um pouco. Então algumas são amigas ou às vezes a gente também sabe dos problemas delas e procura compreender, porque às vezes elas chegam nervosas... e você conversa com calma, um pouco sobre a vida, sobre as dificuldades que todo mundo tem... dependendo a situação, né. Não que chegam nervosas com a gente, mas a gente percebe que elas estão vivendo coisas difíceis, extra escola, mas aí já da pra controlar, contornar, e elas já saem rindo. Eu nunca tive, assim, uma mãe que chegasse na minha sala muito brava, revoltada, querendo discutir comigo ou que viesse na direção me chamar pra... pra ter uma conversa diferente por causa de aluno, por causa de filho, não. Eu não tenho. Eu tenho amizade com todas, eu conheço todas.” (Prof. 25)

- Categoria B-5.4: Problemas sociais que dificultam a relação escola-família

A respeito deste assunto, os professores 6, 14, 19, 20, 28 discutiram sobre a forma como as dificuldades sociais podem afetar a relação escola-família e o desenvolvimento dos

alunos. Segundo o professor 6, muitos familiares não tem perspectivas de que poderiam ter uma vida melhor.

“Porque pra eles acho que a vida é difícil, mas eles já se acostumaram tanto que fica comum. E o pouco que eles vão recebendo, é lucro. Tem comida na escola, ganha roupa do fulano, tem um monte de roupa, não importa que é usada, que é sei lá o que. Mas eles têm.” (Prof. 6)

O professor 14 comentou sobre a sensação de impotência ao lidar com alunos cujos pais estão presos.

“Sabe? E dá uma sensação de impotência mesmo, porque você não faz nada. São vários casos. Que nem nessa classe, a maior parte dos pais... se não é o pai, é a mãe... estão presos. E aí? Você faz o que pode dentro da sala, sabe. Você... não é só a matéria que você passa. Você tenta passar outras coisas, tudo, mas você fica muito limitada, muito limitada.” (Prof. 14)

Para o professor 19, muitos familiares não possuem meio de transporte próprio, dificultando sua locomoção até a escola para a reunião de pais ou outros eventos.

“Por essa questão mesmo de eles não terem como vir e depender. Então os horários ficam complicados, porque o ônibus só passa de manhã e à tarde, à tardezinha, porque a nossa escola é uma escola integral, na hora do almoço não vai. Então complica um pouco... até pegar algumas crianças da cidade pra trazer, mas no sítio não passa. E se passa é pra trazer um ou outro que não é os mesmos das crianças que tão aqui no período integral, né. Então essa é a dificuldade: eles não terem o transporte próprio e você conseguir adequar os horários, né, por eles dependerem de transporte do município.” (Prof. 19)

4.2.3 Tema C: Dever de casa

Neste tema, os professores relataram o modo como o dever de casa é abordado em sala de aula e também com as famílias dos alunos, dando a origem a 21 categorias presentes em sete classes.

Classe de Categoria C-1: Importância do dever de casa

As duas categorias presentes nesta classe abordam a relevância do dever de casa como complemento ao processo de ensino e aprendizagem, revelando o modo como os professores utilizam este instrumento como forma de avaliação do aluno.

- Categoria C-1.1: Importância do dever de casa

13 professores afirmaram, nesta categoria, que o dever de casa é fundamental para a apreensão do conteúdo trabalhado em sala de aula. Segundo o professor 7, é também um momento para o aluno refletir sobre suas dificuldades.

“O dever de casa ele é bastante importante para que o aluno retome aquilo que ele aprendeu durante o dia, principalmente porque é uma hora que ele está sozinho, ele pode pensar, refletir sobre o que ele pensou... ele pode retomar o que ele não aprendeu.” (Prof. 7)

O professor 10 afirmou que o dever de casa é um quesito super importante durante o processo de alfabetização.

“Eu acho a tarefa uma das partes mais importantes da alfabetização... é a tarefa. Porque a tarefa... ela é uma continuidade do que a gente deu na sala. Não adianta nada, vamos supor, eu trabalhar Matemática, quadro numérico na sala, e der outra coisa de tarefa. Não vai dar uma sequência mental pra eles. Então toda a minha tarefa é assim. Eu planejo ela já, tá no meu planejamento, é uma continuidade.” (Prof. 10)

- Categoria C-1.2: Peso do dever de casa na avaliação bimestral do aluno

Nesta categoria, o Professor 8 contou que o dever de casa faz parte da avaliação bimestral do aluno, atribuindo ou retirando nota daqueles que fazem ou não fazem o dever.

“Na avaliação do aluno no bimestre, então isso tem um peso sim e eles sabem disso sim, que a nota final deles não é um conjunto do que eles tiraram na prova, né, não é o que tirou na prova que vai ali. Então a nota ela vai variar. Mas é... então não é... é a única, assim... é o único jeito que eu tenho pra mostrar pra eles que é importante e que faz a diferença, que tem uma consequência.”

“Mas é difícil. É uma coisa que quando eles falam: “não vou fazer”... eles não fazem. Tem alunos, assim, que deixa até o caderninho embaixo da mesa pra falar que esqueceu. Ai você já sabe e fala: “ó, o caderno de tarefa” e volta pra trás. Ai eles: “ahhh, ela lembrou”... é isso.” (Prof. 8)

Para o professor 22, o dever de casa é apenas um dos itens considerados durante a avaliação do aluno.

“Porque o aluno... ele não é avaliado em prova. Tem as provas documentadas, porém, como que eu faço? A avaliação do aluno é diariamente: é a participação ativa, a participação nas atividades da classe, é a participação oral. Então, o dever de casa acaba ficando um pouco sem sentido, né.” (Prof. 22)

Classe de Categoria C-2: Frequência com que o dever de casa é passado

Esta classe contempla as categorias a respeito de quantas vezes o dever de casa é passado aos alunos.

- Categoria C-2.1: A frequência do dever depende do que foi passado em sala de aula

Os professores 7, 9 e 23 relataram que passam dever de casa de acordo com o andamento da matéria abordada em sala de aula, sem ter dias específicos para isso.

“A tarefa eu passo... depende do assunto. Então tem dia que eu passo todo dia uma coisinha ou senão uma vez por semana, né, dependendo da matéria. Não é uma coisa, assim, sistemática que tem que ser todo dia ou toda semana. Então, de repente, se é uma coisa maior... então eu deixo pra 15 dias, se é um trabalho.” (Prof. 7)

“Mas não é assim... todo dia. Porque, às vezes, você tá só mais explicando a matéria, não dá tempo... não dá pra você cobrar uma coisa que você sabe que ele ainda não tá preparado pra fazer.” (Prof. 9)

- Categoria C-2.2: Dever de casa é passado de segunda a quinta-feira

Os professores (6, 8, 11, 14, 15, 16, 18, 24, 25, 27 e 28) contaram que passam o dever de segunda a quinta-feira. O professor 8 disse que faz um combinado com a classe logo no início do ano a respeito dos dias que terão tarefa.

“Bom, ah, a tarefa de casa é... desde o começo do ano eu faço um combinado com eles, é.. que ela vai ser enviada quatro vezes na semana, só nas sextas-feiras que não dou tarefa porque eu acho que também tem que dar uma desligada. Então no sábado e no domingo não vai a tarefa.” (Prof. 8)

Para o professor 14, os alunos e seus familiares também têm direito de descansar durante o final de semana ao invés de se preocuparem com dever de casa.

“Bom, eles têm os deveres de casa... as tarefas... de segunda a quinta, porque eu não dou na sexta. No final de semana, da mesma forma que eu quero esquecer de escola, eu deixo isso pra eles também. Eles têm mais é que brincar, aproveitar. Eles estão em período integral, então eles têm que descansar, assistir televisão, soltar pipa, fazer o que eles gostam mesmo. Então, na sexta-feira eu não dou.” (Prof. 14)

- Categoria C-2.3: O dever de casa é passado diariamente

Já os professores 2, 4, 13, 17, 20, 21 e 29 disseram que passam dever de casa todos os dias da semana. O professor 13 contou que embora passe dever todos os dias, de vez em quando abre exceções às sextas-feiras.

“É... eu procuro dar a tarefa todos os dias e cobro todos os dias, sempre foi assim. De sexta também. Só que essa classe tá implicando comigo, então algumas sextas eu deixei sem. “Professora, todo mundo não dá tarefa de casa de sexta-feira”. Mas eu falo: “de sexta a tarde dá pra resolver a tarefa e sábado e domingo ficam livres”... “ah, mas eu vou viajar”. Então às vezes eu deixo.” (Prof. 13)

- Categoria C-2.4: Professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado) não passa dever de casa

O professor 19 contou que não passa dever de casa aos alunos que acompanha no Atendimento Educacional Especializado, pois eles devem realizar as atividades que foram destinadas para a classe como um todo.

“Bom, é... como a minha... o meu trabalho dentro da escola é diferenciado da sala de aula, é mais mesmo a parte da estimulação, eu não passo dever de casa porque a professora já passa.” (Prof. 19)

Classe de Categoria C-3: Conteúdo do dever de casa

As três categorias presentes nesta classe revelam o conteúdo presente no dever de casa destinado aos alunos.

- Categoria C-3.1: Quantidade de dever passado

Os professores 3, 16, 18 e 26 contaram que não passam muito dever de casa aos alunos, para que eles tenham tempo de brincar e de aproveitar a família.

“E também procuro não dar muita tarefa, porque eu acho que eles têm que ter a função e o dever de saber que eles têm o compromisso da tarefa, mas não tem que ficar o dia todo... a tarde toda que tão lá em casa fazendo a tarefa, tadinhos, eles precisam brincar, eles precisam conviver com a família.” (Prof. 3)

De acordo com o professor 16, a quantidade de dever não está relacionada com a eficácia durante a sua realização.

“Então, não dou um exagero de tarefa todos os dias. Eu prefiro dar menos, mas que aquilo seja bem feito e que seja eficaz.” (Prof. 16)

- Categoria C-3.2: O dever de casa complementa os assuntos abordados em sala de aula

Nesta categoria, 19 professores contaram o que costumam pedir para os alunos como dever de casa. O Professor 1 deu exemplos do conteúdo do dever de casa de Educação Física.

“É... semana retrasada, semana passada... na verdade há três semanas atrás, eu pedi pra 8ª série, que é o 9º ano, eu dividi a sala em dois grupos e um grupo ia me apresentar a história do hip hop, desde os primórdios, terminando com uma coreografia de hip hop. A outra metade da sala, é... era do jazz, desde os primórdios e terminando com uma coreografia de jazz. E eu não ia intervir em nada. Na verdade eu não intervi em nada, não falei o que era, não mostrei, não... nem... a coreografia e nem nada. Então eles me apresentaram... brigaram muito comigo (risos), mas eles me apresentaram em apresentação de slides toda a história e depois terminaram dançando. E, assim, ficou lindo, ficou lindo, ficou muito bom mesmo. E essa semana eles vão me apresentar ‘benefícios da atividade física’ e o outro grupo vai me apresentar ‘malefícios da não prática de atividade física’.” (Prof. 1)

O professor 6 falou que prefere passar um dever de casa mais simples, mas que os alunos consigam resolver sozinhos, do que pedir algo mais complexo que talvez os familiares também não consigam resolver, criando problemas em casa.

“Eu dou uma tarefa, L., que eles possam resolver sozinhos, que eles não precisem da ajuda dos pais.”

“Então a gente toma muito cuidado com o que eu mando. Prefiro mandar coisas mais simples, mas que eles consigam se virar. Muitos dos pais não têm instrução, de repente, pra fazer uma tarefa mesmo que simples. Então, principalmente contas, as continhas, essas coisas, eles aprenderam de outra forma, como eu também aprendi. E eles não sabem. E dessa forma eles se confundem e querem ensinar daquele outro jeito, e aí a criança não aprende nem de um e nem de outro. Então a gente dá uma tarefa que eles possam se virar sozinhos. Alguma coisa que eu mando... que eu já trabalhei com aquilo lá e eu tenho... eu acho que isso vai dar problema em casa, eu falo: “gente, olha, não consegui fazer, não tem problema, não vai deixar o papai e nem a mamãe louco. Chega e fala pra mim que não conseguiu ou que conseguiu fazer até essa parte, o que não entendeu”. Procuo explicar um monte de vezes. Perguntar se todo mundo entendeu muitas vezes, pra não ter esse problema, né, com relação a amolar alguém e essa pessoa não conseguir fazer. Porque às vezes acontece de eles pedirem ajuda pra avó e é mais difícil ainda, porque às vezes a pessoa não sabe. E aí a avó já fica desesperada e tal.” (Prof. 6)

Algumas tarefas que trabalhem a coordenação motora fina são passadas pelo professor 11 aos seus alunos na fase de alfabetização.

“Então... e coloco pra eles que, assim, essa idade... até pro desenvolvimento de coordenação motora fina, é muito importante pra eles o recorte, a colagem, o manuseio, e a maioria das tarefas, os livros de alfabetização trazem muito isso e eu procuro mandar isso pra casa.” (Prof. 11)

O professor 13 disse que complementa com dever de casa aquele conteúdo que não foi assimilado com o uso da apostila em classe.

“A tarefa de casa, eu acho que é um complemento da sala de aula. Então eu procuro ver onde tá a dificuldade. É um material apostilado, então eu vejo onde ficou falho e procuro complementar com a tarefa de casa. Então eu procuro dar aquilo que eles façam com autonomia em casa, sozinhos. Não fico dificultando, porque não adianta os pais fazerem.” (Prof. 13)

- Categoria C-3.3: Falta de recursos dificulta a realização de trabalhos de pesquisa em casa

Os professores 16, 18 e 28 comentaram sobre as dificuldades enfrentadas quando pedem pesquisas como dever de casa aos alunos, pois a falta de recursos no ambiente familiar muitas vezes não permite que eles tenham fontes de busca.

“E... agora... tem muita dificuldade é em trabalho de pesquisa. A hora que eu falo que tem que pesquisar sobre um determinado assunto: “ah, tia, mas eu não tenho onde ir, porque não sei o que, não sei o que”. Por quê? Tem criança que mora longe da biblioteca municipal e os perigos hoje da rua são grandes e as mães não deixam ir sozinhos e, muitas vezes, elas não podem acompanhar... os que não têm o recurso em casa. Computador... não é todo mundo que tem em casa. É... livros também, de pesquisa, muito menos. Jornal, revista... aqui na escola não pode acessar e teria que ir na Informática e, esse ano, nós nem fomos porque não funcionou, sei lá, a Informática esse ano. Mas mesmo assim eu dou. Então eu falo: “vamos fazer assim: quem tem o computador ou quem tem aonde pesquisar, faz em dupla e depois combina com o colega pra ver como que vocês vão apresentar aí isso”, sabe? Você tem que ir criando mecanismos assim. Mas eu acho que a grande dificuldade mesmo é eles se deslocarem da casa até o centro para eles irem até a biblioteca. Eles não frequentam a biblioteca municipal. A não ser que a mãe vá junto... tem mãe leitora, mãe que vai junto. Mas uma. Eu tenho uma assim na classe e aí já leva a criança junto. Mas, do contrário, eles não frequentam a biblioteca, eles não vão. Eu acho que é por isso, assim, por não irem sozinhos e por não ter quem leva, porque já é um... M.A. parece que não, mas já tem boas distâncias, já tem perigo. Daí eles mesmos reclamam. Então, quando eu passo tarefas de pesquisa, assim, eles não gostam, sabe? Primeiro eles dão aquela reclamada, mesmo que tenha na apostila. Porque a apostila tem muita sugestão de pesquisa. Então eu falo: “bom, então quem tem, tem que fazer porque todo mundo tem que ter acesso a essa informação”. Daí eles apresentam pra aqueles que não têm oportunidade.” (Prof. 16)

“Mas eu vejo muita dificuldade assim, sabe? Porque, assim, o pessoal é muito carente, não tem computador, não tem um apoio pra pesquisa. Então eu tenho que pensar muito bem também o que eu vou mandar, o que eu vou pedir. Porque na escola também tem a sala de Informática, mas os computadores são assim... muito sucateados... a internet é difícil, tem dia que pega, tem dia que não pega, que é muito lenta.” (Prof. 19)

Classe de Categoria C-4: Como é feita a correção do dever de casa

Nesta classe, as categorias revelaram os métodos utilizados por alguns professores para corrigir o dever de casa feito pelos alunos.

- Categoria C-4.1: Correção do dever de casa através de uma socialização

Dezoito professores (2, 3, 4, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 27, 28 e 29) relataram utilizar a socialização na hora da correção do dever, pois ela dá ao aluno a oportunidade de encontrar os seus erros ou então de refletir sobre o modo como seus colegas

pensaram sobre as questões. O professor 16 contou que através da socialização é possível observar diferentes maneiras de resolver os exercícios.

“E... eu corrijo todos os dias, no começo da aula, primeira aula... primeira coisa que a gente faz já é corrigir a tarefa socializando na lousa. Se eu dei conta, então eu chamo um aluno pra ver como ele resolveu... ou um problema pra ver o que ele pensou, como que foi feito, né, quem fez... quem que resolveu de maneira diferente...” (Prof. 16)

Para o professor 20, o momento da socialização permite que o conteúdo seja retomado até que os alunos consigam assimilá-lo por completo.

“E, assim, lógico que às vezes é mediante socializações. Nem que eu não der o visto aquele dia, então cada criança vai falar o jeito que colocou, né? As diferenças nós vamos achar, acrescentar. Nós trabalhamos assim... ah faltou... a resposta tá incompleta... ele tem que acrescentar, porque depois eu vou ler. Nem que se eu não ler na hora ali, eu levo embora e eu leio tudo. Então eles têm sim que acrescentar. Então no 1º bimestre ainda eu tive um pouquinho de problema, porque eu tinha uma criança que não arrumou as respostas dela na hora da socialização. Mas agora ela já tá conseguindo. Eu coloquei essa criança mais sentadinho pra frente, na hora da socialização eu perguntava mais para ela, como ela tinha colocado, aí eu falava: “ó, faltou esta parte”. Aí ela colocava. Porque quando você dita pra criança, é registro. Eles têm que ter esse procedimento. Então é um procedimento que nós... eles têm que aprender até no 5º ano. Então já faz parte, procedimento, né, saber que numa socialização eles têm que prestar atenção, né. Perguntar, porque também vai chegar criança que vai falar pra mim e eu já... eu tenho reuniões com os professores do dever de casa deles que, assim, a criança não conseguiu, não precisa informar. Ela tentou, pra mim tá ótimo, está perfeito. Então eu... tem dever de casa que eu retomo, que eu explico tudo de novo. Então às vezes eu deixo a minha aula então... quando se estende muito a socialização. Na parte de Matemática, por exemplo, são muitas... eu mudo a aula. Então, é... são aulas, né, que aparecem, né, do momento, então que você tem que ter flexibilidade. O professor trabalha com sequência, com projetos, com sistematizações. Mas que também tem aquela atividade que às vezes você pensa, né, que vai ser em 10, 15 minutinhos e você pegar duas horas, né? Então eu trabalho assim com o dever de casa.” (Prof. 20)

O professor 25 disse que a socialização permite que o dever de casa seja corrigido de diferentes maneiras e também que os alunos gostam deste momento.

“Faço a correção na lousa, dependendo da tarefa, até oral, sabe. Eles vão respondendo, porque eles já leem até que bem. E... quando dá, eu faço na lousa, sabe. Chamo, eles vêm colocar uma resposta e a gente já faz alguma intervenção. Se escreve a palavra errada, já aproveito pra fazer a intervenção... se tem alguma errada... todos eles gostam.” (Prof. 25)

- Categoria C-4.2: Razões para corrigir o dever de casa individualmente

Já os professores que não utilizam a socialização (6, 18 e 24), contaram porque preferem corrigir o dever de casa individualmente. O professor 6 comentou que prefere corrigir individualmente, pois os alunos costumam copiar as respostas uns dos outros.

“E eu quero também ver porque eles dão mais valor: “a minha professora vai ver”. Porque se eu corrigir no coletivo, tem aquele que não fez... sabe, tem tudo aquilo. Tem aquele que fez pela metade, ou que copiou do amigo, ou então aquele tipo assim... acontece... até graças a Deus que a gente acaba vendo. Veio uma tarefa e depois eu vejo outra igual, e outra igual, o que for pessoal. Eu falo: “pera lá”. Aí eles: “mas ele fez e me emprestou” [risos]. Eles são tão assim. “Mas não podia ser igual ao dele?”. “Não, porque esse é o pensamento dele e não o seu”. Então eles têm um monte de jeito. Então se você... se você consegue pegar pra corrigir, corrigir pra chamar atenção, pra eles falarem: “não, isso é meu e quem vai fazer sou eu, isso é responsabilidade minha”, se eu olhar todos os dias. Porque criança percebe... se um dia você não olha, se no outro dia você não olha. Ele não vai fazer mais. Eles são espertos. Eles falam que a professora nem vai ver, aí faz de qualquer coisa, deixa de fazer ou pula alguma coisa, né. Então eles não... “ela não vai ver”. Aí eles falam: “mas, tia, como que você achou isso aqui?”. “Porque eu li”, né. Então, porque eles sabem todos os macetes. Então a gente tem que ser mais esperta do que eles. É difícil, mas tem que ser.” (Prof. 6)

Já o professor 18 contou que o baixo número de alunos em sala de aula facilita a correção individual do dever de casa.

“Mas eu corrijo individual. Eu tenho pouco aluno, né, então eles querem que corrija individual, eles querem, né, mostrar que fez. Só se tem uma atividade, assim, que eu vejo que é muito... é muita questão, é muito longa, aí eu vou passando na lousa questão por questão. Mas é muito difícil eu dar algo assim. A maioria das vezes eu dou a apostila mesmo, que tem continuação daquela sequência didática e nós não resolvemos tudo ali na sala e a sequência é uma sistematização, então eu mando, né, aquilo. Mas geralmente é assim, individual. Eu passo de um por um.” (Prof. 18)

Para o professor 24, a correção feita individualmente permite dar maior atenção para as dúvidas de cada aluno.

“Eu gosto de fazer bem... mais individualmente pra mostrar o que a criança errou, o que eles podem melhorar. E eles acabam refazendo, vindo me mostrar: “ahhhh, agora eu entendi o que é pra fazer, tia”. Já arruma na hora, já traz. É bem simples e da certo.” (Prof. 24)

Classe de Categoria C-5: Medidas tomadas com alunos que não fazem o dever de casa

As três categorias que compõem esta classe apresentam as atitudes tomadas pelos professores para lidar com alunos que não fazem o dever de casa.

- Categoria C-5.1: Como é feita a cobrança daqueles que não fazem o dever de casa

Sobre esta categoria, 21 professores relataram quais atitudes são tomadas com alunos que não fazem o dever de casa. O Professor 6 contou que faz um “combinado” com os alunos logo no começo do ano, avisando que quem não fizer o dever de casa de segunda a quinta, receberá dever extra na sexta-feira.

“É um combinado que a gente tem e a punição de quem não fez a tarefa de segunda à quinta que eu mando, eu mando uma tarefa de sexta pra fazer no final de semana. Além da tarefa que não fez, uma outra tarefa, tá. Eu não... é certo que na hora de fazer nota a gente considera muita coisa, mas a punição é: se deixou de fazer alguma tarefa nesses dias, vai fazer tarefa no final de semana. Porque eles não gostam de fazer tarefa de final de semana. E eu penso que se eles fizerem o compromissinho deles de fazer na segunda, terça até na quinta, no final de semana eles vão descansar, vão passear, eles vão brincar. Então o nosso combinado é esse. Mas aquele que não fez, vai fazer na sexta-feira. E eu não deixo de mandar, eu não fico... eles: “ai, tia, perdoa só hoje”. “Não, o que é combinado, é combinado”. Isso eu sempre tenho de firme. Se eu fizer um combinado com eles e eles falarem... e alguma coisa der errado da parte deles, a gente perde o combinado. Eu já falo antes: “ó, a gente vai fazer assim, assim, assim. Todo mundo concorda?”. Concorda? Então tá bom. E é assim.” (Prof. 6)

Segundo o professor 14, o aluno que não cumpre com o dever de casa, perde o recreio e a aula de Educação Física.

“Depois... ah.... a cobrança... quem não faz, não é justo com quem fez, não é? Então fica sem recreio e sem Educação Física, não tem choro e nem vela, eles já sabem. E fica dentro da sala de aula fazendo atividade mesmo. Então isso eles já sabem e bem poucos não fazem.” (Prof. 14)

Já o professor 15 contou que se aproxima mais dos alunos que não fazem o dever de casa, tentando resolver junto com eles durante a socialização.

“Os que não fazem... eu dou... primeiro eu converso com eles, é... falo que se eles não fizerem, eles não vão ter... eu não vou ter um olhar... vou ter um olhar

diferenciado com eles. Mas tem aquelas crianças que eles não têm aquele apoio em casa. Então eu aproximo deles mais próximos de mim na sala de aula. Então ele faz junto comigo na sala de aula, na hora que ta socializando ele ta falando. Tem aluno que a gente sabe como é em casa, conhece a família deles, que não dá. Não cobro... não deixo sem recreio... porque eles não têm o apoio em casa. Às vezes tem a mãe que já tem um problema cognitivo, ou tem uma... ela tem problema visual... ela tem... ou ela é até analfabeta. Então não tem como a gente cobrar. Quando não fazem muitos... mando recado pra aqueles que a gente... que eu tenho mais facilidade. Mas pra aquelas crianças que têm uma família comprometida eu trabalho com eles dentro da sala de aula.” (Prof. 15)

O professor 17 contou que manda bilhete para os pais os assinarem quando o aluno não faz o dever de casa.

“E eles levam bilhete. Todos os dias, a punição é essa. Eles morrem de medo de levar bilhete, então eles... aquele: “não fez a tarefa hoje, por quê?”. E tem mãe que me responde na agenda que não fez porque foi ao médico, porque não deu tempo, porque saiu, porque choveu ou porque sei lá, elas respondem. Então eles levam o bilhetinho. Então eles já sabem que se eles não fizerem, eles vão levar o bilhete e as mães vão saber que não fizeram, sabe? A punição é essa.” (Prof. 17)

Já o professor 26 contou que os alunos que não fazem o dever de casa perdem pontos na nota final do bimestre.

“Aqui... eu apenas coloco negativo e eu monto lá uma regra que quando ele tiver três negativos desconta-se um ponto da média dele, na nota dele. Na outra escola, costuma-se ir pra diretoria, passar pela coordenação etc. Mas olha o desgaste que é, olha o desgaste.” (Prof. 26)

- Categoria C-5.2: Punições não resolvem o problema de alunos que não fazem o dever de casa

De acordo com o professor 2, as punições não se mostram eficazes se a família não apoiar o aluno em casa com relação à realização do dever.

“A gente até no início, no início eu até dava uma punição... perdia alguns minutos da Educação Física, alguns minutos da Informática, pra terminar de realizar aquela determinada tarefa. Mas esses casos, se não tiver apoio familiar, não adianta.” (Prof. 2)

Para o professor 27, os alunos não se importam quando perdem o recreio por não terem feito o dever de casa.

“E aí antes a gente optava por deixar essa criança sem recreio ou mandar pra biblioteca pra fazer pra fazer no período da aula, mas eu não acho viável. Porque deixá-la sem recreio é uma punição que eles não se importam mais, porque eles já estão pensando assim: “o que vai acontecer comigo? Eu vou ficar só sem recreio?”. Já tanto faz. E vir pra biblioteca pra fazer a tarefa: “ótimo, porque eu vou perder aquilo que tá lá na aula, então eu vou demorar o máximo que eu puder aqui na biblioteca fazendo a tarefa”. A menos que seja alguma coisa que... que a direção concorde comigo que a criança vai fazer... então em alguns casos extremos a criança vem, em outros não.” (Prof. 27)

- Categoria C-5.3: Ausência de punições para quem não faz o dever de casa

O professor 10 contou que não acha justo punir os alunos que não fazem o dever de casa privando-os de determinadas atividades.

“Não tem punição, não. Não tiro o recreio de ninguém, não tiro a Educação Física. Até falo de tirar, mas não tiro não. Eu acho que não é justo, né, tadinhos. É a hora que eles esperam tanto.” (Prof. 10)

Segundo o professor 22, é importante para o aluno participar das atividades na escola, ao invés de não permitir que eles participem por não terem feito o dever de casa.

“E, muitas vezes, eu acabava ficando sem recreio pra ficar com esse aluno, você deixava ele, às vezes, sem Educação Física. Só que aí vêm os questionamentos. O recreio é importante pra ele, a Educação Física é importante pra ele. Então você acaba revendo certas atitudes porque a gente vê que, por mais que ele não faça, ele também não é totalmente culpado, porque é dever de casa, né? Então ele tem que ter tempo.” (Prof. 22)

Classe de Categoria C-6: Realização do dever de casa

Esta classe, composta por quatro categorias, revelou o perfil dos alunos que realizam o dever de casa com maior frequência, bem como a influência da família neste processo.

- Categoria C-6.1: Relação entre a participação da família no cotidiano escolar e a frequência com que o dever é feito pelos alunos

Nesta categoria, oito professores (5, 8, 11, 12, 22, 23, 25 e 29) falaram sobre a influência da família no que diz respeito à realização do dever de casa por parte dos alunos. O professor 5 comentou a respeito de algumas possíveis diferenças presentes no contexto familiar entre alunos que fazem ou não o dever.

“Os alunos bons, que eu acho que têm famílias que pegam no pé... sempre tão com a tarefa pronta. Os que têm dificuldade, os que têm uma família não tão estruturada, que não se importam muito com... que acho que não vê tanta importância no dever de casa, então, normalmente, eles não trazem prontos.” (Prof. 5)

O professor 11 relatou que as crianças trazem o dever pronto porque tem o apoio das famílias em casa.

“Na verdade, os dois itens são uma continuidade do cartão anterior, né? Porque os pais que a gente tem a participação, os alunos vêm com a tarefa feitinha, né, é... aqui no A. é uma característica forte, a maioria dos alunos vem com a tarefa feita. Um ou outro porque às vezes é uma atividade de recorte e colagem e aí “ai tia, não tinha tesoura sem ponta na minha casa e a minha mãe não deixou eu pegar a grande”. Então alguma, mas assim, raros não realizam e não tem nenhuma satisfação. Sabe? A maior, a maioria realiza, porque, justamente porque a maioria tem sim esse apoio, essa participação dos pais.” (Prof. 11)

Já o professor 23 comentou sobre aqueles casos em que os familiares não conseguem ajudar os alunos com o dever.

“Às vezes a criança fala: “pede ajuda pra olhar se tá certo ou não” e tem aquele aluno que fala assim: “mas o meu pai e a minha mãe não sabem”. Aí tem também os pais que não conseguem ajudar, porque pararam de estudar muito cedo. Então a gente tem muito isso na clientela. Mas em relação à tarefa, eu acho que ainda tem uma participação da família.” (Prof. 23)

- Categoria C-6.2: Os alunos que frequentam o período integral fazem o dever de casa no contraturno como parte das atividades propostas

Quatro professores (7, 16, 19 e 23) contaram que os alunos matriculados no período integral fazem o dever no contraturno com a ajuda de professores do projeto, pois este momento faz parte das atividades propostas. O professor 23 explicou como isso funciona na prática.

“E, assim, uma coisa que acontece de interessante é o seguinte: nós temos, eu tenho uma sala em que eles vão no projeto educacional, no M., e a outra sala não. Os que vão no projeto aparecem mais com as tarefas feitas, porque tem alguém que subsidia, não em casa, né. Lá no projeto as professoras, às vezes, elas têm um tempo... então eles acabam fazendo... as professoras acabam ajudando.” (Prof. 23)

- Categoria C-6.3: Média de alunos da classe que faz o dever de casa

Nesta categoria, sete professores relataram a quantidade de alunos que costumam fazer o dever de casa. Os professores 8 e 25 apontaram para o fato de que alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem fazem menos o dever do que os alunos considerados bons.

“Eu estaria mentindo se eu dissesse que a maioria faz, não faz. Há uma pequena minoria, é.. faz. Eu percebi que é... os alunos.. aqueles alunos que são mais comprometidos, que têm mais facilidade para aprender, são os que realizam a tarefa, assim, bonitinho, do jeito que a gente espera, né? Os que mais precisam, fazem parte da parcela que menos fazem tarefa, né?” (Prof. 8)

“Os alunos que estão já no nível de aprendizagem melhor, né, alfabéticos, alfabéticos com preocupação ortográfica, mesmo os silábico-alfabéticos, eles participam melhor da tarefa. Fazem a tarefa todo dia. Os alunos que têm mais dificuldade, que são mais limitados, esses são difíceis, são difíceis pra fazer a tarefa.” (Prof. 25)

- Categoria C-6.4: Realização do dever de casa em sala de aula evita que os alunos deixem de fazer em casa

Os professores 22, 26 e 30 contaram que o dever é feito em sala de aula como parte das atividades propostas, pois desta forma os alunos têm acesso aos materiais necessários e evita-se que eles deixem de apreender determinado conteúdo. De acordo com o professor 26, a vantagem de fazer o dever em classe é que todos os alunos têm a oportunidade de fazer o que não fariam sozinhos.

“Então, eu procuro fazer na sala de aula mesmo. E eu acho que tem efeito. Porque aí não se perde tanto tempo, não se perde tempo, não se perde aquela atividade, porque o aluno tá fazendo aquilo que ele não ia fazer sozinho, né, lá na casa dele ele não ia fazer... e aí tá fazendo na sala de aula. Eu não sei se eu estou certa, mas eu evito conflito. Eu evito que ele fique sem fazer aquilo lá... ele não teria feito mesmo e ele está fazendo comigo. Eu vou perguntando e a classe vai respondendo... e aí tá todo mundo participando, todo mundo tá ouvindo. Isso não aconteceria e não iria fazer sozinho, não faria. E a questão de você ter que tomar uma providência pro aluno que não fez, né.” (Prof. 26)

O professor 30 disse que teve que se adaptar à realidade de seus alunos e, por isso, passou a incluir o dever de casa nas atividades em classe.

“Ah, mas você não acha que você tá deixando de lado as responsabilidades deles?”. Porque eu já ouvi isso. Pode ser também, mas se a situação muda, a gente também tem que mudar, tem que se adaptar e fazer. Eu não posso deixar todo mundo com nota vermelha todo bimestre. Eu tenho que... né. E, se em casa eles não vão fazer, então eles não vão estudar e dentro da sala, eles fazendo, eles já estão estudando. Até por uma falta de materiais em casa. Então eu acho que é uma forma que eu encontrei que é tudo em sala.” (Prof. 30)

Classe de Categoria C-7: Disponibilidade do professor em atender as famílias dos alunos

As categorias que compõem esta classe abordam os momentos em que os professores disponibilizam para orientar os familiares dos alunos que os procuram.

- Categoria C-7.1: Disponibilidade do professor em ajudar os pais sobre o conteúdo que o filho está aprendendo

Os professores 2, 3, 6, 17 e 22 falaram a respeito da ajuda que oferecem aos familiares com relação ao conteúdo que está sendo ensinado aos alunos em sala de aula. O professor 3 exemplificou a forma como explica determinado conteúdo para a família.

“Por exemplo, quando você entra na subtração... os pais ficam tão perdidos, porque eles aprenderam subtração tão diferente do que é hoje, né, a divisão... então em algumas reuniões eu passo pra eles. Eu falo: “ó, como isso tem muita dificuldade, eu vou explicar pra vocês como faz”, então eu explico pra eles... faço... centena, dezena, unidade, faço as trocas, sabe? Com... às vezes eu até pego a caixa do material dourado pra ir explicando pra eles pra eles poderem explicar pros filhos, porque às vezes eles explicam de uma outra maneira e atrapalha tudo o que foi dito, o que foi ensinado.” (Prof. 3)

- Categoria C-7.2: Disponibilidade do professor em atender aos pais em outros horários

Doze professores (2, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 24, 25, 27 e 28) contaram que oferecem outros horários para que os pais compareçam a escola para conversar sobre seus filhos. O professor 2 disse que mostra os horários disponíveis para que os pais possam ir até a escola quando acharem necessário.

“A gente chama, eu mando os horários que eu posso atendê-los durante o período de aula, eu mando os horários... já teve caso de eu me oferecer pra atender durante o horário de HTPC, sempre tentando adequar ao horário de trabalho deles... e, mesmo assim, não vão.” (Prof. 2)

Já o professor 15 relatou que deixa os pais livres para irem até a escola quando puderem, a qualquer horário.

“Eu exponho a minha proposta de trabalho e deixo em aberto a... pra família vir a hora que quiser, não precisa de horário de aulinha, nada, a hora que ela achar... que ela tiver um tempo, ela pode adentrar na escola que ela será bem-vinda na minha sala.” (Prof. 15)

O professor 18 falou que disponibiliza o número de seu telefone celular para que os familiares entrem em contato quando quiserem.

“E também a gente pode tá conversando individual. Que nem eu peguei meu celular, coloquei na lousa... pros alunos isso. Eu deveria ter feito isso na reunião... não atentei pra isso, agora na próxima eu vou colocar. Dei o meu celular pra eles falarem pra mãe me ligar, só não me liga na hora que eu estou em aula.” (Prof. 18)

- Categoria C-7.3: Como os pais são orientados sobre o dever de casa

Diversos professores comentaram, nesta categoria, a respeito da orientação dada aos pais dos alunos acerca do dever de casa. O professor 3 contou que começa a falar com os pais sobre o dever de casa logo no primeiro dia de aula.

“Antes, na primeira reunião, eu costumo falar tudo já: que o dever tem todos os dias, sabe, às vezes a reunião demora pra acontecer... então eu vou falando na hora que eles vão trazendo os filhos na sala, no primeiro dia, eu já dou mais ou menos assim uma orientação e tal.” (Prof. 3)

O dever de casa está na pauta de todas as reuniões de pais do professor 12, a fim de reforçar a importância da participação da família neste momento.

“A gente lógico, na reunião a gente orienta os pais, como seria essa tarefa, o quanto é importante eles participarem da tarefa. Depois na reunião. A gente marca a reunião e em todas as reuniões, na minha pauta, eu já coloco a tarefa e pergunto... os pais vão é... é... vão falar sobre as dificuldades aí, tem a orientação de como funciona a tarefa, o quanto que eles devem se envolvem nas tarefas, a importância, né, de eles estarem ali olhando atentos, porque não precisa que os pais ensinem a tarefa pra eles, só precisem que os pais fiquem atentos se eles tão fazendo, se eles não estão fazendo, se eles não estão conseguindo, porque pra mim pode até ser um termômetro os pais e falar “olha, eu não to conseguindo fazer a tarefa”, então pera lá, deixa eu ver como que ta sendo essa tarefa. Então existe essa troca também.” (Prof. 12)

O professor 28 discorreu a respeito da orientação dada aos familiares sobre como proceder com o dever em casa.

“No início do ano, na primeira reunião, eu já coloco pros pais algumas regras que eu sigo na sala de aula e, nesse dia, eu já falo sobre a tarefa. Sobre a tarefa, eu explico do nosso combinado, eu explico que aquilo lá é importante pra ele aprender e pra que eu saiba onde que ta a dificuldade dele. Falo que é muito importante, que na sexta-feira eu já não dou que é pra ele descansar sábado e domingo... eu rezo... uma ladainha [risos]. Faço drama mexicano ao extremo, mas dá certo [risos]. Peço aos pais que eles perguntem: “ó, tem tarefa hoje?”, na primeira reunião, no primeiro bimestre. Aí eu falo: “põe num lugar... põe sentado pra fazer, não precisa ajudar... se ele errar, não tem problema, porque aí eu vejo onde a dificuldade ta maior. Eu só quero que você fala se vai ter tarefa e pra ir fazer”. Mais no sentido de acompanhar a agenda e pra preparar um lugar pra ele, não pra ficar ali ao lado ajudando.” (Prof. 28)

4.2.4 Tema D: Reunião de Pais

O quarto e último tema submetido à Análise de Conteúdo revelou duas classes que abrigam 13 categorias no total. Neste subitem serão apresentados os discursos dos professores a respeito de como a reunião de pais é conduzida nas escolas.

Classe de Categoria D-1: Conteúdo abordado durante a reunião de pais

De uma forma geral, os professores comentaram o modo como conduzem a reunião de pais.

- Categoria D-1.1: Pauta da reunião de pais

Sobre este assunto, 28 professores falaram a respeito do conteúdo abordado durante as reuniões de pais. A fala do professor 8 pode exemplificar a forma como a reunião é conduzida.

“Da reunião de pais... é... geralmente, assim, eu gosto de organizar uma pauta, é... quando não é pra ser entregue impressa eu gosto de colocar na lousa. E aí depois dessa.. desse... dessa apresentação de resultados mais no geral, a gente acaba dando alguns recados administrativos e depois, na hora que já vai dando uma.. alguns pais já vão deixando a sala.. e aí ficam mesmo os que querem conversar algum assunto mais pontual e antes deles deixarem, eu deixo aberto pra sugestões, pra que eles apontem alguma coisa que precisa melhorar, né... o... eles dificilmente apontam algo, muito pouco e é, assim, são... coisas assim mais assim... voltadas com relação a... a parte da aprendizagem da leitura, da escrita, se não lê ainda ou porque tá meio gaguejando, silabando, é... mas com relação a isso... se pode dar uma reforçadinha na leitura, se pode encaminhar pro reforço, pra uma avaliação... mas o meu trabalho mesmo... da gente... da prática... é pouco, muito pouco. E aí então depois dessas sugestões a gente conversa mais com os... os pais, assim, que quer conversar com a gente mais assim... mais... é... mais reservado, assim, né?”
(Prof. 8)

Já o professor 22 contou sobre a frustração por não conseguir conduzir a reunião como gostaria por falta de apoio dos pais.

“Infelizmente, as reuniões de pais elas não acabam ocorrendo da maneira que eu gostaria que fosse, né? Muitas vezes a gente prepara um texto, você quer ler, você quer mostrar as atividades das crianças, mas, infelizmente, nós não temos o respaldo por parte dos pais.” (Prof. 22)

O professor 25 relatou que evita mencionar os pontos negativos dos alunos durante as reuniões.

“Eu também falo bastante. Mas eu procuro evitar de ficar falando muita coisa negativa, que isso aí os pais estão cheios de ouvir e de ver em casa. Chega em casa e vem pra escola... ouvem tudo aquilo que eles não gostariam de ouvir.” (Prof. 25)

Segundo o professor 27, pais entrando e saindo da sala a todo momento dificulta a realização da pauta programada.

“Então eu passo a pauta... e aí, às vezes, eu tenho que ser tão repetitiva que fica cansativo pra quem tá ali. Eu não posso... a pauta é feita, mas nunca dá pra fazer como a gente planeja. Porque a gente planeja... eu vou falar de tais assuntos. Você começa... bom, chegaram quatro pais... dois pais. Você espera lá dez minutos e esses dois pais: “ai, professora, mas não vai começar? Eu tenho que ir ainda em dois lugares”. Aí você começa. Aí chegou mais um, aí você volta naqueles dois assuntos. Aí saiu dois e ta aquele um... aí você volta. É muito complicado. Não tem responsabilidade com horário. Eu tenho que ficar retomando o assunto toda hora.” (Prof. 27)

- Categoria D-1.2: No lugar da reunião de pais é feita uma orientação com os pais dos alunos que frequentam o Atendimento Educacional Especializado (AEE)

O professor 5 falou sobre a dificuldade em poder contar com a participação dos pais dos alunos que recebem o atendimento.

“E reunião de pais, eu não acompanho as reuniões, né, mas em relação aos alunos que a gente atende, quando precisa, a gente chama pra fazer orientação. Eles comparecem... muito difícil. Você conta nos dedos assim quem vem.” (Prof. 5)

Já o professor 19 contou que comparece às reuniões para colher informações sobre os alunos atendidos e também para motivar a família em relação aos progressos obtidos.

“Eu, enquanto AEE, pego os pais dos alunos, assim, que eu tenho dúvida... se foi ao médico naquele mês, se não foi, se mudou a medicação, mas... senão, as meninas me passam, as outras professoras. Eu não chego a conversar muito não, a não ser se eu sentir muita necessidade de falar com aquele pai, mas senão, a reunião de pais é exclusivamente da sala de regular. Então, é... eu espero ele na aula, têm os recados, ele vai pra sala da professora. A hora que ele... antes de ele sair, eu passo na sala e falo: “por favor, o pai da H. não vai embora, a hora que terminar de falar com a professora E., fala comigo, eu vou ta aqui no pátio”. Então eu fico ali no pátio, que é o lugar que eles vão ter que passar pra sair, pra ir embora, pra não... pra nenhum ir embora sem falar comigo. Geralmente eu falo com a maioria dos pais, nem se for pra falar um oi, pra saber como a criança ta em casa, dar uma atenção, falar que eles estão indo bem nos atendimentos, que ta evoluindo. Porque eu acho importante a motivação, você tem que motivar eles, mostrar pra eles que ta tendo, por menor que seja o avanço, eu chego neles e falo: “olha, ta tudo bem no meu atendimento, a I. deu uma melhorada; a H., como que ta a medicação...”. então eu sempre tento mostrar pra eles que eu to participando, por mais que eu não tenha uma sala de aula, mas eu to ali presente, né. Então eu sempre falo uma coisinha. Eu acho muito importante a motivação e isso daí eu já falei pros professores, né.” (Prof. 19)

- Categoria D-1.3: Como os professores preparam a reunião de pais do Fundamental II

Os professores 9, 26 e 30 discutiram sobre a forma como as reuniões do Ensino Fundamental II são preparadas, diferentemente do modelo seguido pelos professores do Ensino Fundamental I. O professor 9 relatou que a maioria dos pais não procura o professor da disciplina em que o filho apresenta dificuldade.

“Os pais vão... cada professor fica representando uma sala. A gente divide. Então os professores já sabem o histórico dos alunos, né. Então cada pai procura o professor responsável pela sala do filho dele e conversa. E aí se o filho dele tem mais dificuldade com um professor de Matemática... o professor que tá ali no momento, ele indica: “ó, o professor de Matemática tá ali em tal lugar” e aí ele vai conversar. Mas isso é raro, né.” (Prof. 9)

- Categoria D-1.4: Necessidade de rever o foco das reuniões de pais

Nesta categoria, os professores 6, 28 e 30 apontaram para a necessidade de mudar a forma como as reuniões são preparadas e conduzidas, pois o atual modelo tem contado com uma baixa participação de pais. Segundo o professor 6, a reunião de pais precisaria atrair a todos os familiares, não somente aqueles cujos alunos não apresentam problemas na escola.

“E... eles acham que... eu acho que muitas vezes a gente tem que mudar o foco nas reuniões de pais. Quando a gente chama... porque, na verdade, eles falam que a gente chama pra trazer problemas, né. E, na verdade, as pessoas que mais participam das reuniões de pais, pelo minha experiência, são os pais de crianças que não dão problemas. A criança-problema nunca vem, o pai nunca vem. E... então a gente tem que pensar, quando faz uma reunião assim... é mais fácil... a gente tem que tentar fazer de outro modo pra tentar chegar a todos.” (Prof. 6)

Já o professor 28 relatou que não sabe como mudar a reunião de pais para algo que pudesse aproximar a família da escola.

“E também o fato de ter muitas crianças problema... se for falar isso do filho... afasta. E não falar também... a reunião perderia o sentido? Perderia. E aí? Não sei. Não sei te falar qual o melhor caminho. Só que assim a gente pode falar que não tá dando certo, que eles não procuram.” (Prof. 28)

O professor 30 apontou para a necessidade de evitar falar apenas dos problemas existentes na escola.

“E eu até andei pensando, nessas próximas reuniões, eles já estão cansados de saber as dificuldades que a escola têm. Eu acho que é a hora de falar mesmo das não dificuldades, né. O que a gente tem, o que pode ser trabalhado, o que a gente pode aproveitar. Mudar um pouco aquele textinho básico, né, de só falar das coisas ruins que estão acontecendo.” (Prof. 30)

- Categoria D-1.5: Como seria a reunião de pais ideal

Nesta categoria, o professor 22 discorreu sobre a forma como gostaria que a reunião de pais acontecesse.

“Bom, que tivessem todos os pais. Se possível 100%. Que nós iniciássemos com um texto, por exemplo, cada reunião... colocar um objetivo. E que a gente lesse um texto que fizesse com que os pais refletissem sobre a importância da educação do filho, a importância da higiene do filho, a importância da responsabilidade do filho em relação aos deveres, a importância do filho dele em preservar a escola e os ambientes, o respeito... então, esses textos que fazem com que os pais reflitam. Então regras, tal, “a professora falou que eu tenho que te ajudar a ler um livro, que isso é legal”. Eu gostaria, sim, de cada reunião eu pudesse escolher um pai, uma mãe, pra poder ler um livro e na próxima reunião ele vir, comentar sobre esse livro, ou então ele não vir só na reunião, mas ele vir um dia... ele fazer uma roda da leitura em classe.” (Prof. 22)

- Categoria D-1.6: Necessidade de falar com algum familiar em particular durante a reunião

Durante a reunião de pais, surge a necessidade de conversar com alguns familiares em especial a respeito de assuntos pontuais e muitas vezes particulares. Desta forma, 21 professores contaram o modo como abordam os familiares para conversar a respeito de problemas com os alunos.

O Professor 3 falou que costuma pedir para os pais esperarem um pouco durante a reunião, mas que muitos problemas já são solucionados nos encontros diários nos momentos de entrada e saída dos alunos.

“Se eu tiver alguma coisa pra falar de algum aluno, então aí eu vou, discretamente: “mãe, você pode esperar um pouquinho?”, e aí vou... falo com uma mãe... falo com outra, mas geralmente como têm esses encontros no portão, eu procuro já ir resolvendo essas coisas individual, ta, pra não deixar crescer e também porque em reunião também tem coisa que é muito inconveniente, né, por exemplo, eu falar do teu filho na frente de todos os pais... Às vezes eu falo pras crianças: “eu vou falar na reunião, todos os pais vão ouvir, não sei o que”, mas a gente sabe que a gente não faz assim, né? E sempre, assim, nunca fazendo a imagem do filho ficar lá embaixo, né, porque a criança, por menos que ela aprenda, alguma coisa ela aprendeu a fazer, né. Então valorizando os pontos do que eles aprenderam.” (Prof. 3)

Já o Professor 8 relatou que não gosta de expor os problemas na frente de todos os presentes para evitar constrangimento.

“Eu, particularmente, não gosto de falar é... em específico dos alunos na frente dos outros pais, por conta que é... já teve n situações que no dia seguinte a criança chegou: “ah, minha mãe falou que o fulano bla bla bla”, né, então fica até uma situação desagradável.” (Prof. 8)

Para o professor 11, tanto as críticas quanto os elogios devem ser feitos em particular.

“Hora que eu termino de falar tudo, eu falo “pessoal, agora quem tiver alguma pergunta pra me fazer em particular pode tá vindo fazer e eu quero falar com fulano, fulano, fulano e fulano”. Seja um elogio ou seja uma crítica, o outro não tem que ficar sabendo.” (Prof. 11)

A fim de não expor a mãe de um aluno que estava passando por problemas, o professor 20 contou que pediu para conversar com todos os pais presentes em particular durante sua última reunião.

“Até na última reunião eu fiz diferente, porque eu tinha que conversar com uma mãe. Como que eu ia falar: “eu tenho que conversar só com você em particular depois”? Então eu fiz uma abertura e eu pedi pros pais esperarem lá fora e eu conversei com um por vez [risos]. Ai, mas é assim um pouco complicado. Eu sou sempre a última. Até os bons quer que a gente fala das crianças. E eles têm direito, gente! Eu penso também que a escola teria que elogiar mais, ter mais tempo pros alunos. Aqueles que têm mais dificuldade, que quebram as regras, tomam tanto o nosso tempo que eu acho que os bons... eles teriam que ter mais coisas pra eles. Então os pais são iguais. Eles querem ouvir de você. Então esta mãe até, né, que ficou e que eu queria conversar com ela, ela entendeu. Ela quis ser a última, ela já sabia, porque foi uma criança que foi com nota vermelha por falta de estudo.” (Prof. 20)

Para não constranger os familiares frente aos outros participantes da reunião de pais, o professor 27 convida estes pais em especial para comparecem à escola em outra data, onde terão mais privacidade.

“Eu, particularmente, não gosto de chamar a família, o responsável, pra falar sobre qualquer assunto relacionado à criança no ambiente coletivo, onde estejam mais responsáveis. Eu acho que cada criança é particular e eu prefiro falar no particular mesmo. Então eu procuro chamar sempre num H.A. (hora atividade), onde eu vou estar sozinha.” (Prof. 27)

Classe de Categoria D-2: Participação da família na reunião de pais

Fazem parte desta classe as categorias referentes à participação familiar nas reuniões de pais e sobre as dificuldades em atrair os pais que nunca comparecem.

- Categoria D-2.1: A reunião de pais como oportunidade de encontro com os familiares

Nesta categoria, alguns professores (7, 13, 17 e 19) relataram que a reunião de pais é uma oportunidade para encontrar com as famílias dos alunos, pois elas não frequentam a escola em outros momentos. O discurso do professor 7 pode ser usado exemplo para abordar esta situação.

“Já a reunião de pais, também é bastante importante, porque como eles não têm tempo de vir durante o ano, de uma forma mais sistemática, pelo menos nesse dia, né, uma vez por bimestre, eles vêm não só pegar o boletim, mas saber um pouco do filho, né, como está o andamento.” (Prof. 7)

- Categoria D-2.2: Média de participação da família na reunião de pais

Alguns professores falaram a respeito da quantidade de familiares que geralmente comparecem às reuniões. O professor 4 disse que é possível prever quem serão os poucos pais que irão à reunião e que a posição social não é algo que determina quem frequenta ou não.

“Na minha sala, a participação é de menos de 50%, menos de 50%, tá. Bem baixa. Uns seis, sete vieram à reunião. E, como sempre, são aqueles que a gente não tem problema, são bons alunos, são aqueles que têm bom rendimento, que a gente sabe que a família é presente, como sempre a gente que parece que tem bola de cristal e sabe quem são os pais que vão estar presentes na reunião. Aqueles que a gente acha que precisariam estar presentes... E interessante, assim, ó, eu tenho aluno esse ano, de assim, de família boa, vamos dizer boa, que já tem filhos mais velhos, que são formados, que trabalham, que atuam na sociedade... e que o filho da trabalho na escola, da trabalho em comportamento principalmente. Já foi mandado bilhete e até hoje a mãe não compareceu. Nem na reunião e nem pra conversa particular. Ou seja, não é aquela de que só os menos favorecidos que não comparecem, não acontece. O exemplo é assim mesmo.” (Prof. 4)

De acordo com o professor 6, há uma diferença na quantidade de pais que comparecem às reuniões entre os períodos da manhã e da tarde.

“E, assim, vamos pensar que a participação das crianças do período da manhã, que são crianças da cidade, é uma participação de uns 50% digamos. E nas crianças da tarde são uns 10%, por conta de serem do sítio, aí já é mais difícil. Tem gente que tem carro e aí acaba vindo, mas outros não. Mas aí têm mães também que não podem vir porque moram no sítio, aí vem num outro dia. No outro dia da reunião, aí vem com o ônibus, vem pegar o boletim, pegar a nota. Muitos deles vêm: “ah, eu quero o boletim, eu quero a nota”, assim. Mas tem também aqueles que querem saber: “ah, como é que ta, como é que não ta”.” (Prof. 6)

A baixa participação dos pais na reunião da sala do professor 10 pode ser explicada pelo fato de que eles também têm que comparecer aos encontros promovidos pelo projeto do contraturno no qual os alunos estão matriculados.

“A participação dos pais na minha reunião é pouco... bem pouco mesmo, principalmente porque elas vão na reunião do centro educacional, né? Lá têm mais reuniões do que aqui. Então vem mais ou menos 30% dos pais, é bem pouco, não chega a 50%. A última teve oito pais... não, vem mais. De 20, vem oito... uns 50% ainda.” (Prof. 10)

Quase todos os pais comparecem às reuniões da sala do professor 15.

“Essa primeira reunião, do primeiro bimestre, que eu tive... teve três pais só que não vieram. Foram os três pais dos alunos que a família é comprometida. Do resto vieram todos.” (Prof. 15)

O professor 17 apontou para o fato de que nem sempre são os pais que comparecem às reuniões, mas sim os responsáveis pelas crianças.

“Então... geralmente vem, assim, um pouquinho mais do que a metade da sala, uns 60... 70%. E elas são importantes, as reuniões de pais ou familiares. Agora, geralmente, é reunião de responsável, porque têm alunos que não têm pai, que não têm mãe, que são criados por parentes, por avós... então ampliou. Então é pelo... pro responsável. Pros irmãos... às vezes vem o irmão mais velho, se o pai não pode vir, vem o irmão mais velho... geralmente, vem um maior que seja mais ou menos de 18 anos, sabe? Um irmão mais velho.” (Prof. 17)

O professor 26 contou que familiares dos alunos do Ensino Fundamental II comparecem em menor número às reuniões em comparação ao Ensino Fundamental I e que, muitas vezes, os próprios alunos não informam suas famílias sobre as reuniões por medo de punições.

“Geralmente os pais das crianças mais novas têm uma maior participação. Os das crianças mais velhas não. Na última reunião que foi feita pra entrega de boletim, um aluno da minha 8ª série apareceu. Um aluno não, um pai. De... 29, 28, uma coisa assim. Um apenas. E eu... e é assim, e costuma ser assim. Gira em torno de seis, sete pais... no máximo, bombando. No período da tarde, né, que é o período que eu acompanho. Dizem que no período da manhã é melhor. Dizem que à tarde tem muita criança que é do sítio. Mas mesmo assim... os alunos que moram na cidade... um aluno? Um pai de aluno? Não vão ser 29 do sítio. E isso porque a mãe veio não porque tivessem dito pra ela que ia ter reunião, mas que uma parente disse que vinha buscar o boletim, e aí ela ficou sabendo e veio.”

“Geralmente eles não contam, porque eles sabem que não vai ser uma coisa boa... que eles vão ser cobrados, né. E eu não sei também se o próprio pai não vem porque ele não quer ouvir... já sabe o que ele vai ouvir... porque ele sabe que a escola vai acabar entregando o boletim mesmo, né. Entrega depois pros alunos e eles levam. Então... não sei.” (Prof. 26)

De acordo com o professor 28, a média de pais presentes na reunião aumenta quando são oferecidas cestas básicas.

“Às vezes também quando a gente faz reunião de pais, esse ano... ano passado não tem feito isso, anuncia que vai ter cesta básica e eles vêm. Anuncia a cesta e eles vêm. Não vem, assim, todos, mas aumenta a procura pela reunião. Então eu acho, assim, que tem que considerar o lado deles um pouco também.” (Prof. 28)

- Categoria D-2.3: Alunos deveriam participar da reunião de pais para evitar desentendimentos

Os professores 8 e 22 relataram que a presença dos alunos seria importante durante as reuniões, pois desta forma todos ficariam cientes a respeito do que foi conversado e combinado nestes encontros.

“E pra mim, eu penso, talvez que os alunos deveriam estar com os pais nesse momento, não como uma forma de.. de.. de.. de coagir.. de coerção... mas uma forma mesmo de tá todo mundo, né? Eu acho que deveria ser assim, né. Mesmo porque a gente não usa esses momentos pra ficar é... fazendo a caveira da criança.” (Prof. 8)

“Este momento, inclusive, eu gostaria que os pais tivessem junto dos filhos, com os filhos presentes. Por quê? Porque tudo aquilo que depois a gente reforçar nas aulas, o pai tá sabendo lá, porque ele também ouviu junto com o filho. Então nós vamos falar os três uma língua só, do tipo: pode usar o banheiro? Pode, claro, mas lá no banheiro você tem que lavar as mãos, tem que jogar o papel no lixo. Por quê? Porque quando o filho dele não fizer isso, eu posso mandar um bilhete e o pai vai saber, já foi avisado o que não pode fazer isso e eu tava junto.” (Prof. 22)

- Categoria D-2.4: Pais de bons alunos estão mais presentes na escola

O fato de que apenas os familiares de alunos que não apresentam problemas frequentam as reuniões foi mencionado pelos professores 5, 9, 11, 12, 17, 18, 22, 23, 29 e 30.

“Bom, a escola, ela tenta promover ações que tragam a família pra escola. Só que, normalmente, a gente vê o quê? Que só os pais de alunos bons é que vêm pra essas promoções. São pais de alunos bons que vêm em reuniões de pais, são esses mesmos pais que vêm numa festa, como aconteceu outro dia.” (Prof. 5)

O professor 12 relacionou a presença dos pais nestes eventos e o bom aproveitamento do aluno na escola.

“Os pais dos melhores alunos, aqueles que estão é... é... os alunos que estão com as responsabilidades dele sempre em dia, são os pais que vêm à reunião, tá ligado. Isso é bem nítido, a gente vê... eu até falo pra eles, eles dão risada “os seus filhos eles são... eles só são bons alunos porque vocês estão aqui”.” (Prof. 12)

De acordo com o professor 30, é preciso valorizar também a presença dos pais dos alunos considerados bons, pois muitas vezes o foco fica apenas nos familiares dos alunos que apresentam problemas.

“E aí acaba vindo os bons, os pais de alunos bons, né. E aí é onde a gente tem que incentivar, falar. Porque, às vezes, a gente deixa de lado o aluno bom pra só falar do ruim. Não, o bom também tem que ser valorizado. O foco fica muito em cima dos alunos-problema. Acho que é uma falha nossa mesmo, do professor, deixar os bons: “ah, não vamos falar, não precisa chamar os pais porque tá bom”. É onde, lá na frente, eles acabam saindo do controle. Porque têm muitos alunos nossos que foram bons até 6ª, 7ª série e depois... né. Por falta também de falar dos bons, não só... de chamar a família pra fazer um elogio, fazer uma reunião só pra falar, né, do que tem acontecido de bom naquele momento.” (Prof. 30)

- Categoria D-2.5: Pais de alunos que apresentam problemas na escola geralmente não comparecem à reunião

Nesta categoria, oito professores (5, 8, 12, 14, 17, 18, 21 e 27) falaram que os pais dos alunos que trazem problemas para a escola não costumam frequentar a reunião.

A questão de manter o foco nas características negativas dos alunos durante os encontros com os familiares acaba afastando-os do contexto escolar, como mencionado pelo professor 5.

“É... os que têm mais dificuldade, os que precisam mesmo da família aqui, que a gente precisa ter essa aproximação, eles não aparecem. Ou porque tá trabalhando, ou porque realmente não quer vir. Mas, por outro lado também, eu vejo assim, que quando eles vêm, é... alguns professores pegam e tipo assim: “ah, você é mãe de fulano? Nossa. Mas, olha, o seu filho não faz nada, seu filho não tem a apostila preenchida, seu filho só faz bagunça, seu filho só xinga”. Então pra que esse pai vai querer vir aqui pra ele escutar só falar mal do filho dele? Qual estímulo ele vai ter?” (Prof. 5)

O professor 9 também falou sobre a dificuldade de atrair os familiares dos alunos que apresentam algum tipo de dificuldade para os eventos na escola.

“Nas reuniões, geralmente, vêm somente os pais dos alunos que dão menos trabalho, são participativos e fazem as tarefas de casa. Aqueles que muitas vezes precisamos conversar, raramente aparecem na escola. E quando aparecem, os próprios pais dizem que não sabem mais o que fazer com o filho. Então é difícil. Eles mesmo já... praticamente tão jogando a toalha, né? Eles não sabem o que fazer. Os pais não têm mais autoridade com os filhos.” (Prof. 9)

Segundo o professor 18, os pais dos alunos com dificuldades não frequentam as reuniões da escola.

“Tanto é que o dia de reunião de pais, aqueles que a gente precisa conversar, aqueles que têm mais problemas... eles nunca vêm. E é sempre aqueles que você mais precisa. Então, assim, fica difícil esse contato, assim.” (Prof. 18)

- Categoria D-2.6: Abertura dada pela professora para que os pais se manifestem durante a reunião

Os professores 12, 14, 15, 16 e 17 contaram um pouco a respeito da abertura que dão aos pais para que eles tirem dúvidas ou falem sobre o trabalho que está sendo desenvolvido. O professor 12 contou que deixa os pais livres para falarem, porém eles não tecem críticas.

“Então... é isso... é assim... e aí sempre tem um bate papo, né, que eu deixo livre pra eles falarem é... se eles têm alguma reclamação, se eles têm alguma coisa pra falar, se trouxeram um tomate pra jogar em mim... porque a gente sempre tem um pezinho atrás, né? Eu acho que tem alguém que gostaria de jogar um tomate em mim. É lógico que eles não declaram, né?” (Prof. 12)

Segundo o professor 16, a reunião de pais também é o momento para que eles comentem a respeito do trabalho desenvolvido pelo professor.

“E eles participam, conversam, perguntam. Eu também deixo eles à vontade pra falar, porque às vezes as crianças chegam e perguntam... porque eu também sou humana, também posso tá errando em alguma coisa... não tô agradando em outras... então, por favor, né, é a hora da gente também por isso ouvir isso durante a reunião... por isso em pratos limpos, se eu não ouvir deles como eu vou saber o que que tá acontecendo?” (Prof. 16)

- Categoria D-2.7: Como os familiares se comportam durante a reunião de pais

Nesta categoria, 10 professores comentaram o modo como os familiares interagem durante as reuniões. O professor 6 foi um dos que relatou que os pais estão sempre com pressa durante as reuniões, seja pelo fato de ter outras classes para visitar ou pelos afazeres domésticos.

“Tem muita gente que vem com pressa. Você tá lendo e a mãe fala: “da licença”. Aí você para e ela fala: “você vai demorar? Porque eu preciso ir embora”. Aí eu tenho o costume de falar assim, porque eu sempre coloco uma pauta com tudo o que a gente vai fazer. E falo pra ela: “eu tenho essa pauta pra cumprir, mas você fica à vontade”. Aí eu falo: “ó, gente, eu vou retomar a leitura” e começo de novo a leitura. Pode ser onde eu estiver, eu começo de novo e falo: “vou começar novamente porque eu precisei parar e tal”. Então eu faço assim. Até um pouco pra eles perceberem que não é pra interromper, que é inconveniente isso. Porque é uma leitura... não tô lendo um livro, eu leio, sei lá, uma página, nem isso, às vezes, né.” (Prof. 6)

O professor 7 relatou que muitos pais que comparecem às reuniões estão interessados em saber mais sobre seus filhos.

“É... os que vêm, têm esse interesse. Aqueles que estão presentes perguntam... são poucos que quer... alguns só querem pegar o boletim e ir embora, né, nem quer ficar. Mas a maioria dos que vem, eles perguntam sim. Quer saber se ele melhorou, como eles estão. A maioria pergunta.” (Prof. 7)

Segundo o professor 25, os pais mais escutam do que questionam ou conversam durante as reuniões.

“Mas também eu noto que eles também não conversam muito. Eles escutam mais, às vezes querem saber do filho, assim: “ah, e o meu filho, a minha filha”. Porque sabe que o filho é bom, sabe que ta indo bem, sabe que tirou nota boa. E às vezes quer que você fala pra todo mundo ali dentro ouvir e tal, né. “Ah não, o seu filho tá ótimo, ta excelente, ta tirando nota boa bla bla bla”.” (Prof. 18)
“Eles querem saber como estão os filhos. Ai é muita pergunta e eu tenho que organizar pra responder aqui, ali e tal.” (Prof. 25)

O professor 27 disse estar preocupado com o fato de que muitos familiares não sabem quem são os professores de seus filhos.

“E eles também não vão saber quem é o professor do aluno. Eu percebo muito nos dias de reuniões, é... porque a gente fica na porta, né, pra receber os pais. Eu percebo muito eles dizendo assim, aquela fala: “quem é o professor do meu filho? Você sabe quem é a professora do Hiago”, por exemplo. Eu falo: “mas que série que ele está?”. Eles: “não sei”. Não sabe nem a série que o filho está. Isso me amedronta muito.” (Prof. 27)

Após a análise dos resultados obtidos por meio das entrevistas com os professores, pode-se dizer que foi possível conhecer a forma como eles vivenciam e representam a relação da escola com a família. Muitos disseram acreditar que as famílias dos alunos vêm se afastando cada vez mais da escola, associando este movimento a alguns pontos que precisam ser revistos na forma como se dá esta relação, como, por exemplo, chamar a família apenas quando o aluno apresenta algum problema de comportamento ou aprendizagem, prejudicar o contexto sociocultural no qual a criança vive, a forma como a reunião de pais é conduzida atualmente, dentre outros.

Em contrapartida, pode-se perceber diversas tentativas de aproximação destes professores com os pais e familiares que têm se mostrado eficientes, criando uma relação de confiança e parceria que favorece o desenvolvimento do aluno em sala de aula. Todos estes

aspectos serão considerados de forma mais ampla e detalhada no tópico dedicado à Discussão, relacionando-os a resultados obtidos em outras pesquisas.

Em seguida, serão apresentados os Esquemas 5, 6 e 7, que introduzirão os conteúdos provenientes da análise temática das transcrições das entrevistas com os gestores de cada uma das escolas.

4.3 Resultados obtidos através da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com gestores

As transcrições das entrevistas com cada gestor das escolas participantes também foram submetidas à Análise de Conteúdo para a elaboração dos resultados. Durante a sessão de entrevista, foram apresentados três temas para cada gestor, sendo eles: “Concepções sobre a relação da escola com a família”, “Práticas desenvolvidas pela escola envolvendo a família” e “Como é feito o convite para a participação da família”. Neste item serão apresentados os esquemas de cinco a sete que deram origem às classes de categorias presentes em cada tema.

ESQUEMA 5. Categorias do tema E: Concepções sobre a relação da escola com a família

<i>Classe de Categoria E-1: Desencontros na relação da escola com a família</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria E-1.1:</u> Descaso por parte da família com relação à escola - <u>Categoria E-1.2:</u> Relação complicada entre a escola e a família
<i>Classe de Categoria E-2: Tentativas de aproximação da família por parte da escola</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria E-2.1:</u> Resultados positivos da interação família e escola - <u>Categoria E-2.2:</u> Conhecer as famílias, em cidade pequena, promove uma relação boa delas com a escola - <u>Categoria E-2.3:</u> Importância da relação escola-família

ESQUEMA 6. Categorias do tema F: Práticas desenvolvidas pela escola envolvendo a família

<i>Classe de Categoria F-1: Planejamento de projetos cujo foco é atrair a família para a escola</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria F-1.1:</u> Planejamento de eventos que contem com a presença da família ao longo do ano - <u>Categoria F-1.2:</u> Eventos promovidos pela escola com a participação das famílias - <u>Categoria F-1.3:</u> Como é a participação dos familiares nos eventos realizados na escola
---	---

ESQUEMA 7. Categorias do tema G: Como é feito o convite para a participação da família

<i>Classe de Categoria G-1: Os convites para as famílias são entregues em forma de bilhete para os alunos</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria G-1.1:</u> Elaboração dos bilhetes pelos gestores - <u>Categoria G-1.2:</u> Entrega dos bilhetes e convites - <u>Categoria G-1.3:</u> Elaboração das convocações para as famílias
<i>Classe de Categoria G-2: Contato com os familiares em casos mais graves ou urgentes</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria G-2.1:</u> Situações em que é necessária a presença do Conselho Tutelar municipal - <u>Categoria G-2.2:</u> Gestor telefona para a família em casos mais urgentes

Serão explicados, nos itens a seguir, como os Esquemas de 5 a 7 foram organizados, além de fornecer ao leitor trechos extraídos das transcrições das entrevistas relativos a tais categorias, a fim de ilustrar cada situação.

4.3.1 Tema E: Concepções sobre a relação da escola com a família

Este primeiro tema proposto aos gestores resultou em cinco categorias agrupadas em duas classes.

Classe de Categoria E-1: Desencontros na relação da escola com a família

As duas categorias presentes nesta classe apresentam os pensamentos dos gestores acerca das fragilidades encontradas na relação da escola com a família.

- Categoria E-1.1: Descaso por parte da família com relação à escola

Sobre esta categoria, os gestores 1 e 3 relataram algumas situações em que a família não dá a devida importância para o que se passa com o aluno na escola. O gestor 1 contou que muitos familiares não comparecem quando são convocados com a finalidade de resolver alguns problemas que os alunos estejam enfrentando na escola.

“Muitas vezes a gente precisa conversar com os pais a respeito de situações que a gente está vivendo, que a criança está passando por... dificuldades de aprendizagem, dificuldades ao se relacionar com o colega, algumas... alguns questionamentos que a gente precisaria fazer pra esses pais, pra estar ajudando

estas crianças... a gente perde muito tempo tentando entrar em contato com essas famílias esperando que eles venham. Eles não atendem o telefone, eles não leem bilhetes.” (Gestor 1)

Já o gestor 3 falou a respeito da sensação de frustração causada pela baixa participação da família nas reuniões de pais ao longo do ano.

“Se você precisasse de 10 mães ali pra fazer a leitura, você também não ia conseguir, que é o mesmo que acontece na reunião de pais. Nós ficamos decepcionados na reunião de pais, decepcionados. Quando vem um número assim... mas é uma vez ou outra. Teve uma sala esse ano que vieram três apenas. É muito descaso. E a gente marca das 17:30 até as 19:00, então não dá pra falar que eles não tem tempo, porque tem um monte, não é possível que tenha alguém que esteja trabalhando depois das sete também. É um descaso de tudo. A gente brinca ainda aqui que eles são muito bons, que eles são bons demais pelo tanto que eles sofrem, pelo tanto que eles passam.” (Gestor 3)

- Categoria E-1.2: Relação complicada entre a escola e a família

Para o gestor 1, a relação escola-família depende do contexto no qual a escola está inserida, sendo que em sua instituição esta interação pode ser considerada decepcionante.

“Então é bem complicada essa relação família-escola, pelo menos com o público que a gente tem aqui, né? Eu acredito que em outras escolas a realidade pode ser bem diferente, mas o que vejo aqui na nossa clientela é um trabalho muito difícil, muito decepcionante mesmo.” (Gestor 1)

Segundo o gestor 3, muitos familiares acreditam que a escola implica com seus filhos.

“Mas eles... o que eu vejo... é que eles acham que nós estamos implicando com o filho, nós implicamos com os filhos deles... que imagina que os filhos deles não são assim. Aí eles dão ‘n’ desculpas. E aí eles chegam aqui e falam que em casa os filhos não dão um pingão de trabalho, que é só aqui na escola, que em casa não faz isso... a maior parte é desse jeito. Nós passamos sempre por erradas, sempre somos nós que estamos erradas, que é só aqui na escola. Mas daí conforme você vai conversando com a mãe, daí ela vai falando que o filho responde pra ela, que ele não obedece. Então conforme você vai falando...” (Gestor 3)

Classe de Categoria E-2: Tentativas de aproximação da família por parte da escola

As três categorias presentes nesta classe contemplam os benefícios trazidos pela interação entre escola e família, além de apresentar alguns aspectos positivos com a finalidade de promover esta relação.

- Categoria E-2.1: Resultados positivos da interação família e escola

Os gestores 1 e 2 relataram alguns exemplos nos quais houve colaboração entre escola e família. O gestor 1 trouxe um exemplo da evolução de um aluno que teve o apoio da família no que foi requisitado pela escola.

“E é uma pena, porque você que aquela criança que tinha um problema e que a família dá respaldo, no final do ano é totalmente diferente, “quem te viu e quem te vê”. Você não fala que a criança do final é a mesma que começou, pois a mãe foi atrás, a mãe se preocupou, tá medicando na hora certa... o pessoal tem muito preconceito com remédio, né? Falam que o filho não é louco... então você vê que a clientela tem essa resistência porque eles também têm essa limitação, né?” (Gestor 1)

Já o gestor 2 disse que muitos familiares se sentem à vontade para procurar a escola para pedir ajuda.

“Então, por exemplo, nós tivemos crianças que perderam os pais... pai mesmo, né, duas na mesma série. Uma não... foi tranquila. A outra, a mãe veio, procurou a gente: “olha, eu to sentindo que ele tá diferente em casa, como que ele tá aqui? Como que vocês podem me ajudar?”. Entendeu?” (Gestor 2)

- Categoria E-2.2: Conhecer as famílias, em cidade pequena, promove uma relação boa delas com a escola

O gestor 2 discorreu sobre o fato de que escolas de pequeno porte têm mais facilidade de promover a relação com as famílias dos alunos.

“Nós temos uma relação muito boa com as famílias, porque, assim, a gente tem o privilégio de conhecê-los, entendeu? Então, assim, em alguma parte, em algum momento, a gente cruzou com essa família, seja com um irmão mais novo, seja com... nós mesmos que somos daqui... então já vem conhecendo a família. Então, isso dá um contato melhor e eles são bem presentes. Tanto assim... ah, quando... um

ou outro... mas mesmo assim... aqueles pais que dão um pouquinho mais de trabalho, mas quando convocados eles vêm.”

“E aqui também, por ser uma escola pequena, tem mais facilidade de contato. Por telefone, infelizmente, a gente não consegue com todos, por causa de zona rural. Mas a gente manda bilhete, pede pro motorista do ônibus entregar... a gente vai fazendo os nossos elos. Então dá pra fazer. Porque mesmo assim... se eles mudam de telefone, a primeira coisa que eles fazem é mandar bilhete com o número novo. Então, tem uma parceria mesmo, né.” (Gestor 2)

- Categoria E-2.3: Importância da relação escola-família

Os três gestores ressaltaram a importância da relação entre a escola e a família para o desenvolvimento dos alunos, exemplificado na fala do gestor 1.

“Sobre o meu ponto de vista, eu acredito que a escola e a família tem uma relação muito importante, né? E que se essa relação fosse mais estreita, mais integrada, família-escola, com certeza as nossas crianças estariam melhores, seriam os maiores beneficiários.” (Gestor 1)

Alguns métodos novos disponíveis não são adotados pelo gestor 2, pois ele valoriza o vínculo estabelecido com as famílias dos alunos.

“Agora tem a possibilidade de colocar as notas online... mas eu acho impessoal porque a nota é o menos relevante. Temos que saber o porquê. Aqui até daria, mas eu não coloquei aqui ainda... colocaram esse sistema aqui na rede no meio do ano... o aluno tem a sua senha e dá pra você visualizar no sistema, mas eu não sou a favor, acho que quebra o vínculo.” (Gestor 2)

4.3.2 Tema F: Práticas desenvolvidas pela escola envolvendo a família

A Análise de Conteúdo deste tema revelou uma classe reunindo três categorias nas quais os gestores expuseram o modo como são desenvolvidas e planejadas as práticas envolvendo a família durante o ano letivo, tais como festividades e reuniões de pais.

Classe de Categoria F-1: Planejamento de projetos cujo foco é atrair a presença da família na escola

As categorias que compõem esta classe apresentam as ações planejadas pela escola cujo foco é fazer com que as famílias estejam mais presentes no cotidiano escolar dos alunos ao longo do ano letivo e também como é a participação dos familiares durante estes eventos.

- Categoria F-1.1: Planejamento de eventos que contem com a presença da família ao longo do ano

Esta categoria contempla algumas falas do gestor 2 a respeito de como são planejados, no início do ano, os eventos para os quais as famílias serão convidadas.

“No começo do ano a gente faz o planejamento. Então, assim, em cima do planejamento, como que a gente vai atingir também as famílias? Como que a gente pode trazê-los? Através de eventos, né, através de convocações. E aí é onde a gente pensa no que vamos fazer. O que eu coloco que eu gosto... é que seja realizado pelo menos uma festa de encerramento de semestre... que faça a festa junina, né, que é em julho, e a apresentação de palco que a gente faz também. E aí vai o que... ah, e aí os professores sugerem: “ah, vamos fazer um dia das mães... porque a gente sempre fez, porque dá certo”.” (Gestor 2)

- Categoria F-1.2: Eventos promovidos pela escola com a participação das famílias

Todos os gestores discorreram a respeito dos eventos com a presença da família realizados pela escola durante o ano. O gestor 1 contou sobre as festividades realizadas durante o ano na escola.

“A gente tá sempre procurando envolver a família com os eventos, né, que a escola promove. Esse ano nós tivemos a comemoração do dia das mães, não fizemos no dia dos pais, falhamos este ano, ano passado teve. Teve a comemoração do dia das avós, que foi uma data que a gente não fazia desde o ano passado e esse ano foi um sucesso. A gente convida as avós para um chá da tarde e elas vêm. E todos os eventos que vai envolver os alunos a gente procura tá convidando os pais pra virem. A festa junina... pra prestigiar... o folclore... as apresentações que foram feitas no folclore... as apresentações da semana da criança... formatura...” (Gestor 1)

Sobre as reuniões de pais, o gestor 2 falou a respeito de como elas são organizadas e também sobre a média de comparecimento dos pais.

“A gente faz uma no começo do ano, sempre, pra receber os pais, pra mostrar como vai ser o serviço. Porque muda o professor, né? Então como aquele professor direciona a sala, como é a tarefa. A gente faz uma geral lá no pátio explicando as

regras da escola. Ai cada professor faz a sua, logo em seguida, cada professor recolhe os seus pais e fala como que vai ser o andamento da sala, como vai ser a tarefa, como vai funcionar a agenda... principalmente pros pequenos, né? E aí, depois a gente faz uma a cada encerramento de bimestre. A gente faz uma por bimestre pra ver o rendimento dele naquele bimestre... e também se tiver algum recado geral, a gente convida algumas pessoas pra palestrar. Então, esse ano... a B. veio uma vez. O irmão da J. que é pastor, ele veio outra... pra falar da importância da família, né, porque os alunos são nossos durante 11 anos, no máximo, depois eles são deles pra sempre... porque filho é pra sempre... não adianta falar que já ta grande... filho é pra sempre. Então, pra falar um pouquinho da importância deles... e a participação deles é boa. A reunião é feita no período noturno e mesmo os do sítio... pra reunião de pais eu não tenho o transporte, mas eles vêm. Eles dão um jeitinho. Às vezes vem com um vizinho... e aí acaba vindo. Vem 100%? Não. Mas eu acredito que um 70%.” (Gestor 2)

Já o gestor 3 discorreu sobre a realização do ‘dia da família na escola’.

“Nós também fazemos o “dia da família”, que aí vem... nós convidamos toda a comunidade aqui pra vir participar desse dia, nós colocamos várias salas, né, salas temáticas... sala de leitura, sala de ginástica, é... salão de cabeleireiro, e aí você morre de rir... no salão a fila é enorme, nas outras salas não vai uma mãe. Vão duas ou três, no máximo. Tem o bazar também, o bazar fica cheio também, mas a sala de leitura, a sala do teatro, ah, são duas ou três.” (Gestor 3)

- Categoria F-1.3: Como é a participação dos familiares nos eventos realizados na escola

Os três gestores discorreram sobre a participação média de familiares durante os eventos na escola. O gestor 1 contou que muitos pais não leem os bilhetes enviados pela escola e, com isso, não ficam sabendo de alguns eventos. Ele também falou sobre a maior adesão das famílias durante as festas quando comparada às reuniões de pais.

“Esse ano até teve muito pai que reclamou que não ficou sabendo, mas o bilhetinho foi colocado. Então é uma dificuldade também essa comunicação.”

“E tem, nossa, o ginásio de esporte fica lotado, lota de pais, muito bom. A gente tem marcado sempre depois das 18:00, porque a gente viu que é um público maior, mesmo com a turma da manhã, a gente faz tudo junto. A gente faz no ginásio de esporte que é bem grande, tem bastante espaço e a adesão é muito grande, a quadra fica lotada. Se você for procurar um lugarzinho pra sentar, você não acha. E aí vem a avó, o avô, a tia, o vizinho... vem todo mundo, é muito bom. A participação da família é muito boa nestes eventos. Na reunião de pais é menos... não sei se o horário... porque a gente faz logo em seguida, no período da tarde, né, a gente marca pras 17:15, então a frequência é bem menor, não vem a maioria, vem poucos. E vem aqueles pais que você sabe que em toda reunião vem. Aquele que não vem... não vem nunca, são sempre os mesmos.” (Gestor 1)

O gestor 2 falou sobre o envolvimento de toda a comunidade com os eventos realizados pela escola.

“E a comunidade vem sempre. Ela sempre teve envolvida, entendeu. Porque a gente costuma... eu to aqui há 15 anos [risos]. Então, a gente sempre envolve a comunidade e a comunidade responde muito bem também. Porque tudo o que a gente precisa, a comunidade acolhe. Tudo o que a gente vai fazer, a gente convida, porque é feito o bilhetinho que a gente manda pros pais... a gente entrega de casa em casa também. Mesmo que não tenha aluno matriculado a gente convida e eles vão. Eles gostam. Você deve ter visto que fica cheio, praticamente a cidade toda... muito idoso também. E na escola eles também vinham... mesmo quando eu era aluna aqui... então sempre veio a comunidade junto. A gente fazia festivais... a gente fazia... que usava o centro pra fazer os festivais de dança e também vinha em peso, entendeu. Mesmo quando a gente... a gente fazia gincanas e tinha três períodos aqui, tinha muito aluno. Tinha manhã, tarde e noite. Então, fazia gincanas manhã contra a noite ou mesclava, sabe? E, nossa, sempre... sempre teve muita gente.” (Gestor 2)

Em contrapartida, o gestor 3 contou sobre o cancelamento de um projeto por conta da não adesão dos pais.

“E o que nós organizamos, mas que no fim não deu certo porque nenhum pai... nós organizamos pra fazer um jogo de futebol e de vôlei com os pais, foi até do PEB I isso, foi organizado entre a coordenadora do PEB I e o professor de Educação Física isso, pra chamar os pais pra jogarem pais contra pais. Então mandamos tudo pra ver quem que poderia vir. Bom, já não deu o número necessário. Então pensamos em colocar aluno contra pai, mas também não deu o número. Mas essa foi uma ideia que nós tivemos que achamos que fosse dar certo, mais uma coisa. Ia ter futebol, vôlei e as crianças... acabou fazendo só com as crianças, fez entre eles mesmo. Foram dois ou três pais que concordaram.” (Gestor 3)

4.3.3 Tema G: Como é feito o convite para a participação da família

Este tema, composto por duas classes e cinco categorias, contempla os discursos dos gestores a respeito de como a família é convidada para estar na escola, seja por meio de convocações para a resolução de problemas, convites para as reuniões de pais ou festividades e até mesmo para os casos em que é necessária a presença do Conselho Tutelar municipal.

Classe de Categoria G-1: Os convites para as famílias são entregues em forma de bilhete para os alunos

As três categorias presentes nesta classe informam o modo como os bilhetes e convites são elaborados e distribuídos para as famílias através dos alunos.

- Categoria G-1.1: Elaboração dos bilhetes pelos gestores

O gestor 1 discorreu a respeito de como os bilhetes são feitos.

“A maioria dos convites que a gente faz, quando é participação pra algum evento, a digita o convite, né, eu faço o rascunho e passo pras outras gestoras pra todo mundo ler, ver se está de acordo, se eu esqueci de algum item... então a gente coloca tudo certinho: o dia, a hora, onde vai ser, né, e cola na agendinha deles.”

- Categoria G-1.2: Entrega dos bilhetes e convites

Nesta categoria, os três gestores expuseram os recursos que utilizam para divulgar os eventos realizados na escola. O gestor 1 contou que muitos pais não checam a agenda do filho com frequência e que os bilhetes são colados alguns dias antes dos eventos.

“Talvez porque não tem o hábito de pegar a agenda do filho todos os dias, e como eles são muito pequenos, eles também esquecem que tem bilhete lá colado na agenda pra mostrar pra mãe. Então, muitas vezes a mãe liga aqui perguntando se vai acontecer mesmo determinado evento porque a vizinha comentou, daí eu falo que foi o bilhete e pergunto se ela não viu... e ela responde que não olhou a agenda do filho. Quantas vezes a mãe chega aqui com a criança pra perguntar e ela abre a agenda e o bilhete tá lá? Ela fica até sem graça, porque não desenvolveu este hábito de tá lendo o bilhetinho, né?”

“Com uns três dias de antecedência [entrega dos bilhetes aos alunos]. A gente não coloca uma semana antes porque eles esquecem, tem esse problema. Se você envia muito antes, eles esquecem; se você envia muito em cima, tem criança que também esquece.” (Gestor 1)

Já o gestor 3 informou como são entregues os convites para a comunidade na qual a unidade escolar está inserida.

“A comunidade, como eu te disse, a gente entrega casa por casa, sempre coloca na caixinha do correio em todas as casas, pra que eles venham mesmo, pra que eles se sintam parte... porque quando a gente precisa, tipo a 8ª, numa rifa... numa coisa... eles correspondem, então a gente quer eles aqui.” (Gestor 2)

O gestor 3 também falou a respeito dos bilhetes colados nas agendas dos alunos para informar aos pais sobre os eventos na escola.

“Esse faz... em todos os eventos nós fazemos bilhetes pra... mesmo na reunião de pais, faz bilhete uma semana antes, né, uma semana antes, é... pra poder notificá-los. Mas os convites são sempre por escrito, né. Quando tem o dia da família também vai o bilhete colado na agenda de todos os alunos pros pais tomarem ciência pra poder participar. Reunião de pais também vai o bilhete colado na agenda toda vez.” (Gestor 3)

- Categoria G-1.3: Elaboração das convocações para as famílias

O gestor 2 relatou a forma como são feitas as convocações para as famílias comparecerem à escola.

“A gente vê as duas partes: como que fica melhor a parte burocrática... elabora um bilhete bem... pra não ofender, não ser ofensivo, mas deixando claro que a criança tem o direito de permanecer na escola e o pai tem o dever de acompanhar isso. Então, mesmo, através... lá... desde mandou um bilhete até a convocação séria, que seria o Conselho, a gente vai pensando pra não chegar no ponto como aconteceu com a dona S., para ela já vir ofendendo a gente. Então, a gente tenta fazer com que eles venham, mas sem ofensas.”

“Ah... e quando é feito... aí... uma convocação... um convite pra uma reunião, entendeu, aí quando é feita uma convocação... aí a convocação é um pouquinho mais séria. Então a gente tenta, como eu te disse, a gente põe que o aluno tem o direito de ter uma educação de qualidade, que a gente tá aqui querendo isso e o pai tem uma obrigação de estar acompanhando. Então, a gente sempre coloca um artigo da Constituição, da LDB, de qual o dever do pai... isso consta na convocação. Então, tem um recibo... o aluno assina que ele tá levando essa convocação. Essa convocação volta assinada pelo pai... quando é mais sério, eu gosto que assina os dois, o pai e a mãe. Porque sempre tem um mais bonzinho, né? Que alivia [risos]. Então, quando a arte é um pouquinho mais grave, então, os dois assinam e eles vêm.” (Gestor 2)

Classe de Categoria G-2: Contato com os familiares em casos mais graves ou urgentes

As categorias que compõem esta classe esclarecem como são feitos os contatos com as famílias na tentativa de solucionar alguns problemas mais sérios com os alunos na escola, sendo que em determinadas situações é necessário acionar o Conselho Tutelar municipal.

- Categoria G-2.1: Situações em que é necessária a presença do Conselho Tutelar municipal

Os três gestores apresentaram alguns casos em que foi necessário contar com o apoio do Conselho Tutelar municipal durante a resolução dos conflitos. O gestor 1 contou que em muitos casos precisa acionar o Conselho, pois os familiares não atendem a escola.

“Às vezes a gente tem família que a gente conseguiu contato pelo Conselho Tutelar, porque se não fosse pelo Conselho também não conseguiria.” (Gestor 1)

O gestor 3 apresentou um exemplo de uma situação em que teve que acionar o Conselho Tutelar e a Guarda Municipal.

“Inclusive este ano nós tivemos duas 8ª séries no período da manhã que nós estávamos com um problema seríssimo com droga, com tudo, os professores não estavam conseguindo dar aula, não estavam conseguindo. Então nós marcamos uma reunião com o Conselho Tutelar, com a Guarda Municipal e com a escola. Mandamos bilhete e aí vieram, porque nós dissemos que se eles não viessem, os alunos não iam entrar no outro dia, mas vários não vieram e no outro dia os filhos estavam aqui. E aí qual atitude que nós tomamos? Nós mandamos eles embora, porque era o que tínhamos combinado. Nós conversamos com o Conselho e com a Guarda e perguntamos se nós podíamos fazer isso e eles falaram que podia, que podia mandar embora até o dia que o pai resolvesse aparecer, porque não é possível que o pai não venha. Nós mandamos muitos embora, muitos. Mandamos um... aí vieram... precisamos de uns três dias, porque nós falamos que não ia entrar na escola se o pai não comparecesse aqui. Tava assim... os professores não estavam conseguindo dar aula em nenhuma das duas 8ª séries. Depois disso, melhorou, acho que mais ou menos em Maio, foi bem antes do início das férias. Daí melhorou sim, eles conseguiram... a impressão que a gente tinha é que eles não iam conseguir dar aula até o final do ano daquele jeito, ia ficar uma coisa insuportável.” (Gestor 3)

O gestor 3 relatou, ainda, que muitas vezes o Conselho Tutelar também não consegue sucesso durante as intervenções com as famílias dos alunos.

“Então eu acho que as crianças que têm apoio da família é uma pequena parte, o que mais precisaria é que essas famílias apoiassem essas crianças, que incentivassem a vir pra escola, que nós tivemos abandonos... 14 de um lado e 17 do outro. Um monte. E todas que nós mandamos o Conselho Tutelar atrás e sabe o que elas respondiam? “O filho é meu e eu mando pra escola o dia que eu quiser”. Relatório do Conselho. Não tem essa consciência que criança tem que vir pra escola. Eles não mandam. Eles não acordam, acho muito cedo, falam que estão dormindo. Então as crianças não têm o mínimo de apoio. É muito abandono. Não vem pra escola porque a mãe não manda. Nós vamos na casa, várias vezes, mandamos o Conselho lá e imagina... a família marcou de vir aqui com o Conselho e não aparece. Volta o Conselho lá e ta tudo fechado.” (Gestor 3)

- Categoria G-2.2: Gestor telefona para a família em casos mais urgentes

O gestor 3 contou que, em alguns casos, telefona para os familiares dos alunos a fim de agilizar o contato com eles e a possível resolução dos problemas.

“A convocação vai, eu ligo e falo várias vezes. A gente liga, entra em contato e pede pra vir aqui, entendeu.” (Gestor 3)

A Análise de Conteúdo das transcrições das entrevistas com os gestores revelou informações acerca da forma como a escola, em um sentido geral, lida com as famílias dos alunos e como são pensados e organizados os eventos ao longo do ano letivo. Também foi possível perceber a conexão que as instituições mantêm com o Conselho Tutelar municipal, principalmente como intermediário dos casos considerados mais graves em que a escola, sozinha, não dispõe de artifícios capazes de garantir a participação familiar.

Outro ponto relevante veio ao encontro do que os professores também relataram a respeito dos benefícios ao desenvolvimento do aluno quando a família participa de seu cotidiano escolar. O próximo item apresentará os dados obtidos a partir das observações dos eventos nas escolas.

4.4 Resultados obtidos após a Análise de Conteúdo das observações participantes dos eventos

As anotações feitas no caderno de campo do pesquisador a respeito das observações dos eventos promovidos pelas escolas que contavam com a participação das famílias dos alunos foram submetidas à Análise de Conteúdo a partir da proposta de Spradley (1980) para a continuação da elaboração dos resultados. A Tabela 4, na seção Método, apresenta a sequência das visitas realizadas nas escolas, sendo que algumas considerações devem ser feitas sobre como tais observações ocorreram. Primeiramente, as três escolas não tinham datas pré-estabelecidas para a realização de seus eventos e, muitas vezes, não foi informado à pesquisadora a respeito de alguma festividade ou reunião de pais, mesmo mediante realização de contatos semanais.

Também vale ressaltar que nenhuma das três escolas realizou a reunião de pais no primeiro bimestre de aulas, sendo que algumas das reuniões subsequentes foram realizadas no mesmo dia, possibilitando a visita a apenas uma das instituições. Com relação aos eventos promovidos, as escolas 2 e 3 não realizam homenagens no dia das mães. Já a respeito do dia da família na escola, idealizado pela escola 2 e mencionado durante as entrevistas com os

professores e gestor da instituição, tal evento não pode ser realizado no ano da coleta de dados devido a realização da Prova Brasil na mesma data.

Desta forma, a Análise de Conteúdo das observações deu origem a três temas responsáveis por agrupar nove classes de categorias, exemplificadas através dos esquemas de oito a dez.

ESQUEMA 8. Categorias do tema A: Eventos promovidos pela escola com a presença da família

<i>Classe de Categoria A-1: Formação das turmas no primeiro dia de aula</i>	- <u>Categoria A-1.1:</u> Coordenadora dá início à chamada dos alunos - <u>Categoria A-1.2:</u> Formação das classes de 1º a 5º ano
<i>Classe de Categoria A-2: Realização de festividades</i>	- <u>Categoria A-2.1:</u> Homenagens ao dia das mães - <u>Categoria A-2.2:</u> Apresentações do Folclore - <u>Categoria A-2.3:</u> Feira de Ciências - <u>Categoria A-2.4:</u> Apresentação da Feira de Ciências - <u>Categoria A-2.5:</u> Festa junina
<i>Classe de Categoria A-3: Reuniões de pais</i>	- <u>Categoria A-3.1:</u> Professores atendem aos pais presentes - <u>Categoria A-3.2:</u> Entrega de boletins - <u>Categoria A-3.3:</u> Professores criticam a forma como os familiares se vestem para a reunião

ESQUEMA 9. Categorias do tema B: Organização dos eventos pela escola

<i>Classe de Categoria B-1: Momentos de espera até o início dos eventos</i>	- <u>Categoria B-1.1:</u> Organização dos alunos antes dos eventos - <u>Categoria B-1.2:</u> Organização dos professores e gestores antes dos eventos
<i>Classe de Categoria B-2: Tentativa de atrair maior participação da família nas reuniões</i>	- <u>Categoria B-2.1:</u> Mudança no formato da reunião de pais para atrair mais familiares - <u>Categoria B-2.2:</u> Professores acreditam que mudança no formato da reuniões não aumentará a participação familiar
<i>Classe de Categoria B-3: Problemas durante os eventos</i>	- <u>Categoria B-3.1:</u> Problema com equipamentos - <u>Categoria B-3.2:</u> Falta de informações
<i>Classe de Categoria B-4: Organização do espaço físico para receber as famílias</i>	- <u>Categoria B-4.1:</u> Organização do espaço físico para os eventos - <u>Categoria B-4.2:</u> Informações aos familiares

ESQUEMA 10. Categorias do tema C: Interação entre professores/gestores com as famílias durante os eventos

<i>Classe de Categoria C-1: Interações entre professores/gestores e familiares</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-1.1:</u> Momentos de abertura e encerramento dos eventos - <u>Categoria C-1.2:</u> Interações da equipe gestora com os familiares durante os eventos - <u>Categoria C-1.3:</u> Momentos de entretenimento da plateia durante os eventos
<i>Classe de Categoria C-2: Oferecimento de lanches durante os eventos</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Categoria C-2.1:</u> Oferecimento de lanches aos familiares em alguns eventos - <u>Categoria C-2.2:</u> Oferecimento de lanches apenas aos alunos em alguns eventos

Nos itens a seguir serão apresentadas sínteses dos momentos que ilustram todas as categorias presentes nos esquemas 8, 9 e 10, permitindo, assim, conhecer o modo como elas foram agrupadas em classes que, por sua vez, deram origem aos três temas.

4.4.1 Tema A: Eventos promovidos pela escola com a presença da família

O primeiro tema proveniente da Análise de Conteúdo das sessões de observação resultou em dez categorias congregadas em três classes.

Classe de Categoria A-1: Formação das turmas no primeiro dia de aula

As duas categorias que compõem esta classe apresentam a análise do conteúdo observado na escola 01 durante o primeiro dia de aula do período da tarde, no momento em que as turmas são formadas.

- Categoria A-1.1: Coordenadora dá início à chamada dos alunos

Neste momento, uma das coordenadoras pedagógica da escola inicia o processo de formação das classes.

EVENTO: Chegada à escola; ATIVIDADE: Chamar cada aluno para sua classe; ATOS: A coordenadora pega o microfone e avisa que vai falar a série e a lista de nomes de alunos, sendo que quem tiver o nome chamado deverá subir as escadas e

ficar no pátio maior; ATORES: Coordenadora pedagógica; ESPAÇO: Pátio da escola; OBJETOS: Microfone; TEMPO: 1 minuto; METAS: Apresentar alunos aos seus professores; SENTIMENTOS: Generalização. A coordenadora foi muito direta ao iniciar este momento, não demonstrando estar interagindo com crianças. (04/02/2015)

- Categoria A-1.2: Formação das classes de 1º a 5º ano

A coordenadora pedagógica continua chamando os alunos do 1º ao 5º ano para se encontrarem com seus professores, como no exemplo a seguir.

EVENTO: Primeiro dia de aula; ATIVIDADE: Reunir os alunos no 1º ano; ATOS: A diretora está em pé no final da escadaria segurando duas raquetes com as mãos. A coordenadora anuncia os nomes dos alunos do 1º ano E. A professora responsável cumprimenta todas as mães com beijo na bochecha, toca no rosto das crianças, sorrindo para elas e perguntando se está tudo bem. Esta professora está sempre sorrindo. A diretora pede então para que ela organize a fila. A coordenadora pede para que façam silêncio para que todos ouçam os nomes. A segunda professora também segue em fila indiana para sua classe, com os pais acompanhando atrás dos alunos; ATORES: Diretora, coordenadora pedagógica, alunos, professora, mães; ESPAÇO: Pátio da escola; OBJETOS: Duas raquetes, microfone; TEMPO: 9 minutos; METAS: Organizar a turma para entrar na classe; SENTIMENTOS: Carinho. As crianças e as famílias pareciam estar bem satisfeitas com a professora, que era muito carinhosa com todos. (04/02/2015)

Por outro lado, a ausência de uma das professoras do 4º ano neste momento deixou alunos e coordenadora sem saber muito bem como agir.

EVENTO: Primeiro dia de aula; ATIVIDADE: Reunir os alunos do 4º ano sem a presença de uma das professoras; ATOS: Em seguida, a coordenadora anuncia o nome da professora do outro 4º ano duas vezes, pois ela não está no pátio esperando junto com as outras professoras. A coordenadora anuncia o nome dos alunos, que ficam esperando junto com a diretora. Outra professora comunica à coordenadora que foi procurar a professora ausente. Os alunos estão aglomerados em volta da diretora enquanto a professora não chega. As outras professoras que estão aguardando indicam aos pais e alunos onde que fica a sala deles; ATORES: coordenadora, alunos, diretora, professoras, pais de alunos; ESPAÇO: Pátio da escola; OBJETOS: Microfone; TEMPO: 23 minutos; METAS: Organizar a turma para entrar na classe; SENTIMENTOS: Confusão. A coordenadora não sabe explicar onde está a professora responsável pela turma, deixando os pais dos alunos e as crianças confusos com a situação. (04/02/2015)

Classe de Categoria A-2: Realização de festividades

A segunda classe deste tema é composta por cinco categorias que apresentam as observações das festividades realizadas nas três escolas participantes.

- Categoria A-2.1: Homenagens ao dia das mães

Os alunos dos períodos matutino e vespertino realizaram, na escola 01, homenagens em comemoração ao dia das mães. Algumas turmas do período da manhã prepararam uma surpresa para as mães no andar superior da escola, junto às suas salas de aula.

EVENTO: Comemoração do dia das mães; ATIVIDADE: Os alunos que estão no corredor do andar superior jogam pedaços de papel colorido em suas mães e batem palmas para elas; ATOS: As mães vão chegando ao andar superior e se deparam com as crianças formando um corredor para que elas passem. Enquanto elas passam pelo corredor, os alunos jogam os papéis nelas e batem palmas. No rádio, toca uma música de fundo sobre mães que a professora do 5º ano colocou. Algumas mães começam a chorar de emoção e as crianças parecem meio tímidas com a situação. As três professoras estão participando da festa; ATORES: Professoras, mães dos alunos, alunos; ESPAÇO: Corredor do andar superior; OBJETOS: Papéis, rádio; TEMPO: 11 minutos; METAS: Homenagear as mães dos alunos; SENTIMENTOS: Emoção. Mães, alunos e professoras estavam emocionados durante este momento. Algumas mães e até as professoras estavam com os olhos lacrimejando. As crianças pareciam felizes em poder homenagear as mães desta forma. (08/05/2015)

Além da surpresa, os alunos também entregaram um presente feito por eles para suas mães, já na sala de aula.

EVENTO: Comemoração do dia das mães; ATIVIDADE: As mães acompanham os alunos até a sala de aula para receber os presentes que eles prepararam para elas; ATOS: Em seguida, cada professora chamou seus alunos e os pais para entrarem em suas classes. Eu continuo com a sala do 5º ano. São 7:48 e as mães entram com seus filhos nas três salas. Os alunos parecem bem empolgados, pois eles irão entregar um presente que eles fizeram para suas mães. A professora e os alunos organizaram a sala previamente, deixando o presente em cima da carteira de cada aluno. A professora pede para que as mães acompanhem seus alunos até suas carteiras para receberem os presentes. Ela também agradece a presença de todas elas, dizendo que os alunos se empenharam bastante durante as atividades, fazendo tudo com muito carinho e amor. As mães abraçam os alunos e abrem os presentes. Elas agradecem e algumas vão até a professora agradecer também. Aos poucos as mães vão deixando a sala, indo embora. Assim que cada mãe sai, o aluno senta em sua carteira; ATORES: Professoras, alunos, mães; ESPAÇO: Sala de aula; OBJETOS: Presentes, carteiras; TEMPO: 9 minutos; METAS: Entregar os presentes feitos pelos alunos para suas mães; SENTIMENTOS: Amor. Mães e

alunos eram muito carinhosos uns com os outros, recebendo e dando abraços e beijos. Algumas mães estavam enxugando as lágrimas em seus olhos. (08/05/2015)

Já os professores do período da tarde prepararam uma homenagem com todos os alunos reunidos no pátio da escola.

EVENTO: Comemoração do dia das mães – período da tarde; ATIVIDADE: Alunos cantam em conjunto uma canção em homenagem ao dia das mães; ATOS: Em seguida, ela [coordenadora] anuncia que os alunos irão cantar, em conjunto, uma música para as mães que foi ensaiada durante muito tempo por eles para agradecer o amor delas. Eu não consigo entender muito bem o que eles estão cantando, pois há muito barulho no local. Os alunos do 2º e 3º ano iniciam a música e os alunos do 4º e 5º ano finalizam. Eu vejo que muitas mães estão emocionadas. Entretanto, também ouço uma mãe dizer que demorou muito e que isso atrapalhou o seu dia. As mães batem palma quando os alunos terminam; ATORES: Coordenadora, alunos, mães dos alunos; ESPAÇO: Pátio; OBJETOS: Caixa de som; TEMPO: 9 minutos; METAS: Apresentar a homenagem preparada para o dia das mães; SENTIMENTOS: Desorganização e emoção. A impressão foi a de que os professores não realizaram ensaios com todas as turmas juntas, pois os alunos estavam fora de ritmo. Talvez também não pensaram que a acústica não funcionaria no local, pois realmente não dava para entender o que as crianças estavam cantando por conta do barulho. Apesar destes contratempos, muitas mães estavam emocionadas vendo seus filhos cantarem. (08/05/2015)

- Categoria A-2.2: Apresentações do Folclore

Também na escola 01, após a semana especial em comemoração ao Folclore, foi realizado um evento no mesmo dia da reunião de pais para mostrar aos pais e familiares algumas das apresentações feitas pelos alunos durante esta semana. Os alunos do 1º ano 5º ano, de ambos os períodos, representaram, cantaram e dançaram músicas e lendas tradicionais do Folclore brasileiro.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais; ATIVIDADE: O professor que está narrando o evento introduz as apresentações das turminhas de 1º ano dos dois períodos; ATOS: O professor de Educação Física anuncia as turmas do 1º ano da manhã com a apresentação “O cravo e a rosa” e os 1º anos da tarde com a apresentação “Escravos de Jó”. Ele apresenta os 1º anos da manhã. São 18:20. Enquanto as crianças se posicionam no centro da quadra, as mães descem da arquibancada e ficam perto de seus filhos para tirar fotos e filmar com o celular e câmeras. Após a música, as três professoras organizam suas turmas em filas e deixam a quadra em direção à arquibancada. Os 1º anos da tarde se posicionam na quadra para dançarem “Escravos de Jó”. As duas professoras dançam junto com as crianças a coreografia e também repetem o processo de organizar as turmas em filas para saírem da quadra; ATORES: Professores, alunos, mães; ESPAÇO: Quadra de esportes; OBJETOS: Microfone, celulares, câmeras fotográficas; TEMPO: 12 minutos; METAS: Dar início às apresentações; SENTIMENTOS:

Emoção. O professor anuncia as apresentações de forma bastante empolgada, animando a plateia. Várias mães dos alunos choram durante a apresentação e as professoras são muito carismáticas, dando atenção para seus alunos e também para suas mães. (24/08/2015)

Como as apresentações ocorrem em ordem crescente de série, os pais e familiares dos alunos que já haviam se apresentado começaram a deixar a quadra de esportes, restando pouca gente na plateia para os últimos números.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais; ATIVIDADE: O professor descreve as apresentações que serão realizadas pelos alunos do 4º e 5º anos; ATOS: O professor de Educação Física continua dizendo que os 4º anos C e D, da tarde, e os 5º anos A e B, da manhã, farão uma “Dança gaúcha” e os 5º anos da tarde junto com os 4º anos da tarde cantarão a música “Marinheiro encosta o barco”. Depois os 4º anos da manhã apresentam “Boi Bumbá” e “Boneca de lata”. Neste momento eu olho ao redor e vejo que muitos pais já deixaram a quadra, pois agora está bem mais vazia do que no início. O 4º ano da tarde da professora F. apresenta a peça “O macaco e a velha”; ATORES: Professor, alunos, familiares; ESPAÇO: Quadra de esportes; OBJETOS: Microfone; TEMPO: 17 minutos; METAS: Informar aos presentes as próximas atrações do evento; SENTIMENTOS: Descaso. Neste momento eu senti que houve grande descaso por parte da plateia, pois muitos já haviam ido embora após as apresentações de seus filhos, restando apenas algumas pessoas na arquibancada para assistir aos alunos do 4º e 5º anos. (24/08/2015)

- Categoria A-2.3: Feira de Ciências

Anualmente, a escola 03 promove uma feira de Ciências no último bimestre de aulas, com exposição aberta ao público por uma semana. Os alunos preparam toda a decoração e o conteúdo e também são responsáveis pelas apresentações aos visitantes. O tema da feira no ano da realização da coleta de dados foi “Anos 80 e 90”, com exposição de objetos, fatos históricos, artes, esportes, cinema e literatura correspondentes a essas duas décadas. A sala com objetos de época foi um momento nostálgico durante o tour oferecido aos visitantes.

EVENTO: Feira de Ciências 2015; ATIVIDADE: A professora inicia o tour levando o grupo para a sala organizada pelos alunos de quatro e cinco anos, com apresentação de objetos das décadas de 80 e 90; ATOS: Antes de iniciar, a professora que sigo informa que a viagem pelo tempo demorará por volta de 50 minutos. Ela nos guia pelo corredor interno da escola, nos levando até a sala dos fundos, onde encontramos a classe representada pelos alunos de quatro e cinco anos. As carteiras estão separadas em círculos e em cada área, há vários objetos relativos a essas décadas, tais como câmeras fotográficas, brinquedos, bonecas, jogos, rádios, vídeo cassete, televisores, discos de vinil, bandas musicais etc. Uma aluna de cinco anos vai explicando cada parte. Ao final, há uma apresentação com música da Xuxa realizada pelos alunos do 3º ano, com todos vestidos a caráter;

ATORES: Professoras, alunos, familiares; ESPAÇO: Sala de aula; OBJETOS: Carteiras, câmeras fotográficas, brinquedos, bonecas, jogos, rádios, vídeo cassete, televisores, discos de vinil; TEMPO: 13 minutos; METAS: Relembrar os objetos das décadas de 80 e 90; SENTIMENTOS: Carinho e nostalgia. Os familiares dos alunos ficaram meio nostálgicos vendo aqueles objetos que eram presentes em sua infância e juventude. Também foi muito bonitinho a forma como os alunos menores explicaram item por item, muito descontraídos. A apresentação final com o show da Xuxa fechou a exibição com chave de ouro, animando a todos. (27/10/2015)

Outro momento que provocou maior interação entre alunos e familiares foi durante a visita à sala dedicada aos esportes.

EVENTO: Feira de Ciências 2015; ATIVIDADE: A última sala que visitamos foi a dos esportes, onde os alunos apresentaram os fatos marcantes nessas duas décadas; ATOS: A professora diz que a última sala que visitaremos é dedicada aos esportes. Um aluno apresenta os feitos de Ayrton Senna na Fórmula I, através de vídeos e também mostrando alguns objetos, tais como seu uniforme e capacete. Em seguida, ele nos mostra algumas conquistas no futebol e no vôlei. Os pais que estão presentes começam a conversar entre si, relembrando vitórias e derrotas inesquecíveis da época. Quando saímos desta sala, a professora avisa que o tour acabou e que podemos andar livremente pelo pátio, onde estão expostos trabalhos feitos pelos alunos a respeito da História destas duas décadas; ATORES: Alunos, familiares, professora; ESPAÇO: Sala de aula; OBJETOS: Vídeos, objetos, uniforme, capacete, trabalhos feitos pelos alunos; TEMPO: 13 minutos; METAS: Visitar a sala de esportes; SENTIMENTOS: Alegria e comoção. Os pais dos alunos se empolgaram bastante nesta sala, mais do que nas anteriores, conversando sobre futebol e Fórmula I. Foi também comovente no momento em que passaram vídeos sobre a carreira de Ayrton Senna. (27/10/2015)

- Categoria A-2.4: Apresentação da Feira de Ciências

Esta categoria aborda o conteúdo trazido através da observação da apresentação de palco a respeito da Feira de Ciências 2015, realizada pela escola 03, no galpão da cidade, pois eventos que necessitam de boa acústica não são realizados na própria instituição. As apresentações ocorreram no período noturno, com a participação de toda a comunidade.

EVENTO: Festa de apresentação de final de ano; ATIVIDADE: A apresentadora do evento anuncia o show do grupo de violão da escola e, durante o intervalo, promove brincadeiras com a plateia; ATOS: Antes da primeira apresentação, algumas ajudantes de palco (alunas) distribuem pompons para pessoas da plateia que estão sentadas mais à frente. Todas as luzes se apagam para a primeira apresentação. Neste momento, a nave espacial sobe novamente, com todas as luzes piscando, para dar início ao 'Xou da Xuxa'. As crianças do 4º ano estão vestidas de paquitas e a filha da coordenadora da escola está vestida de Xuxa. Ela começa a apresentar o grupo de violão da escola. Mais alunos chegam ao palco para montar os instrumentos enquanto toca música da Xuxa ao fundo. Os alunos do violão sentam em cadeiras de frente para o público, que aplaude. A Xuxa entrevista o professor de

música, que diz que irá tocar quatro canções. Há cerca de 20 crianças tocando violão. A professora do 4º ano tira foto de todos os detalhes com a sua câmera profissional. As paquitas ficam balançando o pompom ao fundo ao final de cada apresentação, quando toda a plateia bate palmas e chacoalha seus pompons também. Neste momento, além de todos que estão sentados, tem muitas pessoas em pé também assistindo, pois não tem mais cadeira vazia. Durante a apresentação, tem efeito de luzes e de fumaça seca que saem da nave espacial. Quando a apresentação de violão termina, a apresentadora Xuxa pede “beijinho, beijinho” para um senhor conhecido de todos que está na plateia, que acolhe usuários de drogas e os encaminha para clínicas de reabilitação na região, e também para a 1ª dama da cidade; ATORES: Alunos, familiares e pessoas da comunidade, apresentadora, professores; ESPAÇO: Galpão da cidade; OBJETOS: Pompons, luzes, nave espacial, instrumentos musicais, cadeira, palco, violão, câmera fotográfica, fumaça seca; TEMPO: 20 minutos; METAS: Apresentar o grupo de violão da escola; SENTIMENTOS Animação. A plateia vibra muito com a apresentação de violão e também todos se divertem durante a brincadeira realizada com a plateia. (25/11/2015)

O encerramento deste evento foi outro momento de bastante animação entre as pessoas presentes.

EVENTO: Festa de apresentação de final de ano; ATIVIDADE: Ao encerrar o evento, a apresentadora agradece a todos os presentes por terem ido e finaliza com um show eletrizante; ATOS: A apresentadora convida todas as paquitas e paquitos ao palco para agradecerem a presença de todos naquela noite. Ela diz que está muito contente por animar aquela plateia tão empolgada, dizendo que é aluna do 9º ano da escola, filha da coordenadora, e que sempre se divertiu muito neste evento anual. Após este momento, o grupo do professor de Educação Física faz uma performance com a música-tema do filme Titanic. Os alunos rapidamente deixam o palco e as paquitas, paquitos e Xuxa voltam, dizendo que o evento havia terminado, desculpendo-se com a hora, e todos juntos cantam novamente a música “Ilariê”. Os demais alunos da escola adentram ao palco também, transformando aquele encerramento em uma grande festa, com efeitos de luzes e fumaça na nave espacial de novo. Aos poucos as pessoas começam a se levantar e a deixar o galpão; ATORES: Apresentadora, alunos, plateia; ESPAÇO: Galpão da cidade; OBJETOS: Palco, luzes, fumaça seca, nave espacial; TEMPO: 17 minutos; METAS: Encerrar o evento; SENTIMENTOS: Alegria. As pessoas na plateia parecem felizes e se empolgam bastante com a última música, “Ilariê”. (25/11/2015)

- Categoria A-2.5: Festa junina

As escolas 01 e 03 promoveram, na mesma data, suas festas juninas, sendo que ambas observações foram realizadas no período da tarde. A escola 01 promoveu diferentes apresentações entre as turmas de 1º e 5º ano.

EVENTO: Festa junina na escola 1 – período da tarde; ATIVIDADE: A professora que está apresentando o evento convida, em sequência, os alunos do 1º ao 5º para exibirem suas apresentações; ATOS: A professora convida as turmas de 1º ano para dançarem a música “requebra, requebradinha”. As professoras adentram ao centro da quadra e se posicionam esperando a música começar. Muitas mães descem da

arquibancada para fotografar seus filhos com celulares e câmeras fotográficas. Algumas mães se emocionam e choram um pouco. Quando a música termina, todos aplaudem e as crianças se retiram da quadra, em fila indiana, seguindo suas professoras. A professora anuncia as apresentações das turmas do 2º ano, que irá dançar a música “A festa”; do 3º ano com a música “Que falta me faz um xodó”; e do 4º ano com a canção “Menina bonita”. Em todas elas o procedimento é o mesmo que o relatado com as turmas de 1º ano. A professora então anuncia a quadrilha formada pelos alunos do 5º ano. Um dos professores de Educação Física vai falando os comandos no microfone e os alunos vão seguindo suas palavras. Em alguns momentos ele adiciona alguns elementos surpresa que não foram ensaiados, provocando risadas nos alunos; *ATORES*: Professores, alunos, mães dos alunos, público em geral; *ESPAÇO*: Quadra de esportes; *OBJETOS*: Celulares, câmeras fotográficas, microfone; *TEMPO*: 37 minutos; *METAS*: Assistir às apresentações dos alunos das turmas de 1º a 5º ano; *SENTIMENTOS*: Animação e emoção. A plateia se empolga com as músicas das apresentações, cantando em voz alta e também batendo palmas. Ao mesmo tempo, muitas pessoas ficam emocionadas ao verem as crianças dançando, cantando ou atuando, tornando o espetáculo ainda mais gracioso. (25/06/2015)

Já a escola 03 realizou a encenação de uma peça de teatro com os alunos do 4º e 5º ano e a dança da quadrilha com os alunos do 1º ao 3º ano.

EVENTO: Festa junina na escola 3 – período da tarde; *ATIVIDADE*: A professora do 4º ano é a narradora da peça de teatro que os alunos do 4º e 5º ensaiaram para apresentar durante o evento, a respeito de um casamento caipira; *ATOS*: Às 16:05 uma das professoras da escola agradece a presença de todos e convida as turmas de 4º e 5º ano para apresentarem uma peça de teatro. Eles irão encenar um casamento caipira. A professora da turma do 4º ano é a narradora da história e os alunos têm todas as falas decoradas, arrancando aplausos e risadas das pessoas que estão assistindo. Eles estão vestidos a caráter, com roupas e acessórios típicos de festa junina – vestidos floridos, trancinhas, chapéu de palha e ternos antigos ou calças rasgadas com botas. Ao final da apresentação, todos se levantam na arquibancada e batem palmas para os alunos; *ATORES*: Professoras, alunos do 4º e 5º ano, plateia com familiares e alunos; *ESPAÇO*: Quadra de esportes; *OBJETOS*: Roupas e acessórios típicos de festa junina – vestidos floridos, trancinhas, chapéu de palha e ternos antigos ou calças rasgadas com botas); *TEMPO*: 20 minutos; *METAS*: Assistir à peça de teatro apresentada pelos alunos do 4º e 5º ano; *SENTIMENTOS*: Diversão e orgulho. A peça era muito divertida e os alunos deram um show apresentando, impressionando a todos, além de provocar gargalhadas na plateia. (25/06/2015)

EVENTO: Festa junina na escola 3 – período da tarde; *ATIVIDADE*: O professor de Educação Física narra a quadrilha e os alunos do 1º, 2º e 3º ano dançam para a plateia; *ATOS*: Em seguida, a professora que está apresentando o evento convida os alunos do 1º, 2º e 3º ano para dançarem a quadrilha. Cada professor traz a sua turma para o centro da quadra e depois se afasta para a lateral. Um dos professores de Educação Física da escola pega o microfone e começa a dança. Algumas mães descem da arquibancada e vão fotografar as crianças com o celular. O professor dá os comandos bem devagar e as crianças vão acompanhando. Quando elas erram ou se confundem, ele vai até elas e as ajudam a entrar na coreografia novamente; *ATORES*: Professores, alunos do 1º, 2º e 3º ano, plateia com familiares e alunos; *ESPAÇO*: Quadra de esportes; *OBJETOS*: Microfone, celulares; *TEMPO*: 17 minutos; *METAS*: Assistir à dança da quadrilha dos alunos de 1º, 2º e 3º ano; *SENTIMENTOS*: Carinho e alegria. O professor foi muito carinhoso com os alunos,

pois muitos deles eram muito novinhos e não conseguiam acompanhar a coreografia. Sempre que alguém errava, as pessoas na plateia falavam “ohh” e depois aplaudiam, como se tivessem apoiando os alunos. (25/06/2015)

Classe de Categoria A-3: Reuniões de pais

Esta classe de categorias expõe o conteúdo obtido por meio da análise das observações de duas reuniões de pais, nas escolas 01 e 03.

- Categoria A-3.1: Professores atendem aos pais presentes

Esta categoria contempla os momentos em que os professores atenderam aos pais e familiares durante as reuniões. Na escola 01, as duas professoras que conduziam juntas a reunião com os pais dos alunos do 2º ano do período da manhã conversavam abertamente com eles, mesmo a respeito de assuntos mais delicados.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais; ATIVIDADE: As professoras conversam com os pais presentes sobre o desenvolvimento dos alunos em sala de aula; ATOS: Neste momento a S. está conversando com um pai. Estão presentes 14 familiares de crianças dos 2º anos que são considerados ‘ótimo’ e ‘bom’ (a direção da escola dividiu as crianças do 2º ano da manhã em níveis de aprendizagem: muito ruim, ruim, bom e ótimo). Mais uma mãe entra na sala, sobrando apenas uma carteira livre na sala de aula. Um dos pais termina de conversar com a professora e sai da sala. Agora ela fala com outra mãe. A A.P. conversa com outra mãe também, mas abaixada na carteira, enquanto a S. fica em pé e a mãe sentada. A mãe que estava conversando com a A.P. pergunta se pode ir. Eu, do fundo da sala, consigo ouvir o que a S. está falando (ela está na frente), a respeito do mau comportamento de uma aluna, mas que havia melhorado desde a última conversa que tiveram, porém a professora diz que a mãe precisa continuar cobrando em casa. As outras mães estão esperando por sua vez. A mãe de um aluno que levou suspensão se identifica. A S. mostra na lousa o que é letra de forma e pede para que a mãe reforce este conteúdo em casa. Uma mãe reclama de apelidos e a S. diz que sempre chama a atenção dos alunos quando isso acontece, pois ‘cada um é cada um’. A A.P. diz para uma mãe que o filho dela está lendo e escrevendo bem. Depois ela fala com outra mãe, dizendo que o filho dela às vezes chora na escola. Algumas mães se levantam e vão até a S. na frente da sala; ela dá recomendações aos pais para reforçarem a leitura e a escrita em casa. Uma mãe que estava sentada levanta a mão e pergunta pelo seu filho e descobre que está na sala errada (ela estava procurando pela professora do 5º ano). A S. pede para que a mãe não deixe a menina trazer maquiagem, pois ela avisou que vai tirar se vir de novo. A A.P. se despede da última mãe. Uma das mães que estava conversando com a S. reclama a respeito de dinheiro e a professora diz que explica para que eles não deixem o dinheiro à mostra; ela fala também sobre a tarefa e que o menino é ‘danado’ na sala. Ela pede para que a mãe faça pequenas chantagens em casa, dizendo que a professora vai ligar caso ele apronte na escola. A professora também pede para não bater na criança, mas para não deixar brincar, que tem que conversar bastante com eles. A S. diz que está sempre na escola para qualquer coisa que eles precisarem e ela pede para que eles olhem o caderno e agenda das crianças com frequência. Os pais dos alunos da A.P. já deixaram a sala e a professora está sentada em uma

carteira da primeira fileira mexendo em alguns papeis. A S. diz para uma mãe que sua filha é boa aluna. A professora também diz que é uma sala de crianças falantes. A última mãe está abraçada com a filha e explica que o desinteresse da menina tem a ver com o fato de que o pai sofreu uma internação compulsória e que ela está muito preocupada. Ela diz que as duas (mãe e filha) conversam bastante e a menina sabe de tudo o que acontece. Ela menciona que todos moram juntos na mesma casa. A professora pede para que a menina não se preocupe e pede para que ela vá bem na escola para deixar o pai feliz, pois ela tem que dar motivos para ele ficar feliz. A mãe diz que a menina não quer trazer mais preocupação (quando pede para ajudar com dever de casa, por exemplo). A professora S. pede para que os familiares evitem falar sobre o assunto na frente da filha porque isso está muito pesado para ela. Chega mais uma professora a S. diz: “apareceu a margarida” e pede para que ela treine bastante a leitura em casa. Todas as mães já saíram e são 20:05; ATORES: Professores, familiares, alunos; ESPAÇO: Sala de aula; OBJETOS: Carteira, maquiagem, dinheiro, lousa; TEMPO: 15 minutos; METAS: Atender aos pais presentes na reunião; SENTIMENTOS: Indiscrição. Nenhuma das duas professoras ao menos tentou ser discreta ao abordar os problemas dos alunos. Os familiares também não fizeram questão de falar mais baixo ou de forma particular com elas. (24/08/2015)

Foi possível observar, na escola 03, a forma como uma das professoras conduziu a reunião com os pais e familiares dos alunos de suas turmas.

EVENTO: 3ª reunião de pais; ATIVIDADE: Pais dos alunos do 5º ano dos dois períodos comparecem à reunião e conversam com a professora sobre o cotidiano das crianças; ATOS: Eu deixo a sala em que está o professor e entro na sala ao lado, onde está a professora do 5º ano da manhã e da tarde, atendendo aos pais dos dois períodos ao mesmo tempo. Na sala estão presentes 11 mães e a professora está na frente das carteiras respondendo a uma pergunta. Ela já transmitiu os recados passados pela direção e diz que está disponível para aqueles que quiserem conversar. Ela passa a lista de presença para os pais assinarem e vai entregando o boletim de um a um. Duas mães entram na sala e ela pede para que reforcem o conteúdo da tabuada em casa. A professora também avisa sobre a Prova Brasil e pede para que os alunos não falem no final de novembro. Ela diz que está contente com o desempenho dos alunos em Português e Matemática, mas que ainda é preciso reforçar a tabuada. Assim como o outro professor, ela também conhece os pais dos alunos e não precisa perguntar seus nomes. Mais duas mães chegam e ninguém deixa a sala. Um pai chega. A professora diz que os recados eram aqueles e quem quiser conversar pode procurá-la, mas que eles já estão liberados. Ela continua dizendo que também está disponível para atender aos pais nos horários de H.A. (hora-atividade), que é só ligar na escola e marcar que ela estará esperando. Ela agradece a presença de todos e os pais saem da sala às 18:01; ATORES: Professor e pais dos alunos; ESPAÇO: Sala de aula; OBJETOS: Carteiras, lista de presença, boletins; TEMPO: 19 minutos; METAS: Atender aos pais presentes na reunião; SENTIMENTOS: Confiança. Os pais dos alunos das turmas pareciam confiar bastante na professora, pois concordavam com tudo o que ela falava. (19/10/2015)

- Categoria A-3.2: Entrega de boletins

Nesta categoria, pode-se notar que muitos familiares vão às reuniões apenas para buscar o boletim de seus filhos.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais; ATIVIDADE: As professoras cumprem a pauta da reunião de pais; ATOS: Em seguida, ela entrega uma ficha de atualização de endereço para que os pais preencham em casa e entreguem no dia seguinte através dos alunos. Ela também entrega o boletim de cada aluno e avisa que este não precisa devolver, dizendo que estará disponível para conversar com o familiar que tiver vontade. Neste momento estão presentes 11 familiares (10 mães e 1 pai), seis crianças brincando no fundo da sala e duas acompanhando a mãe ao lado da carteira (todas dispostas em fileiras). A outra professora também começa a entregar as folhas. Mais três mães chegam na sala. Uma mãe pega o boletim e já sai. A A.P. vai entregando e falando de um em um, enquanto a S. chama o nome dos alunos e os familiares se manifestam. Mais uma mãe entra. Não há nada escrito na lousa. Mais três mães entram. Outra também pega o boletim e sai. São 19:49 e já não tem mais nenhuma criança brincando no fundo da sala de aula, apenas quatro meninas andando de um lado para o outro; ATORES: Professores, familiares, alunos; ESPAÇO: Sala de aula; OBJETOS: Ficha, boletim, carteira, lousa; TEMPO: 12 minutos; METAS: Cumprir a pauta programada para a reunião de pais; SENTIMENTOS: Distanciamento. Mais uma vez as professoras quase não demonstram carisma ou simpatia aos pais, mantendo distância deles. (24/08/2015)

Na escola 03, observou-se a movimentação de familiares dos alunos do Fundamental

II.

EVENTO: 3ª reunião de pais; ATIVIDADE: Algumas mães chegam apenas para buscar o boletim de seus filhos e já deixam a escola; ATOS: Eu saio junto com os pais e me sento na porta da sala, no pátio, em um banco de concreto. Fico observando algumas mães chegando ao pátio e procurando as salas de seus filhos dentre os professores do PEB II. Muitas chegam conversando com outras mães e quase não vejo a presença de pai no local. Elas pegam o boletim, assinam a lista de presença e vão embora. Às 18:23 não tem mais nenhum familiar presente. Fico esperando junto com os professores e gestores até às 18:30, quando a reunião é encerrada e todos são dispensados; ATORES: Pais dos alunos, professores, gestores; ESPAÇO: Pátio; OBJETOS: Banco de concreto, boletim, lista de presença; TEMPO: 29 minutos; METAS: Aguardar a chegada de mais pais de alunos; SENTIMENTOS: Desinteresse. As mães que estavam presentes mal perguntavam sobre seus filhos; apenas pegavam o boletim e saiam, como se não fosse importante saber mais sobre eles. (19/10/2015)

- Categoria A-3.3: Professores criticam a forma como os familiares se vestem para a reunião

Após a reunião de pais na escola 03, os professores criticavam a forma como muitas mães se vestiam para comparecer a estes eventos.

EVENTO: 4ª reunião de pais; ATIVIDADE: Alguns professores comentam sobre o modo como as mães dos alunos se vestem para ir até a escola, julgando as roupas inadequadas para a ocasião; ATOS: No caminho para o portão da escola, ouço alguns professores do PEB II comentando sobre as roupas que as mães usam para ir à reunião, sendo roupas curtas e vulgares, e que elas deveriam se vestir melhor

para este momento, para dar melhores exemplos aos filhos; ATORES: Professores; ESPAÇO: Saída da escola; OBJETOS: Portão, roupas; TEMPO: 5 minutos; METAS: Comentar sobre a reunião; SENTIMENTOS: Banalidade. Sem conhecer o histórico de vida daquelas pessoas, os professores estavam julgando as mães dos alunos apenas de acordo com as roupas que elas estavam usando. (19/10/2015)

4.4.2 Tema B: Organização dos eventos pela escola

A Análise de Conteúdo revelou, neste tema, quatro classes de categorias envolvendo a forma como as instituições participantes organizavam e se preparavam para os eventos que contavam com a participação das famílias dos alunos.

Classe de Categoria B-1: Momentos de espera até o início dos eventos

As duas categorias que compõem esta classe revelam como foram os momentos de espera até o início dos eventos.

- Categoria B-1.1: Organização dos alunos antes dos eventos

Na escola 01, enquanto aguardavam a chamada para o primeiro dia de aula, uma funcionária cuidava de alunos portadores de necessidades especiais.

EVENTO: Chegada à escola; ATIVIDADE: Supervisionando alunos especiais; ATOS: Outra funcionária da escola cuida de três irmãos que possuem necessidades especiais (duas meninas e um menino), sempre chamando seus nomes em voz alta; ATORES: Três alunos, funcionária da escola; ESPAÇO: Pátio da escola; OBJETOS: Nenhum; TEMPO: 6 minutos; METAS: Manter os três alunos com necessidades especiais próximos da funcionária; SENTIMENTOS: Despreparo. A funcionária não sabia como cuidar destes alunos com necessidades especiais, então ela gritava os nomes deles e exigia que ficassem perto dela. (04/02/2015)

- Categoria B-1.2: Organização dos professores e gestores antes dos eventos

Antes da reunião de pais na escola 03, os professores conversavam de forma descontraída na sala dos professores.

EVENTO: 4ª reunião de pais; ATIVIDADE: Os professores reclamam da crise no país antes do início da reunião; ATOS: Os professores continuam reclamando que a

crise é para pobre e professor, pois para rico crise não existe. Um professor diz que ta com calor e que vai ficar pelado, e outra professora brinca que já tem pouco professor ali, com ele pelado não sobraria ninguém. O clima é descontraído entre os presentes; ATORES: Professores; ESPAÇO: Sala dos professores; OBJETOS: Mesa; TEMPO: 8 minutos; METAS: Passar o tempo até a reunião começar; SENTIMENTOS: Descontração. Os professores parecem bem entrosados entre si e o clima é leve. Todos estão conversando e também rindo quando alguém fala algo engraçado. (19/10/2015)

Nesta mesma visita, professores e gestores aguardam no pátio a chegada dos pais e familiares para a reunião.

EVENTO: 4ª reunião de pais; ATIVIDADE: Professores e gestores estão no pátio aguardando a chegada dos pais; ATOS: Às 17:25 saio da sala e vou para o pátio de novo. Lá há duas mesas de ping-pong com listas de nomes dos alunos, canetas e boletins. Atrás de cada mesa estão sentadas duas professoras. Neste momento todos os professores já estão no pátio, assim como os gestores; ATORES: Professores e gestores; ESPAÇO: Pátio; OBJETOS: Mesas de ping-pong; TEMPO: 3 minutos; METAS: Aguardar a chegada dos pais; SENTIMENTOS: Expectativa. Os professores ficam olhando em direção à entrada, creio que aguardando a chegada dos pais. (19/10/2015)

Classe de Categoria B-2: Tentativa de atrair maior participação da família nas reuniões

As duas categorias presentes nesta classe mostram a expectativa dos gestores em conseguir maior participação da família, através da mudança no formato das reuniões tradicionais.

- Categoria B-2.1: Mudança no formato da reunião de pais para atrair mais familiares

As coordenadoras das escolas 01 e 03 dizem que estão ansiosas para saber se o novo modelo de reunião irá funcionar, fazendo com que mais pais compareçam.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais (escola 1); ATIVIDADE: Coordenadora pedagógica explica para a pesquisadora como será realizada a reunião de pais desta vez; ATOS: O portão estava aberto e eu passo pelo canteiro de flores, entro pela porta do prédio principal e sigo em direção à secretaria. No caminho eu encontro a coordenadora e peço para observar a reunião. Ela para e me diz que a reunião começará às 18hrs e explica que desta vez eles estão tentando algo novo: a reunião acontecerá com os dois períodos juntos pela primeira vez, com dois professores por sala e me mostra uma lista colada na parede indicando quais professores estarão juntos em quais salas. Ela aponta para a primeira sala de aula do bloco de baixo e fala que o professor de um 3º ano da tarde começou a reunião antes porque ele queria apresentar um seminário para os

pais presentes. Ela diz que está muito ansiosa e nervosa para saber se este modelo vai dar certo, trazendo maior participação dos pais e responsáveis. Ela também me explicou que antes da reunião terá uma apresentação que as crianças prepararam para o Folclore (elas apresentaram na semana anterior em comemoração ao Folclore, porém somente para os alunos e professores) que acontecerá na quadra. Eu agradeço as informações e desejo boa sorte. Ela agradece e sai andando em direção à secretaria; ATORES: Coordenadora pedagógica; ESPAÇO: Corredor em frente à secretaria; OBJETOS: Portão, canteiro de flores, porta, lista; TEMPO: 3 minutos; METAS: Verificar como acontecerá o evento; SENTIMENTOS: Agitação. A coordenadora pedagógica parecia muito agitada e ansiosa para descobrir se a forma como conduziram a reunião de pais desta vez poderia trazer melhores resultados. (24/08/2015)

EVENTO: 3ª reunião de pais (escola 3); ATIVIDADE: Coordenadora explica que esta reunião de pais será realizada de forma diferente, na tentativa de aumentar a participação da família; ATOS: Subo a escadaria em direção ao pátio e lá encontro as carteiras dispostas em semicírculo e também a coordenadora do Fundamental I junto com a diretora. Pergunto para a coordenadora como será a reunião e ela me diz que eles irão tentar algo diferente desta vez, devido à baixa participação de pais. Ela me explica que alguns professores do Fundamental II ficarão nas carteiras no pátio, para facilitar para aquelas famílias que têm filhos em diferentes séries. Ela diz que já está desanimada com aquela situação e que eles vão continuar tentando diversas formas para ver se conseguem maior participação familiar. As demais turmas do Fundamental I estavam nas salas de aula da escola, nos dois andares; ATORES: Coordenadora pedagógica, diretora; ESPAÇO: Pátio; OBJETOS: Carteiras; TEMPO: 4 minutos; METAS: Verificar como acontecerá a reunião; SENTIMENTOS: Ansiedade. Diretora e coordenadora parecem ansiosas para descobrir se aquele formato novo de reunião de pais irá funcionar. (19/10/2015)

- Categoria B-2.2: Professores acreditam que mudança no formato das reuniões não aumentará a participação familiar

Com relação ao novo formato de reunião de pais proposto pela escola 03, esta categoria revelou o que os professores pensavam sobre isso.

EVENTO: 3ª reunião de pais; ATIVIDADE: Os professores estão conversando a respeito da nova organização da reunião de pais, sendo que eles não acreditam que isso irá fazer com que mais familiares participem; ATOS: Vejo que os professores não estão no pátio e sigo para a sala dos professores, localizada de frente para o pátio. Abro a porta e vejo que os professores estão reunidos na sala, conversando entre si e rindo bastante, sentados em volta da mesa central. Eles reclamam dizendo que não acreditam que este novo formato irá dar certo, pois está muito calor e o pátio é muito abafado devido às telhas transparentes, que eles irão passar muito calor ali. Uma professora do PEB II diz que acha que seria melhor se a reunião fosse feita em dois dias, no entanto os pais dos alunos que mais precisam não iriam de qualquer jeito. Outro professor diz que os pais já passam o dia todo no calor e que eles não iriam à escola para ouvir falar mal dos filhos; ATORES: Professores; ESPAÇO: Sala dos professores; OBJETOS: Mesa; TEMPO: 12 minutos; METAS: Passar o tempo até a reunião começar; SENTIMENTOS: Descontração. Os professores parecem bem entrosados entre si e o clima é leve. Todos estão conversando e também rindo quando alguém fala algo engraçado. (19/10/2015)

Classe de Categoria B-3: Problemas durante os eventos

As categorias agrupadas nesta classe expõem alguns dos problemas que surgiram durante os eventos nas escolas.

- Categoria B-3.1: Problema com equipamentos

Na escola 01, antes do iniciar a chamada dos alunos para o primeiro dia de aula, houve um problema com a caixa de som e com o microfone.

EVENTO: Chegada à escola; ATIVIDADE: Diretora e funcionário tentam fazer com que a caixa de som e microfone funcionem para dar início ao 1º dia de aula; ATOS: Um funcionário da informática se posiciona a frente do refeitório, onde fica a escadaria que desce para o pátio maior, sendo que ele está carregando uma caixa de som, alguns fios e dois microfones. Atrás dele vem a diretora da escola. Os dois se abaixam e tentam ligar os fios na caixa de som. Eu me aproximo e pergunto o que eles estão fazendo e a diretora responde dizendo que estão fazendo “aquele negócio” funcionar. Eles caminham com a caixa de som para o outro lado e a diretora então caminha até mim e diz que o microfone não funcionou no período da manhã e que tinha sido difícil falar sem a ajuda do microfone. Ela continua dizendo que foi ao supermercado para comprar pilhas novas e mesmo assim ele não funcionou. A diretora se levanta e volta para a caixa de som, onde o funcionário da Informática ainda está tentando arrumar os fios. Duas professoras chegam no pátio maior e um funcionário que cuida do jardim chega para tentar arrumar a caixa de som e o microfone; ATORES: Dois funcionários da escola; diretora; duas professoras; ESPAÇO: Pátio da escola; OBJETOS: Caixa de som; fios; dois microfones; pilhas; TEMPO: 12 minutos; METAS: Consertar a caixa de som e os microfones; SENTIMENTOS: Confusão. Parecia que a escola não estava preparada para receber os alunos, sem testar os equipamentos previamente, causando alvoroço entre pais e alunos que aguardavam nos pátios. (04/02/2015)

- Categoria B-3.2: Falta de informações

Ainda na escola 01, a falta de informações a respeito da identificação das salas de aula com a classe ou o nome do professor provocou confusão durante a reunião de pais.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais; ATIVIDADE: Professores e familiares se direcionam as salas de aula para a reunião; ATOS: Os pais e professores se levantam e todos caminham em direção à porta de plástico para saírem da quadra. Os familiares estavam bastante perdidos e eu também, pois as listas com o nome das professoras por sala não estavam mais lá, como estavam quando eu cheguei. Ninguém sabia direito para onde ir. Eu segui o fluxo e caminhei pelo pátio/refeitório, passei pelo Salão Nobre e subi a rampa de acesso ao prédio principal. Não tinha nenhum papel na porta das salas informando qual professor estaria ali. Eu continuo andando. Alguns pais me param para me perguntar onde estaria tal ou tal professora e eu respondo que não sabia também. Há trabalhos das crianças expostos pelos corredores. Eu subo as escadas em direção ao piso superior

e logo na primeira sala à direita eu vejo a professora do 2º ano do período da manhã. Essa é a sala onde ficam os 5º anos da manhã e da tarde, o que indica que os professores não estão atendendo em suas respectivas salas de aula; ATORES: Professores, familiares; ESPAÇO: Corredores da escola e escadaria; OBJETOS: Porta de plástico, listas, trabalhos das crianças expostos; TEMPO: 10 minutos; METAS: Sair da quadra de esportes e procurar as salas de aula; SENTIMENTOS: Desorganização. A falta de informações deixou os familiares perdidos, sem saber pra onde ir. (24/08/2015)

Classe de Categoria B-4: Organização do espaço físico para receber as famílias

Nesta classe, as duas categorias apresentam a forma como as três escolas prepararam seus espaços para a realização dos eventos.

- Categoria B-4.1: Organização do espaço físico para os eventos

Esta categoria mostra a organização do espaço físico para receber os receber os familiares durante os eventos. Durante um evento realizado na escola 01, pais, professores e alunos tinham que sentar em lugares previamente decididos na arquibancada da quadra de esportes.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais; ATIVIDADE: Mais professores e pais de alunos estão chegando à quadra de esportes para aguardar o início das apresentações do Folclore; ATOS: Às 17:43 começam a chegar algumas mães (três). Duas professoras do 3º ano do período da tarde estão caminhando cruzando a quadra. A professora A. também surge na quadra e as três caminham em direção oposta a mim, do outro lado da arquibancada (de frente para a porta plástica de acesso). Mais mães e crianças continuam chegando. Às 17:47 chega o primeiro pai junto com sua filha. A professora A. adentra na quadra, juntamente com mais um pai. Chegam as professoras M., L., F., a de música, A. e mais mães. Um homem que está no palco junto com o professor de Educação Física faz o teste de som/áudio. As professoras M. e A. estão sentadas à minha esquerda, depois do caminho de acesso, e a nova coordenadora e a professora de música caminham em direção das duas. A professora de música diz para a A. e para a M. que as professoras deverão sentar do lado oposto da arquibancada. A professora D. adentra na quadra com mais mães e crianças. As professoras S. e G. cruzam a quadra carregando alguns materiais para suas apresentações. Chega a professora C. A coordenadora entra na quadra juntamente com o professor de Artes e mais pais e crianças fantasiadas para as apresentações. Chegam as professoras A.P. e M. Mães ainda estão chegando e se espalhando pelo lado da arquibancada onde eu estou sentada também. Chegam as professoras E., C. e a do AEE às 18:00. A professora A. continuou sentada onde estava e os pais dos seus alunos estavam sentados ao redor dela, talvez pelo fato de que ela tem um problema nos joelhos e não pode subir e descer muitos degraus. A professora S. atravessa a quadra. A professora D. está cruzando a quadra também. O que me chama a atenção neste momento é que as professoras estão mais bem vestidas do que normalmente são; ATORES: Professores, funcionário da escola, coordenadora, pais dos alunos; ESPAÇO: Quadra de esportes; OBJETOS: Porta plástica, equipamento de som, materiais para apresentação; TEMPO: 17 minutos; METAS: Se posicionar na arquibancada da quadra de esportes para assistir às apresentações dos alunos; SENTIMENTOS:

Animação. Pais e funcionários da escola parecem animados para as apresentações. As pessoas estão conversando e faz bastante eco na quadra. (24/08/2015)

Para a apresentação de palco da escola 02, foi montado um cenário especial no galpão da cidade caracterizando o tema abordado.

EVENTO: Festa de apresentação de final de ano; ATIVIDADE: Galpão da cidade é arrumado para receber o evento promovido pela escola; ATOS: O local está escuro, com as luzes apagadas. Existe um palco à frente e todas as cadeiras de metal estão dispostas em semicírculo, voltadas para o palco e com um corredor vazio ao centro. Quando eu chego ao local, muitas famílias já estão presentes, deixando apenas algumas cadeiras livres. Eu escolho uma cadeira vazia ao centro, à direita do palco. Na parte de trás de onde estão as cadeiras, está localizado o bar, onde são vendidos refrigerantes e salgadinhos. Sento-me ao lado de uma senhora, à minha esquerda, e pergunto se ela tem algum familiar que irá se apresentar. Ela responde que não, que seus filhos já são adultos, porém que ela sempre frequenta os eventos que a escola faz, porque “movimenta a cidade e é sempre muito bonito de se ver”. O tema da festa deste ano é “Anos 80 e 90”, e bem acima do palco tem uma nave espacial prateada com luzes piscando pendurada, como a do programa da Xuxa; ATORES: Familiares dos alunos, moradores da cidade; ESPAÇO: Galpão da cidade; OBJETOS: Luzes, palco, cadeiras, bar, refrigerantes, salgadinhos, nave espacial; TEMPO: 7 minutos; METAS: Aguardar o início das apresentações SENTIMENTOS: Organização. A decoração estava impecável, bastante rica em detalhes; o bar já estava funcionando e as pessoas não precisaram esperar muito para o evento começar. (25/11/2015)

- Categoria B-4.2: Informações aos familiares

A escola 03 colocou identificações na porta de cada sala de aula com o nome e a série de cada professor para a reunião de pais.

EVENTO: 3ª reunião de pais; ATIVIDADE: Observação do espaço físico onde será realizado a reunião de pais; ATOS: Continuo andando pelo pátio observando as classes onde ficarão alguns professores do Fundamental I. As salas estão identificadas com a série e o nome de cada professor que irá atender aos pais lá; ATORES: Ninguém; ESPAÇO: Pátio; OBJETOS: Papel; TEMPO: 2 minutos; METAS: Observar o espaço físico; SENTIMENTOS: Organização. As salas estão identificadas a fim de facilitar a procura dos pais que irão à reunião. (19/10/2015)

4.4.3 Tema C: Interação entre professores/gestores com as famílias durante os eventos

As duas classes presentes neste tema englobam cinco categorias que abordam os momentos em que houve interação entre familiares e professores/gestores durante os eventos promovidos pelas escolas.

Classe de Categoria C-1: Interações entre professores/gestores e familiares

Esta classe traz as categorias referentes ao contato direto da escola com os pais e familiares durante os eventos.

- Categoria C-1.1: Momentos de abertura e encerramento dos eventos

Compõem esta categoria os momentos em que professores ou gestores agradeceram a presença da família nas festividades. Uma professora que estava apresentando a festa junina do período da tarde da escola 01 aproveitou o intervalo entre as apresentações para reforçar a importância da presença da família nos eventos na escola.

EVENTO: Festa junina do período da tarde; ATIVIDADE: Durante o intervalo de uma das apresentações, a professora que estava conduzindo o evento aproveita a pausa para ressaltar a importância da participação da família no cotidiano escolar dos alunos; ATOS: Em seguida, a professora que está apresentando o evento agradece mais uma vez a presença dos pais, ressaltando a importância da participação da família na escola, pedindo para que eles continuem presentes, pois a educação dos alunos depende da parceria entre os alunos, município e famílias. Ela também enfatiza o fato de que as apresentações dos alunos são para suas famílias, agradecendo-as também por terem vestido seus filhos a caráter; ATORES: Professora, público em geral; ESPAÇO: Quadra de esportes; OBJETOS: Microfone; TEMPO: 2 minutos; METAS: Agradecer a participação das pessoas no evento; SENTIMENTOS: Gratidão. A professora parecia bastante sincera e empolgada ao ressaltar a importância da presença da família nos eventos promovidos pela escola, falando de modo claro e objetivo para que todos pudessem compreender sua mensagem. (25/06/2015)

Ainda na escola 01, a coordenadora pedagógica agradece a presença de todos para as homenagens do dia das mães e explica como será realizado o evento.

EVENTO: Comemoração do dia das mães; ATIVIDADE: Explicação sobre o evento; ATOS: A coordenadora caminha até o professor de Educação Física e pega o microfone que ele estava segurando. Ela diz: "Eu, em nome da escola A., gostaria de agradecer a presença dos professores e das mães para a singela homenagem em

comemoração ao dia das mães.”. Então ela explica os procedimentos: as mães devem acompanhar seus filhos até a sala de aula onde receberão os presentes e depois deverão descer para o refeitório, pois será oferecido um café da manhã para elas; os filhos ficam na classe e as mães vão para o pátio/refeitório; ATORES: Coordenadora, professor, mães; ESPAÇO: Pátio da escola; OBJETOS: Microfone, caixa de som; TEMPO: 6 minutos; METAS: Orientar as mães a respeito de como será o evento; SENTIMENTOS: Organização. A coordenadora tenta dar o máximo de detalhes para as mães presentes sobre como será o evento. (08/05/2015)

No dia da visita dedicada à família na feira de Ciências, idealizada pela escola 02, a diretora recebeu os pais, agradecendo pela presença de todos.

EVENTO: Feira de Ciências 2015; ATIVIDADE: Diretora abre a porta que dá acesso ao pátio da escola e dá boas-vindas aos familiares e pessoas da comunidade que foram prestigiar a feira de ciências da escola; ATOS: Eu chego ao portão de entrada da escola às 18:55 para o tour oferecido aos familiares que iniciará às 19:00. Reparo que acima da porta que dá acesso ao pátio há um pano preto preso à parede escrito “Feira de Ciências 2015”, imitando um filme de rolo daqueles usados por câmeras fotográficas antigas. Há muitos pais e familiares presentes, inclusive crianças pequenas e idosos. As 19:00 a diretora abre a porta e convida a todos para entrarem na escola. Os pais passam pela porta e eu aguardo até que todos entrem. Ela então agradece a presença de todos e parabeniza o trabalho feito pelos alunos para que tudo ficasse perfeito; ATORES: Familiares, diretora, alunos; ESPAÇO: Hall de entrada da escola; OBJETOS: Portão, porta, pano; TEMPO: 5 minutos; METAS: Esperar o início do tour pela feira de ciências; SENTIMENTOS: Excitação e carinho. As pessoas que estavam esperando abrir a porta pareciam muito animadas, pois elas comentavam que todas as feiras promovidas pela escola eram muito boas, que era um evento. Todos pareciam ter muito carinho pela instituição, seus professores e alunos. (27/10/2015)

Durante a apresentação de palco da escola 02, diretora e coordenadora abriram juntas o evento.

EVENTO: Festa de apresentação de final de ano; ATIVIDADE: Ao iniciar o evento, as gestoras agradecem a presença de todos no evento, que é aberto para toda a comunidade; ATOS: Às 19:00, o DJ começa a tocar a música “Ilariê”, da Xuxa, e a nave espacial vai descendo até tocar o chão do palco. Neste momento, o DJ diminui o volume do som e a diretora da escola adentra no palco, agradecendo a presença de todos para a segunda parte do projeto que foi desenvolvido durante a feira de finalização de ano, com o tema “Anos 80 e 90”. A coordenadora da escola pega o microfone e também agradece os presentes, dizendo que hoje o intuito da apresentação é focar mais na parte musical e em filmes de sucesso nos anos 80 e 90, além do “sucesso do xou da Xuxa”. A diretora então convida a todos para ficarem em pé para cantarem o hino nacional, o da cidade e o da escola. Todos se levantam e cantam os três hinos, batendo palmas ao final. A coordenadora pede, por favor, para que ninguém fique no corredor e nem na frente para tirar fotos, pois as crianças usarão todo o espaço e isso pode dificultar a visão de quem está no fundo. Muitas pessoas continuam chegando ao galpão: crianças pequenas, idosos, pois o evento é aberto para toda a comunidade; ATORES: DJ, diretora, coordenadora, familiares dos alunos, alunos e pessoas da comunidade ESPAÇO: Galpão da cidade; OBJETOS: Nave espacial, aparelho de som, microfone; TEMPO: 11

minutos; METAS: Dar início ao evento; SENTIMENTOS: Entrosamento. Tudo estava funcionando bem. O DJ sabia a hora exata de aumentar ou diminuir o volume do som; as gestoras pareciam realmente trabalhar em conjunto e ambas demonstraram forte ligação com a plateia. (25/11/2015)

Na escola 03, uma das professoras encerrou a festa junina do período da tarde.

EVENTO: Festa junina na escola 3 – período da tarde; ATIVIDADE: Professores encerram as apresentações e se despedem das pessoas que compareceram ao evento; ATOS: Às 16:45 ele encerra a quadrilha e se despede das pessoas. A outra professora liga seu microfone e agradece a todos, dizendo que os alunos também estão dispensados, pois o lanche da festa foi servido no dia anterior; ATORES: Professores, alunos, familiares; ESPAÇO: Quadra de esportes; OBJETOS: Microfone; TEMPO: 3 minutos; METAS: Encerrar o evento; SENTIMENTOS: Organização. O evento foi muito bem organizado, começando no horário, com apresentações bem ensaiadas, divertidas e emocionantes. As pessoas não pareciam cansadas e nem entediadas. (25/06/2015)

- Categoria C-1.2: Interações da equipe gestora com os familiares durante os eventos

A presente categoria contempla os momentos em que houve interações da equipe gestora com os familiares dos alunos nos eventos na escola. Na visita à feira de Ciências na escola 02, a diretora introduziu o tema abordado naquele ano e também apresentou as professoras que conduziriam os grupos pelas salas.

EVENTO: Feira de Ciências 2015; ATIVIDADE: Diretora explica o tema da feira para os familiares; ATOS: Ela [diretora] diz que seguindo a sequência cronológica das outras feiras, este ano serão abordados os anos 80 e 90 e que depois terá a apresentação de palco no final do ano, no galpão da cidade. A escola está inteira decorada com TNT colorido e desenhos temáticos. Ela apresenta as professoras que irão guiar os grupos pelas salas, pois cada turma trará um tema diferente; ATORES: Diretora, familiares, professoras; ESPAÇO: Pátio; OBJETOS: TNT, desenhos; TEMPO: 3 minutos; METAS: Apresentar o tema da feira e formar os grupos para o tour; SENTIMENTOS: Dedicção. A decoração da escola estava impecável, tudo muito bem feito. A diretora e as professoras estavam sempre sorrindo e atendia a todos com muita simpatia. (27/10/2015)

Em meio às apresentações do Folclore, a diretora da escola 01 apresentou a nova coordenadora pedagógica a alguns pais que estavam sentados na arquibancada da quadra de esportes.

EVENTO: Apresentação do Folclore seguida de reunião de pais; ATIVIDADE: Ao passar pela arquibancada onde os familiares estão sentados, a diretora apresenta a nova coordenadora pedagógica da escola; ATOS: Após a apresentação das turmas, a diretora caminha de mãos dadas com uma das coordenadoras em direção ao local onde os pais estão sentados e a apresenta para eles. Ela diz que uma das coordenadoras não se encontra mais na escola. E que a nova coordenadora da escola é a C., pois a L. foi para 'a outra'. A professora A. passa pela quadra e a diretora caminha para onde os professores estão sentados. A coordenadora tira foto dos pais na arquibancada; ATORES: Diretora, coordenadora, familiares, professora; ESPAÇO: Quadra de esportes; OBJETOS: Máquina fotográfica; TEMPO: 7 minutos; METAS: Fazer com que alguns familiares conheçam a nova coordenadora recém-chegada na escola; SENTIMENTOS: Constrangimento. A nova coordenadora pareceu ficar sem graça com a atitude da diretora. Ela sorriu para os pais que estavam sentados, mas creio que ela não esperava ser apresentada desta maneira. (24/08/2015)

- Categoria C-1.3: Momentos de entretenimento da plateia durante os eventos

Foram realizadas algumas brincadeiras com os pais e familiares que compareceram aos eventos entre as apresentações. O professor que estava conduzindo as homenagens do dia das mães do período da manhã pede para que a plateia dance junto com os alunos.

EVENTO: Comemoração do dia das mães; ATIVIDADE: Pais e alunos dançam juntos; ATOS: Mais uma vez o professor de Educação Física fala no microfone para que todos dançam juntos mais uma vez (levantando a mão direita, depois a esquerda, levantando o pé direito, depois o pé esquerdo etc). No final desta música ele fala: "muito bem! Uma salva de palmas para os alunos!" e todos batem palma. Em seguida ele diz: "não sei por que os alunos estão tão quietinhos hoje" e todos riem. Então ele explica que toda sexta-feira, antes de se direcionarem para as salas de aula, os alunos cantam e dançam músicas deste tipo, infantis com fundo religioso, porém "sem conotação à religião nenhuma, pois são escolhidas músicas que louvam a Deus aleatoriamente, sem especificar nenhuma religião, para reforçar a ideia de louvar a Deus e a Jesus em qualquer idade". Enquanto ele fala isso, várias mães balançam a cabeça para cima e para baixo, como se concordassem com essa posição. O professor diz que vai passar o microfone para uma das duas coordenadoras para que uma das delas explique qual vai ser a programação da comemoração e também pede uma salva de palmas para as "pauletes". Todos aplaudem; ATORES: Professor, pais dos alunos, alunos, coordenadoras; ESPAÇO: Pátio da escola; OBJETOS: Microfone, caixa de som; TEMPO: 13 minutos; METAS: Descontrair pais e alunos; SENTIMENTOS: Diversão. Os presentes se divertem dançando a coreografia. (08/05/2015)

Durante os intervalos entre os shows da apresentação de palco da escola 02, a apresentadora do evento promoveu brincadeiras com a plateia.

EVENTO: Festa de apresentação de final de ano; ATIVIDADE: A apresentadora do evento promove uma brincadeira com a plateia durante o intervalo entre as apresentações; ATOS: Depois da apresentação do G-V, a Xuxa pergunta quem quer

brincar e diz que precisará de três duplas. Seis pessoas (três mulheres e três homens) se disponibilizam e ela pede para que todos subam no palco, explicando que cada dupla deve ficar no canto. O casal deve colocar uma laranja na testa (um contra o outro) e dançar, segurando a laranja na testa, sendo que quem derrubar a laranja deixa a brincadeira. O DJ então colocou uma música dos anos 90. Uma dupla (duas mulheres) deixou cair a laranja e desceu do palco. A apresentadora fica dando comandos para eles abaixarem, ir pra esquerda, para a direita e, em seguida, duas duplas (dois homens e uma mulher com um homem) deixam a laranja cair ao mesmo tempo. Ela então pergunta pra quem eles querem mandar beijos. A dupla com duas mulheres fala, como nos programas na TV: “eu quero mandar um pra minha mãe, um para o meu pai e outro especialmente pra você”. Ela beija os participantes, que voltam para suas cadeiras na plateia; ATORES: Apresentadora, pessoas da plateia, DJ; ESPAÇO: Galpão da cidade; OBJETOS: Palco, laranja, cadeiras, música; TEMPO: 10 minutos; METAS: Entreter a plateia durante o intervalo entre as apresentações; SENTIMENTOS: Descontração. As pessoas que se disponibilizaram a participar da brincadeira entram no clima e não parecem envergonhas. O público presente vibra e se diverte diante da performance das pessoas que estão no palco. (25/11/2015)

Classe de Categoria C-2: Oferecimento de lanches durante os eventos

Esta última classe é composta por duas categorias que abordam a questão relativa ao oferecimento de lanches para alunos e familiares em alguns eventos.

- Categoria C-2.1: Oferecimento de lanches aos familiares em alguns eventos

Nesta categoria serão apresentados os momentos em que foram oferecidos café da manhã e café da tarde no evento de homenagens para as mães dos alunos na escola 01.

EVENTO: Comemoração do dia das mães; ATIVIDADE: Um lanche é servido para as mães no refeitório após as homenagens feitas pelos alunos; ATOS: Desço a escadaria e caminho em direção ao pátio onde está sendo servido o lanchinho para as mães. No balcão onde é servida a comida para as crianças durante o recreio, foram colocados recipientes plásticos com sanduíche de pão com carne moída e bolo, garrafas térmicas com café e biscoito de polvilho. Algumas funcionárias da cantina estavam em pé atrás do balcão servindo as mães com um item de cada. As mães passavam pelo balcão, pegavam o que queriam e seguiam para o portão de saída. Algumas estavam sentadas nas mesas do pátio conversando entre si. Às 08:10 hrs não tinha mais nenhuma mãe no pátio da escola; ATORES: Funcionárias da escola e mães; ESPAÇO: Refeitório e pátio; OBJETOS: Balcão, recipientes plásticos, sanduíches de pão com carne moída, bolo, garrafas térmicas com café, biscoito de polvilho, mesas; TEMPO: 12 minutos; METAS: Servir o lanche para as mães dos alunos; SENTIMENTOS: Pressa. A maioria das mães passava apressada pelo balcão onde o lanche estava sendo servido e já ia em direção à saída da escola. Ouço algumas mães dizendo que estão atrasadas para o trabalho. (08/05/2015)

EVENTO: Comemoração do dia das mães – período da tarde; ATIVIDADE: Após a canção apresentada pelos alunos, é oferecido um café da tarde para as mães; ATOS: A coordenadora liga o microfone novamente e diz que será servido um lanche para as mães no refeitório. Muitas mães já saem da escola antes mesmo de

buscar o lanche. Outras vão em direção ao refeitório e pegam o café, cachorro quente e bolo, mas a maioria delas parece estar com pressa para ir embora; ATORES: Coordenadora, mães dos alunos; ESPAÇO: Pátio, refeitório; OBJETOS: Microfone, lanche, café, cachorro quente, bolo; TEMPO: 11 minutos; METAS: Encerrar a homenagem e servir o café da tarde para as mães; SENTIMENTOS: Pressa. Parecia que a maioria das mães estava com mais pressa pra ir embora do que aproveitar o lanche oferecido pela escola. (08/05/2015)

- Categoria C-2.2: Oferecimento de lanches apenas aos alunos em alguns eventos

Com relação ao lanche oferecido na festa junina na escola 01, apenas os alunos teriam direito a receber os quitutes, porém a diretora mandou servir a todos quando ela percebeu que sobraria sanduíches.

EVENTO: Festa junina do período da tarde; ATIVIDADE: Depois das apresentações, os alunos utilizam os vales recebidos para retirar um item de cada alimento típico servido no evento; ATOS: Eu me levanto e saio da quadra em direção ao pátio e refeitório onde estão sendo servidos os lanches e vejo que muitas mães estão conversando em frente ao portão de entrada e saída dos alunos. As crianças caminham em direção às salas, pois cada alimento será servido em um local diferente. Elas formam filas e entregam o vale para a professora que está cuidando daquele lugar e recebe o lanchinho. Eu vou até o balcão onde é servida a comida aos alunos no recreio e pergunto se estão precisando de ajuda. Uma das professoras diz que sim e me avisa que eu só posso entregar um sanduíche de pão com carne moída para cada aluno que apresentar o vale. Eu fico atrás do balcão, onde está uma bacia cheia de lanches e vou atendendo aos alunos. Alguns alunos pedem para pegar mais de um lanche, mas eu digo que não é permitido, pois outros alunos poderão ficar sem. Uma aluna vem até a fila e fala que sua mãe está grávida e pede um lanche a mais, mas eu também digo que não posso dar. Algumas mães estão acompanhadas de crianças pequenas, olhando para os lanches. Alguns alunos colocam os pães em sacos plásticos, dizendo que irão dividir quando chegar em casa; ATORES: Mães dos alunos, alunos, professores; ESPAÇO: Refeitório; OBJETOS: Lanches, portão, vales, balcão, sanduíche de pão com carne moída, bacia, sacos plásticos; TEMPO: 17 minutos; METAS: Servir os lanches para os alunos; SENTIMENTOS: Satisfação e pena. Por um lado, foi muito satisfatório entregar um alimento para uma criança que estava sozinha e que ficava extremamente feliz com o que estava recebendo. Por outro lado, fiquei com muita pena dos alunos que queriam pegar mais sanduíches para dividir com seus irmãos e familiares, pois não tinham alimento em casa. Em alguns momentos senti vontade de chorar de alegria e também de tristeza. (25/06/2015)

EVENTO: Festa junina do período da tarde; ATIVIDADE: Ao perceber que sobraria comida, a diretora pede para que as professoras entreguem toda a comida restante para os alunos que pedirem, incluindo seus familiares; ATOS: Quando o movimento diminui, a diretora vem até o balcão e diz que pode dar lanche pra quem quiser, pois irá sobrar muito. Os alunos a ouvem falando isso e gritam que o sanduíche está liberado. Neste momento, muitas crianças ficam atrás do balcão pegando o maior número de lanches possível, falando que todos em casa terão janta naquela noite. Quando todos os alimentos (além do pão com carne moída também foi servido pipoca, chocolate quente, bolos, biscoito de polvinho e paçoca) acabam, os alunos deixam a escola. Algumas professoras comentam que muitos deles vão apenas para comer e, por isso, a prefeitura havia limitado a comida apenas para os

alunos; ATORES: Diretora, professoras, alunos, familiares dos alunos; ESPAÇO: Refeitório; OBJETOS: Balcão, lanche, pão com carne moída, pipoca, chocolate quente, bolos, biscoito de polvilho, paçoca; TEMPO: 8 minutos; METAS: Dar lanches para todos; SENTIMENTOS: Alegria e comoção. Fiquei muito feliz e comovida vendo a felicidade das crianças pegando quantos lanches quisessem. Eles estavam radiantes e isso comoveu a todos os presentes. (25/06/2015)

As observações participantes destes eventos puderam complementar o conteúdo das entrevistas feitas com professores e gestores, além de oferecer a oportunidade de vivenciar, na realidade, o que constava nos PPPs de cada escola, aprimorando, assim, a elaboração dos resultados deste estudo.

Pode-se dizer que, após a Análise de Conteúdo das anotações feitas ao longo destas observações, foi possível identificar alguns pontos que merecem destaque por promover a relação da escola com a família, como a realização de festividades ao longo do ano letivo, capazes de conquistar maior participação das famílias e também as mudanças no formato das reuniões de pais, ou seja, práticas que vêm sendo efetuadas a fim de melhorar a parceria com as famílias.

Percebeu-se, ainda, algumas questões que precisam ser revistas e aperfeiçoadas, como a falta de acolhimento destas famílias nas festas e reuniões de pais, a exposição de problemas dos alunos em público e o pré-julgamento de familiares, por exemplo, o que requer uma mudança de comportamento por parte dos educadores a fim de abrir espaço efetivo para a participação da família não somente nos eventos, mas também para tomadas de decisão e elaboração do PPP.

O cruzamento entre os dados obtidos nesta sessão e a bibliografia levantada sobre a temática, na Introdução, será apresentado a seguir, no item Discussão, no qual será possível identificar e discorrer sobre as afinidades e divergências encontradas nesta relação.

5 DISCUSSÃO

Após a conclusão da análise dos resultados levantados por meio de entrevistas, observação participante e análise documental, serão debatidas, nesta seção, as principais contribuições deste trabalho, estabelecendo um diálogo com o conteúdo apresentado na revisão da literatura sobre a temática escola-família a partir da triangulação dos dados, sendo eles favoráveis ou não à investigação.

5.1 *Os temas analíticos*

A triangulação dos dados conseguidos na análise dos resultados permitiu a visualização de assuntos comuns aos três tipos de coleta utilizados – entrevistas, observação participante e análise documental, destacando sua recorrência e relevância.

De modo geral, percebe-se que os impasses e desencontros permeiam a relação da escola com a família, desde a elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) até a interação entre estes dois sistemas durante os eventos realizados nas instituições. No entanto, foram apresentadas ações capazes de aproximar família e escola, de maneira simples e eficiente, desmistificando o senso comum a respeito da dificuldade de promover esta integração.

A revisão bibliográfica apontou para a necessidade de criar uma gestão participativa e mais amistosa, o que viabilizaria o estabelecimento de estratégias positivas de aproximação entre família e escola. De acordo com dados do INEP/MEC, a participação da família na elaboração do PPP seria um passo inicial em direção à democratização, pois possibilitaria o acesso da comunidade à instituição. No entanto, a análise dos PPPs das escolas participantes mostrou que tal colaboração ainda inexistente, sendo citada algumas vezes a questão do envolvimento da família nos projetos, porém sem maiores detalhes sobre como isso seria praticado.

Tal fato também ficou evidente nas entrevistas com gestores e professores, não sendo mencionada a presença da família nas tomadas de decisões da escola. Isso demonstra que a escola ainda exerce o papel de estrutura detentora do saber, que determina como e quando a família é bem-vinda na escola, renegando-a ao segundo plano, onde atuam como espectadoras, sem voz ativa. Neste sentido, Ribeiro e Andrade (2006) e Marcondes e Sígolo (2012) pontuam que a família mantém uma postura submissa e passiva perante a escola, não questionando suas ações e justificando suas ausências.

As consequências da não participação familiar durante a elaboração do PPP e nas tomadas de decisões refletem em como se dá a sua relação com a escola. Uma possibilidade para estreitar estes laços seria abrir um espaço na escola para a escuta de objetivos, dúvidas, medos e contribuições da família. No entanto, percebeu-se que a escola tende a direcionar este relacionamento e valorizar a presença da família a partir do seu olhar e suas expectativas, em uma via de mão única, desconsiderando as trocas.

Carvalho (2004) revelou que a escola reclama a ausência da família e a culpa pelo fracasso escolar quando não consegue encontrar soluções ou lidar com dificuldades de aprendizagem e indisciplina, por exemplo, em um ambiente desfavorável para o desenvolvimento de seu trabalho. A autora ainda aponta para a necessidade de se conhecer a origem social de alunos e familiares, a fim de atenuar as relações de poder que permeiam estas instituições. Entretanto, isto seria possível apenas quando a família ocupar posição ativa e igualitária em relação à escola.

Outra contribuição é a observação da questão da singularidade do sujeito, dotado de experiências, memórias e pertencente a contextos socioeconômicos e culturais que influenciam a forma como ele percebe o mundo, solicitando que educadores e gestores tenham recursos para lidar com a diversidade, o que acabou por evidenciar o paradoxo de como eles exercem o seu trabalho no dia a dia escolar.

Por um lado, os professores demonstraram reconhecer a influência que o contexto exerce no comportamento do aluno em sala de aula e também como o familiar ou responsável interage com a escola, enfatizando a necessidade de conhecer o cenário em que vive cada criança e sua família de uma maneira mais ampla, respeitando limites, potencialidades e diferenças a fim de estreitar a sua relação com a escola.

Por outro lado, de acordo com a Sociologia da Educação de Bourdieu (Nogueira & Nogueira, 2002), também se espera a participação da família no dever de casa, nas reuniões de pais e em eventos promovidos pela escola, comportamentos baseados no modelo correspondente às classes mais privilegiadas socialmente, com suas próprias concepções de disciplina e valores, sem considerar as particularidades e restrições de cada família.

As entrevistas com os professores e gestores revelaram ainda o foco para o desenvolvimento de ações para minimizar as dificuldades associadas aos limites e desencontros entre estes sistemas e a necessidade de propiciar mais momentos nos quais as famílias pudessem estar presentes, o que corrobora a posição defendida por Faria Filho (1999) de que cabe à escola desenvolver ações para atrair a participação e presença familiar. Observou-se nos PPPs a existência de itens que abordavam a realização de eventos na escola

para a família, registrados por fotos, tais como comemorações no dia das mães, festa junina ou apresentações.

Entretanto, as observações participantes dos eventos mostraram que as festividades e reuniões de pais não condizem com a preocupação compartilhada pelos educadores, principalmente no que diz respeito à organização destes momentos e à falta de preparo para receber a família, situação evidenciada nas observações da escola 01, a maior do município, já que não havia informações disponíveis para os familiares e responsáveis e nem acolhimento por parte da equipe gestora e de educadores, destacando o baixo nível de execução destes projetos, na prática.

Outro ponto relevante sobre as dificuldades na relação da escola com a família diz respeito ao predomínio de desencontros nesta parceria, como enfatizado também pela bibliografia da área que apresenta uma relação marcada por falhas, principalmente na comunicação entre as partes, inviabilizando o desenvolvimento de estratégias que pudessem beneficiar tal interação (Silveira & Wagner, 2009; Marcondes & Sígolo, 2012; Resende, 2008; Saraiva & Wagner, 2013; Lima & Chapadeiro, 2015; e Gasparin, 2009). Pode-se dizer que, de certa forma, os educadores focam em problemas relacionados à indisciplina ou às falhas na aprendizagem, buscando o apoio da família a partir do momento em que os alunos apresentam estas questões.

Nesta configuração, muitos professores relataram a importância da presença dos gestores durante os encontros com os familiares, embora muitos deles não saibam exatamente como o trabalho desta equipe é desenvolvido. Neste sentido, parece não haver comunicação direta entre direção e educadores, principalmente acerca do estabelecimento de formas de conduta específicas na resolução de conflitos e tomadas de decisão. Também foi possível perceber, a partir das observações, a ausência da maioria dos gestores nos eventos realizados nas escolas, seja na recepção da família ou na condução das apresentações. Pode-se inferir que o papel dos gestores não é bem definido na instituição, não constando nos PPPs o direcionamento para a realização do trabalho ao longo do ano letivo, gerando acúmulo de funções e situações conflituosas.

Assim sendo, o senso comum na área escolar costuma rotular a maioria das famílias dos alunos de negligente com a educação dos filhos. Os resultados deste estudo, seguindo a teoria de Bourdieu (Nogueira & Nogueira, 2002), coincidem com o que diz a bibliografia a respeito da crença na falta de comprometimento por parte da maioria das famílias, como destacado pelos professores sobre o papel da família na educação das crianças.

Contudo, ao contrário deste estigma, pesquisas feitas com os pais dos alunos realizadas por Ribeiro e Andrade (2006); Fernandez et al. (2014); Pinto, Garcia e Letichevsky (2006); Bhering e Siraj-Blatchford (1999); Bezerra et al. (2010); Almeida, Ferrarotto e Malavazi (2017); Chechia e Andrade (2005) e Knijnik e Junges (2014) demonstraram que eles se interessam, sim, pela vida escolar dos filhos e têm interesse em poder contar com maior abertura para participar da dinâmica escolar, considerando suas limitações e dificuldades. Tais estudos poderiam ser utilizados pelos educadores para compreender aquilo que vem sendo requisitado pelas famílias, mesmo que não diretamente, a fim de promover uma mudança na postura da escola em relação à família e eventualmente facilitar esta parceria.

O conteúdo das entrevistas revelou que professores e gestores dizem se preocupar com a forma como tratam os familiares dos alunos e que procuram ganhar a sua confiança. Entretanto, as observações mostraram que a família não é bem acolhida pela escola, o que não condiz com o tipo de parceira que elas almejam, segundo os autores supracitados, ou seja, ainda há julgamentos e a ausência familiar é vista como fruto de desinteresse e descaso.

Considerando esta realidade, alguns estudos (Reali & Tancredi, 2005; Ribeiro, 2004; Maimoni & Bortoni, 2001; Nunes & Vilarinho, 2001) propuseram intervenções bem-sucedidas para a relação entre as instituições escolares e as famílias a fim de firmar alianças positivas e diminuir as barreiras desta interação, o que aconteceu a partir da mudança de postura por parte da escola, garantindo empoderamento aos familiares.

Tais resultados apontam para o fato de que é possível conseguir a parceria entre escola e família quando os esforços pessoais e mudanças de comportamento são incorporados ao trabalho feito por toda a equipe. Neste sentido, o relato dos professores e gestores, além das observações, mostrou que algumas características pessoais e o desenvolvimento de determinadas estratégias são capazes de aproximar a família do cotidiano escolar.

A partir das experiências positivas com os familiares dos alunos mencionadas pelos participantes, pode-se perceber que muitos deles, assim como Polonia e Dessen (2005) que ressaltam a importância da comunicação no estabelecimento desta relação, também destacaram o diálogo baseado na igualdade, no respeito e na utilização de uma linguagem simples que possa ser compreendida por todos, o que é capaz de fazer com que o familiar ou responsável se sinta aberto para falar sobre seus anseios, propor ações e colaborar com o que é solicitado pela professora, colocando o bem-estar do aluno em primeiro lugar.

Outro ponto marcante evidenciado pelos resultados foi a questão do respeito às diferenças, fator indispensável para o relacionamento com o próximo. Cada vez mais a escola recebe uma demanda oriunda dos mais diversos contextos e que estimula os educadores a

reverem a forma como lidam com a diversidade, independentemente de cor, raça, sexo, religião, classe social, formação familiar etc. De acordo com um estudo de Bezerra et al. (2010), os alunos de escola pública adotam uma postura inferiorizada em relação aos seus professores, tornando-se necessário o desenvolvimento de estratégias que visem reduzir estes efeitos negativos causados por diferenças existentes no ambiente escolar. Pode-se perceber o esforço por parte da equipe gestora e dos educadores em adotar em suas práticas o acolhimento às diferenças, não no sentido de tratar todos de maneira igualitária, mas sim de priorizar o respeito nos relacionamentos interpessoais.

Sobre conhecer o contexto em que a família vive, o conteúdo obtido por este estudo revelou como o comportamento do aluno na escola sofre influências do meio sociocultural no qual ele está inserido, enfatizando a necessidade de avaliar cada caso de modo singular, já que uma sala de aula agrupa crianças das mais diversas realidades. Segundo alguns autores (Montandon & Perrenoud, 1987; Killer-Laine, 1998; Marques, 2002; Nogueira & Nogueira, 2002), as transformações ocorridas no núcleo familiar e educacional em geral têm gerado dúvidas a respeito de qual o papel de cada parte na educação das crianças, sendo que a relação entre elas pode variar de acordo com o contexto sociocultural do qual são provenientes, tornando-se necessário considerar tais diferenças, pois as práticas sociais e educativas adotadas refletem no modo como a criança se comporta na escola e vice-versa.

Desta forma, a inserção do educador na comunidade se mostrou como uma importante ferramenta para promover a aproximação da família e ampliar as possibilidades de colaboração e intervenção. Seja pelo fato de morar no mesmo bairro ou por a unidade escolar pertencer a uma comunidade de pequeno porte, esta vivência permite ao educador conhecer mais de perto o cenário em que aquele grupo vive, tendo maior acesso a um conteúdo que vai além daquele percebido entre os muros escolares.

Ao mesmo tempo em que manter o foco nos problemas dos alunos pode afastar a família da escola, percebeu-se também que elogiar os alunos pode aumentar o elo do professor com a família. Os dados demonstram que professores que usam este artifício com frequência, ao invés de se queixarem dos alunos, conseguem maior apoio dos pais e responsáveis. Isso não significa deixar de mencionar o que está acontecendo de errado, mas sim rever a forma como estes fatos são transmitidos, ressaltando os aspectos positivos das crianças a fim de fortalecer também sua autoestima.

As características pessoais dos gestores e professores podem influenciar esta relação positiva ou negativamente. Ou seja, aqueles mais pacientes, amorosos e compreensivos relataram nunca ter vivenciado problemas com familiares de alunos, que se sentem à vontade

quando comparecem à escola, pois avaliam o relacionamento como igualitário e se voluntariam a participar e colaborar no que for preciso. Estes profissionais demonstraram estar disponíveis para a família não apenas em horários pré-estabelecidos, mas de acordo com a necessidade de cada um. Muitos utilizam as redes sociais como instrumento para manter o contato com os pais dos alunos, pois com o advento da *Internet* quase todos têm acesso à rede, o que pode ser mais eficiente do que a própria agenda do aluno.

Estes meios de comunicação também são utilizados para fornecer informações sobre o dever de casa. Estudos como o de Fernandez et al. (2014), Knijnik e Junges (2014) e Resende (2008) se propuseram a conhecer a forma como os pais veem a tarefa escolar, revelando que eles compreendem a sua importância para o processo de ensino-aprendizagem, porém indicam que muitos não dispõem de tempo ou recursos para auxiliar seus filhos neste momento. Os resultados permitem levantar a questão acerca da real efetividade do dever e a forma como ele é cobrado, além da revelação da opinião generalizada que atribui a não realização do dever à negligência da família, associando algumas composições familiares ao sucesso ou fracasso escolar.

Não consta nos PPPs, ainda, nada que aborde efetivamente o dever de casa, como forma de subsidiar e guiar o trabalho dos educadores, principalmente no que diz respeito às atitudes cabíveis em relação àqueles que não fazem a tarefa. Em meio a esta situação, notou-se o desenvolvimento de estratégias por parte dos docentes que visavam não prejudicar o aluno e que o enxergavam como um sujeito global antes do sujeito estudante.

Em alguns casos, os professores afirmaram aplicar o dever em sala de aula, considerando a diversidade sociocultural e econômica destes alunos, reconhecendo o fato de que muitos não podiam contar com a ajuda de adultos, recursos materiais ou espaço físico para fazer a tarefa em casa. Assim, o professor poderia auxiliar o aluno frente às suas dúvidas, garantindo que todos tivessem a oportunidade de revisar determinado assunto, além de não cobrar da família algo que ela não pode oferecer.

Embora não tenha sido encontrado nenhum artigo que abordasse este conteúdo na literatura da área, outra forma bastante eficaz para reduzir os conflitos que permeiam a questão do dever foi a realização de uma socialização em sala de aula no momento de correção da tarefa, na qual os alunos que não fizeram a tarefa têm mais uma oportunidade de assimilar o conteúdo abordado, além de compartilhar diferentes formas de raciocínio para a resolução dos problemas. Os professores que utilizam esta estratégia relataram que houve maior entrosamento entre os alunos em classe, fortalecendo a autoestima daqueles que, por

diversos motivos, nunca faziam o dever em casa, refletindo, ainda, na forma como a família lidava com a escola.

Estas experiências relatadas pelos professores sobre as possibilidades de rever a forma como o dever de casa é passado, sem deixar de lado a assimilação do conteúdo, são alternativas que colocam em cheque a relevância de atribuir uma tarefa para ser realizada em casa, na qual são cobradas determinadas atitudes por parte da família que não condizem muitas vezes com a sua realidade, dando origem a tensões e reforçando o sentimento de inferioridade frente à escola.

O último assunto exposto pelos resultados diz respeito às reuniões bimestrais de pais, consideradas por professores e gestores como importante fator na relação da escola com a família, embora não tenham se mostrado eficientes e sejam um motivo de constante preocupação da equipe pedagógica. Assim como o dever de casa, pode-se perceber que o sucesso e o fracasso escolar também são associados à presença ou ausência da família nestes momentos, generalizando a ideia de que os alunos bons estão ligados a pais e responsáveis mais comprometidos.

As observações realizadas mostraram que, na maioria dos casos, a família não é acolhida pelos educadores, revelando certa distância entre eles, na qual os pais assumem uma posição de espectador enquanto os educadores conduzem seus encontros. Muitas vezes não havia informações na escola a respeito de onde o professor estaria ou para onde estes pais deveriam se dirigir, deixando-os perdidos e confusos. Outro aspecto contraditório foi o fato de que determinados assuntos mais delicados geralmente não são abordados em particular, mas discutidos na sala na presença de outros pais, sem a preocupação com a discrição no tom de voz.

Desta forma, podemos questionar se as reuniões são suficientes para promover a relação da família com a escola, e como elas estão sendo desenvolvidas. Na tentativa de aumentar a participação familiar, foi proposta uma mudança na estruturação das reuniões nestas escolas, porém as alterações aconteceram no espaço físico e não na conduta dos educadores, o que resultou no insucesso destas ações. Notou-se que os professores que não utilizam estes momentos para trazer os problemas de sala de aula para os pais, além de dar abertura para discussão e ouvir sugestões, acolhendo de forma empática estes familiares, são aqueles que têm maior participação de pais e responsáveis, garantindo uma interação respeitosa e colaborativa com eles.

Para concluir esta seção, os dados obtidos por meio dos resultados apontaram para diversas dificuldades que permeiam a relação da escola com a família, contribuindo para a

criação de pré-julgamentos e generalizações frente aos problemas enfrentados no cotidiano escolar. Entretanto, destacou-se a criação de estratégias por parte dos professores e gestores para reverter este quadro, além do desenvolvimento de atitudes positivas na forma como eles se relacionam com as famílias, criando um ambiente amistoso e colaborativo que beneficia o processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes.

No próximo item será realizada uma revisão dos objetivos propostos por este estudo com a avaliação se foi possível ou não alcançá-los.

5.2 *Objetivos propostos*

Analisando os objetivos propostos por este estudo, pode-se dizer que, de maneira geral, foi possível alcançá-los, considerando, ainda, as limitações pertinentes a este tipo de pesquisa. Neste tópico serão abordadas as relações entre objetivos gerais e específicos, as informações da análise de dados e a literatura acadêmica, assim como apontar os limites encontrados neste trabalho.

Esta pesquisa se propôs a conhecer a percepção de professores e gestores atuantes na rede municipal de Ensino Fundamental sobre a relação escola-família, bem como identificar práticas desenvolvidas no sentido de promover esta interação. Neste sentido, destacaram-se as dificuldades vivenciadas pela equipe escolar ao lidar com os familiares dos alunos (Viana 2005; Silveira & Wagner, 2009; Marcondes & Sígolo, 2012), em uma relação marcada por desencontros e acusações mútuas, na qual a presença da família é requisitada sem que sua diversidade seja considerada, assim como apontado por Mauricio (2005), ao dizer que a escola valoriza a participação familiar nos eventos por ela propostos, revelando um perfil conservador destes docentes.

Mesmo com tantas barreiras, ficou evidente o interesse e o esforço por parte destes profissionais em promover esta relação, buscando desenvolver práticas pedagógicas e mudanças de atitude que culminaram no maior envolvimento dos familiares com o processo educativo de seus filhos. Tais estratégias buscam valorizar e retomar a autoestima do aluno e sua família, priorizando o elogio, respeito mútuo, diálogo e a influência do contexto sociocultural que envolve estes atores, dando abertura para que eles participem ativamente do cotidiano escolar.

Determinadas práticas pedagógicas adotadas por alguns professores envolvem adaptações na forma como o dever de casa é transmitido, visto que a tarefa pode criar momentos de tensão no ambiente familiar (Knijnik & Junges, 2014) a partir do momento em

que estes sujeitos não dispõem de recursos para auxiliar a criança da forma como é esperado pela escola (Carvalho, 2004). Sendo assim, alguns docentes realizam a correção do dever através de uma socialização em sala, promovendo troca de informações entre os alunos e dando a oportunidade para que todos apreendam o conteúdo ensinado. Outra forma encontrada para evitar estas tensões foi aplicar o dever no horário de aula, pois, desta forma, o professor sanaria as dúvidas que surgissem e não cobraria da família algo que ela não pudesse oferecer.

Com relação às reuniões de pais, pode-se dizer que elas se mostraram ineficazes no que tange o estabelecimento desta parceria. A forma como ela é conduzida reflete na baixa participação da família, uma vez que falta acolhimento e informação por parte da equipe escolar, além de manter o foco na indisciplina e baixo rendimento dos alunos, expondo estes assuntos de forma indiscreta na presença de outras pessoas durante estes encontros.

A falta de acolhimento também foi percebida nos eventos promovidos pelas escolas (com exceção de uma unidade escolar, na qual o acolhimento por parte dos educadores resultava em eventos lotados e bem organizados), que se mostraram insuficientes na tentativa de aproximar estas duas instituições.

Embora tenha sido possível atingir aos objetivos deste trabalho, é importante mencionar suas limitações. Por ser um estudo qualitativo, do tipo etnográfico, não são permitidas generalizações dos resultados obtidos e nem comparações com outros trabalhos, visto que a coleta foi feita em um cenário específico, ou seja, um caso isolado e que, em diferentes contextos, a mesma pesquisa poderia obter diferentes resultados, reforçando a necessidade de realizar outros estudos nesta área.

Como pode ser verificado na Tabela 5, na seção Método, não foi possível realizar a observação participante de todos os eventos e reuniões de pais promovidas pelas escolas. Muitas vezes as datas e horários coincidiam, impossibilitando a visita a alguma instituição, além da falta de informação sobre determinado evento por parte da escola, limitando a coleta deste conteúdo.

6 CONCLUSÕES

Este estudo revelou algumas considerações que permeiam a relação da escola com a família, permitindo conhecer mais a fundo algumas características desta parceria, segundo o olhar da equipe escolar, a fim de compartilhar práticas adotadas por professores e gestores que se mostraram capazes de aproximar estas instituições.

Os resultados e a teoria nesta área apontam para a necessidade de a escola criar oportunidades para que a família esteja presente no cotidiano educacional, porém percebeu-se um equívoco com relação à forma como são planejadas estas ocasiões. Os estudos feitos com pais dos alunos vão ao encontro dos resultados do presente trabalho, no sentido de que promover mais eventos destinados à família se mostrou ineficaz se não houver mudança de postura por parte dos educadores na maneira como veem estes pais e na forma como os tratam ao longo do ano letivo, bem como se faz necessário acolhê-los de maneira empática nos momentos em que eles comparecem à escola, valorizando suas contribuições e planejando os eventos de forma a melhor atendê-los.

Falta, por parte dos educadores, abrir espaços para ouvir a família, além de incluí-la nos momentos de tomada de decisão, pois na realidade a escola acaba impondo os momentos em que os familiares devem comparecer à unidade ou o que eles precisariam fazer para colaborar com determinado projeto.

Neste sentido, a parceria deveria ser estabelecida sem tais imposições feitas pela equipe escolar ao determinar como se daria a participação da família, ou seja, espera-se que ela frequente as reuniões de pais e festividades, que ajude o aluno com o dever de casa e que compareça quando requisitada. Entretanto, a participação familiar pode ir além, através do estabelecimento de diálogos com o intuito de considerar suas dúvidas, anseios e sugestões, no sentido de que as ações destes dois sistemas se complementem.

A abertura e melhoria na comunicação entre escola e família permitiriam, em conjunto, discutir as possibilidades de encontro; repensar o modelo tradicional do dever de casa em uma perspectiva que considerasse a influência do contexto sociocultural dos alunos e seus familiares; planejar ações e as formas para colocá-las em prática, em uma relação baseada na igualdade e no respeito.

Ainda que mantenham o foco nas barreiras desta relação, foi possível perceber a existência de experiências positivas entre escola e família, revelando as possibilidades de encontro nesta parceria, nas quais determinadas atitudes e posturas se mostraram responsáveis por promover esta interação.

Estas experiências positivas revelaram exemplos em que escola e família vivenciaram momentos de colaboração mútua nos quais os alunos foram os maiores beneficiados. Nestas ocasiões, identificou-se que ao ouvir estes familiares abertamente, com carinho, amor e respeito, sem julgá-los ou reforçar comportamentos negativos de seus filhos são práticas capazes de promover uma interação igualitária e empática com estes familiares.

Ao reconhecer as possibilidades e limitações destas famílias, compreendendo o seu contexto fora dos muros escolares, cria-se uma relação na qual as diferenças são minimizadas e novas estratégias são discutidas a partir da necessidade de cada grupo como, por exemplo, o planejamento de adaptações quanto ao dever de casa e a percepção de que é necessário repensar a forma como são desenvolvidas as reuniões de pais e demais eventos na escola.

Podemos concluir, então, inferindo que o relacionamento eficaz entre escola e família é possível e deve ser buscado por educadores, pois como pode ser percebido neste estudo, características pessoais podem influenciar esta parceria, assim como a realidade na qual a unidade escolar está inserida; no entanto, atitudes simples podem modificar aqueles cenários nos quais as barreiras para o estabelecimento desta interação são recorrentes, transformando o cotidiano escolar em algo prazeroso e compartilhado, beneficiando o processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS⁴

- Almeida, L. C., Ferrarotto, L., & Malavasi, M. M. S. (2017). Escola Vista de Fora: o que dizem as famílias?. *Educação & Realidade*, Epub February 23, 2017.
- André, M. E. D. A. (2001). *Etnografia da prática escolar*. 6ª Ed. Campinas. Papirus.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições 70.
- Bezerra, E. F. et al. (2010). *Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária*. Educar, Curitiba, n. 37, p. 279-291, maio/ago: UFPR.
- Bhering, E. (2003). *Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental*. Contrapontos, 3 (3), 483-510.
- Bhering, E., & Siraj-Blatchford, I. (1999). *A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 106, p.191-216.
- Bogdan, R., & Biklen S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. (Trad. Alvarez Maria João; Santos, Sara Bahia e Baptista, Telmo Mourinho). Portugal: Porto Editora, 336.
- Brasil. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 15 maio. 2014.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). *The ecology developmental processes*. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (5th ed., pp. 993-1028). New York: John Wiley Sons.
- Carraro, P. R. (2003). *Crenças e representações dos professores sobre o construtivismo, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) e as inovações pedagógicas no contexto das diretrizes propostas para o ensino fundamental a partir da nova LDB*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

⁴ De acordo com as Normas da APA - American Psychological Association

- Carraro, P. R. (2008). *O professor do ensino fundamental em grupos reflexivos em uma abordagem sociodramática*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Carvalho, M. E. P. (2000). *Relações entre família e escola e suas implicações de gênero*. Cadernos de Pesquisa, 110,143-155.
- Carvalho, M. E. P. (2004). Modos de educação, gênero e relações escola-família. *Cadernos de Pesquisa*,34(121), 41-58.
- Carvalho, M. E. P. (2006). *O dever de casa como política educacional e objecto de pesquisa*. Revista Lusófona de Educação, 8, 875-102.
- Carvalho, M. P., & Vianna, C. P. (1994). *Educadoras e mães de alunos: um (des)encontro*. In: BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Org.). Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, p. 133-158.
- Castro, J. M., & Regattieri, M. (2009). *Interação escola-família: subsídio para práticas escolares*. – Brasília: UNESCO, MEC.
- Chechia, V. A., & Andrade, A. S. (2002). *Representação de pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos*. Livro de Artigos - Tomo II do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: v. p. 207-216.
- Chechia, V. A., & Andrade, A. S. (2005). *O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar*. Estudos de Psicologia (UFRN), v. 10, p. 431-440.
- Chechia, V. A., & Andrade, A. S. (2012). *A Família na Contemporaneidade: significados e possibilidades de um novo perfil da relação família-escola*. De Littera Et Scientia, v. 9, p. 50-69.
- Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução n o 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html. Acesso em 23 de nov. 2014.
- Costa, J. A. (2003). *Projectos educativos das escolas: um contributo para a sua (des)construção*. Educação e Sociedade, 24, 1319-1340.

- Cunha, M. V. (2007). *A Escola Contra a Família*. In: 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). *As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança*. In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 132-151). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Epstein, J. L. (1986). *Parents' reaction to teacher practices of parent involvement*. *The Elementary School Journal*, 86, 277-294.
- Fantuzzo, J., Tighe, E., & Childs, S. (2000). *Family involvement questionnaire: A multivariate assessment of family participation in early childhood education*. *Journal of Educational Psychology*, 92(2), 367-376.
- Faria Filho, L.M. (1999). *Estado, cultura e escolarização em Minas Gerais no século XIX*. In: VIDAL, D.G. *A memória e a sombra*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, p.117-136.
- Faria Filho, L. M. (2000). Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. *São Paulo Perspec.* vol.14 no.2
- Fernandes, P. V., & Aragão, E. M. A. (2011). Peculiaridades entre conselho tutelar e crianças encaminhadas pela escola. *Fractal : Revista de Psicologia*, 23(1), 219-232. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922011000100015>
- Fernandez, Ana Patrícia de Oliveira, Pontes, Fernando Augusto Ramos, Silva, Simone Souza Costa e, Lima, Mayara Barbosa Sindeaux, & Santos, Cláudia Oliveira dos. (2014). Envolvimento parental na tarefa escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(3), 529-536. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183786>
- Ferreira, M. C. T., & Marturano, E. M. (2002). *Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 35-44
- Fonseca, M. (2003). *Projeto político pedagógico e o Plano de Desenvolvimento da Escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar*. *Cadernos do CEDES*, 23,

302-318.

Gasparin, K., & Vieira, M. A. L. (2009). *Interação e parceria entre escola e comunidade na reunião de pais*. 7º Simpósio de Ensino de Graduação, Unimep, Piracicaba.

Glasman, D. (2005). *Le travail des élèves pour l'école en dehors de l'école*. Chambéry: Université de Savoie.

Garde, M. (2003). *Criatividade: um estudo sobre as crenças e representações dos professores do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

González-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.

Hernández, A. M. S. (1995). *A relação escola e família na opinião de seus agentes*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Keller-Laine, K. (1998). *Parents as partners in schooling: The current state of affairs*. *Childhood Education*, 74, 342-345.

Knijnik, G., & Junges, D. L. V. (2014). A Relação Família-Escola e a Prática do “Dever de Casa” de Matemática: um estudo sobre seus tensionamentos. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, 28(49), 662-681.

Lima, T. B. H., & Chapadeiro, C. A. (2015). Encontros e (des)encontros no sistema família-escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 493-502.

Longhi, S. R. P., & Bento, C. L. (2006). *Projeto Político Pedagógico: Uma construção coletiva*. Revista de divulgação técnico científica do ICPG. Blumenau, vol.3, n.9 jul.-dez., p.173-178.

López. J. S. I. (2002). *Educação na família e na escola*. Coleção *O que é, como se faz?* (M.C. Mota, Trad.) São Paulo: Loyola (Trabalho originalmente publicado em 1999).

- Luciano, E. A. de S. (2006). *Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Maimoni, E. H., & Bortone, M. E.. (2001). Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5(1), 37-48.
- Malavazi, M. M. S. (2000). *Os Pais e a Vida Escolar dos Filhos*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Unicamp.
- Marcondes, K. H. B., & Sigolo, S. R. R. L. (2012). *Comunicação e envolvimento: possibilidades de interconexões entre família-escola?* Ribeirão Preto: Paidéia (Ribeirão Preto) vol.22 no.51.
- Marques, R. (2002). *O envolvimento das famílias no processo educativo: Resultados de um estudo em cinco países*. <http://www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm> Acessado em 20 de maio de 2014.
- Mauricio, L. V. (2005). *A participação dos pais na ótica dos professores*. 28a Reunião Anual da ANPEd, 16 a 19 de outubro de 2005, Caxambu, MG.
- Minayo, M. C. S. (1999). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Montandon, C., & Perrenoud, P. (1987). *Entre parents et enseignants: un dialogue impossible?* Paris, Peter Lang.
- Moreira, H.; Caleffe L.G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. RJ:DP&A, 2006.
- Nogueira, C. M. M., & Nogueira, M. A. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, 23(78), 15-35.
- Nunes, D. G., & Vilarinho, L. R. G. (2001). “Família possível” na relação escola-comunidade. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5(2), 21-29.
- Oliveira, C. B. E., & Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estud. psicol. (Campinas)* vol.27, no.1.

- Paro, V. H. (1997). *Gestão Democrática da Escola Pública*. São Paulo: Ática.
- Paro, V. (2001). Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso? In: _____. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Xamã, p.101-112.
- Pereira, V. A., & Lima, M. G. S. B. (2010). *A pesquisa etnográfica: construções metodológicas de uma investigação*. *Encontro de Pesquisa em Educação*, VI. http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_15_2010.pdf
- Peres, C. M. (2006). *Atividades extracurriculares: representações e vivências durante a formação médica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Petersen, T. V. (2008). *Percepções dos Alunos do Ensino Médio sobre o Professor Real e Ideal, em Relação às suas Características Pessoais e profissionais e à interação com os alunos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Pinto, F. C. F., Garcia, V. C., & Letichevsky, A. C. (2006). Pesquisa Nacional Qualidade na Educação: a escola pública na opinião dos pais. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(53), 527-541.
- Pires, L. H. S. (2008). *Representações e vivências de estudantes de psicologia sobre sua formação*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Polonia, A. C., & Dessen, M. A. (2005). *Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola*. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 303-312.
- Reali, A. M. M. R., & Tancredi, R. M. S. P. (2005). *A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva*. *Paidéia*, 15 (31), 239-247. Resende, T. F. (2008). *Entre escolas e famílias: Revelações dos deveres de casa*. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(40), 385-398.
- Ribeiro, D. F. (2004). Os bastidores da relação família-escola. 283 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Ribeiro, D. F., & Andrade, A. S. (2006). *A assimetria na relação entre família e escola pública*. *Paidéia (USP. Ribeirão Preto. Impresso)*, v. 16, p. 385-394.

- Rocha, M. S. P. M. L., Alves, L. G., & Santos, T. C. (2012). Relações escola-família: estudo bibliográfico na ANPEd e CONPE*. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 113-130.
- Saraiva, L. A., & Wagner, A. (2013). A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 21(81), 739-772.
- Silva, B. C. C. (2003). *O trabalho com professores em atividades grupais reflexivas numa abordagem sociodramática*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Silva, J. C. (2012). *Reflexões sobre a política da relação família-escola*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina.
- Silveira, L. M. O. B., & Wagner, A. (2009). *Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores*. Campinas: Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol. 13 n.2
- Soares, C. B., Ávila, L. K., & Salvetti, M. G. (2000). *Necessidades de saúde de adolescentes do D. A. Raposo Tavares, SP, referidas à família, escola e bairro*. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 10(2), 19-34.
- Spradley, J. P. (1980). *Participant Observation*. Orlando-Florida: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Stein, L. M. (1994). *TDE: Teste de desempenho escolar: manual para aplicação e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tancredi, R., & Reali, A. (2000). *Visões de professoras sobre as famílias de seus alunos: um estudo na área da educação infantil*. Mimeo, p. 1-16.
- Vianna, M. J. B. (2005). As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. *Educação & Sociedade*, 26(90), 107-125.
- Volling, B. L., & Elins, J. (1998). *Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings*. Child Development, 69(6), 1640-1656.

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_uenp_pedagogo_md_ana_monica_pereira.pdf#page=6 Acessado em 20 de maio de 2014.

(ANEXO A)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
ESCLARECIMENTOS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES

- 1- Título da pesquisa: Os professores da rede de ensino de um município do interior paulista e suas relações com as famílias dos alunos: percepções e vivências.
- 2- Pesquisadora responsável: Larissa Nascimento Costa Vidotti
- 3- Orientador responsável: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.
- 4- Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

Você está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada “Os professores da rede de ensino de um município do interior paulista e suas relações com as famílias dos alunos: percepções e vivências”.

Esta pesquisa será realizada nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista e tem como objetivo compreender a percepção e vivências do professor a respeito da relação da escola com a família dos alunos, incluindo as dificuldades em se estabelecer este tipo de interação, bem como identificar quais são as práticas desenvolvidas pela escola que incluam a participação da família ao longo do ano letivo.

Com esta pesquisa, espera-se contribuir para o estabelecimento de uma melhor relação da escola com a família, podendo trazer melhorias para a educação e aprendizagem, beneficiando o desenvolvimento humano.

Esclareço que os procedimentos previstos para este trabalho compreendem duas entrevistas: a primeira abordará temas relacionados à sua formação, história e prática profissional e a segunda sessão investigará mais especificamente suas experiências em sala aula e com os pais/responsáveis pelos alunos; além de observações dos eventos da escola nos quais os pais ou responsáveis estejam presentes. Para a execução dessas atividades, que serão realizadas na própria escola durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), com a sua autorização, como modo de registro e documentação, realizarei as gravações em MP3 e anotações em diário de campo. As gravações serão apagadas no final da pesquisa. Como se trata de uma pesquisa científica é fundamental que possamos ter a reprodução mais exata possível do que se relata durante a entrevista. Cada encontro terá a duração de aproximadamente 60 minutos.

É importante destacar que você terá liberdade para retirar seu consentimento e deixar de participar desta pesquisa a qualquer momento, se desejar ou precisar, sem nenhum prejuízo para você. Todos os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados pela pesquisadora responsável comprometendo-se com a garantia de sigilo de sua identidade. Na eventual publicação dos resultados, o mesmo será mantido. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo, e os resultados a serem obtidos nesta pesquisa serão de grande importância para futuros trabalhos sobre este tema. Comprometo-me ainda, ao final de todas as análises dos dados obtidos, na medida de seu interesse, disponibilizar-lhe um relatório final contendo as principais conclusões e sugestões. Caso você opte por participar, você receberá uma via deste Termo.

Eu, _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o Projeto de Pesquisa intitulado “Os professores da rede de ensino de um município do interior paulista e suas relações com as famílias dos alunos: percepções e vivências”, que tem como pesquisadora responsável Larissa Nascimento Costa Vidotti,

especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa e aos procedimentos que serão utilizados, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

1. A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
2. A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho ou a mim.
3. A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade.
4. O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo. Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Para eventuais dúvidas sobre questões éticas da pesquisa, contatar: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Monte Azul Paulista, ___ de _____ de _____

Assinatura do Participante

Pesquisadora: Larissa N. Costa Vidotti
Fone: (17)981449581/(17)33612352
E-mail: lari_vidotti@hotmail.com

(ANEXO B)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES

1. Título da pesquisa: Os professores da rede de ensino de um município do interior paulista e suas relações com as famílias dos alunos: percepções e vivências.
2. Pesquisadora responsável: Larissa Nascimento Costa Vidotti
3. Orientador responsável: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.
4. Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada “Os professores da rede de ensino de um município do interior paulista e suas relações com as famílias dos alunos: percepções e vivências”.

Esta pesquisa será realizada nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista e tem como objetivo compreender a percepção e vivências do professor a respeito da relação da escola com a família dos alunos, incluindo as dificuldades em se estabelecer este tipo de interação, bem como identificar quais são as práticas desenvolvidas pela escola que incluam a participação da família ao longo do ano letivo.

Com esta pesquisa, espera-se contribuir para o estabelecimento de uma melhor relação da escola com a família, podendo trazer melhorias para a educação e aprendizagem, beneficiando o desenvolvimento humano.

Esclareço que os procedimentos previstos para este trabalho compreendem conversas informais com os gestores da escola, através de encontros agendados previamente de acordo com a sua disponibilidade, com duração de 60 minutos, aproximadamente; além de observações dos eventos da escola nos quais os pais ou responsáveis pelos alunos estejam presentes, de acordo com a duração do evento. Para a execução dessas atividades, que serão realizadas na própria escola durante os horários agendados, com a sua autorização, como modo de registro e documentação, realizarei as gravações em MP3 e anotações em diário de campo. As gravações serão apagadas no final da pesquisa. Como se trata de uma pesquisa científica é fundamental que possamos ter a reprodução mais exata possível do que se relata durante o encontro. É importante destacar que você terá liberdade para retirar seu consentimento e deixar de participar desta pesquisa a qualquer momento, se desejar ou precisar, sem qualquer prejuízo para o senhor(a). Todos os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados pela pesquisadora responsável comprometendo-se com a garantia de sigilo de sua identidade. Na eventual publicação dos resultados, o mesmo será mantido.

Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo, e os resultados a serem obtidos nesta pesquisa serão de grande importância para futuros trabalhos sobre este tema. Comprometo-me ainda, ao final de todas as análises dos dados obtidos, na medida de seu interesse, disponibilizar-lhe um relatório final contendo as principais conclusões e sugestões. Caso o(a) senhor(a) opte por participar desta pesquisa, o(a) senhor(a) receberá uma via deste Termo.

Eu, _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o Projeto de Pesquisa intitulado “Os professores da rede de ensino de um município do interior paulista e suas relações com as famílias dos alunos: percepções e vivências”, que tem como pesquisadora responsável Larissa Nascimento Costa Vidotti, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa e aos procedimentos que serão utilizados,

declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

1. A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
2. A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho ou a mim.
3. A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade.
4. O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo. Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Para eventuais dúvidas sobre questões éticas da pesquisa, contatar: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 – 14040-901 - Ribeirão Preto - SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Monte Azul Paulista, ____ de _____ de _____

Assinatura do Participante

Pesquisadora: Larissa N. Costa Vidotti
Fone: (17)98144-9581/(17)3361-2352
E-mail: lari_vidotti@hotmail.com

(ANEXO C)

TEMAS DESENVOLVIDOS NA PRIMEIRA SESSÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR:

MINHA FORMAÇÃO

MEU EMPREGO ATUAL

MINHAS EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

TEMAS DESENVOLVIDOS NA SEGUNDA SESSÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR:

MINHAS EXPERIÊNCIAS COM A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A FAMÍLIA

DEVER DE CASA E REUNIÃO DE PAIS

FACILIDADES E DIFICULDADES NA RELAÇÃO DA ESCOLA COM A FAMÍLIA

(ANEXO D)

TEMAS DESENVOLVIDOS NA SESSÃO DE ENTREVISTA COM O GESTOR:

CONCEPÇÕES SOBRE A RELAÇÃO DA ESCOLA COM A FAMÍLIA

**PRÁTICAS DESENVOLVIDAS PELA ESCOLA QUE ENVOLVAM A
FAMÍLIA**

COMO É FEITO O CONVITE PARA A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA